

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM SOCIEDADE E
CULTURA

NATALIA DOS SANTOS GOMES

“TODO MUNDO QUER IR PRA SÃO PAULO”:
EXPERIÊNCIAS DE VIDA E TRABALHO DE MIGRANTES DOS CARNAUBAIS
PIAUIENSES (2000 A 2024)

TERESINA

2024

NATALIA DOS SANTOS GOMES

**“TODO MUNDO QUER IR PRA SÃO PAULO”:
EXPERIÊNCIAS DE VIDA E TRABALHO DE MIGRANTES DOS CARNAUBAIS
PIAUIENSES (2000 A 2024)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura (PPGSC), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura.

Orientadora: Cristiana Costa da Rocha

TERESINA

2024

G631t Gomes, Natalia dos Santos.

“Todo mundo quer ir pra São Paulo”: experiências de vida e trabalho de migrantes dos carnaubais piauienses (2000 a 2024) / Natalia dos Santos Gomes. - 2024.

104 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura – PPGSC, *campus* Poeta Torquato Neto, Teresina - PI, 2025.

“Orientadora: Profa. Dra. Cristiana Costa da Rocha.”

1. Migração. 2. Migrantes. 3. Trabalhadores – Cocal de Telha (PI).
I. Título.

CDD: 306

NATALIA DOS SANTOS GOMES

**“TODO MUNDO QUER IR PRA SÃO PAULO”:
EXPERIÊNCIAS DE VIDA E TRABALHO DE MIGRANTES DOS CARNAUBAIS
PIAUIENSES (2000 A 2024)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura (PPGSC), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura.

Aprovada em ____/____/202__

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiana Costa da Rocha – Orientadora
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isídio Cardoso – Examinador Interno
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Márcia Milena Galdez Ferreira – Examinadora Externa
Universidade Estadual do Maranhão

*Dedico este trabalho a Deus, que me deu
forças nos momentos em que minha fé foi
abalada. Em memória de minha tia
Marlene, meu maior exemplo de fé e
vontade de viver.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja proteção, luz e força foram essenciais para que eu pudesse atravessar os desafios e conquistar este momento tão significativo. Agradeço à minha mãe Eliane, meu pai Francisco, minha madrastra Margarida, e aos meus irmãos Laryssa, Anderson e Jhónatas, por acreditarem em mim e por todo o amor e apoio incondicionais. A minha sobrinha Chloe, que encheu a minha casa de alegria e aqueceu meu coração com sua pureza e carinho.

Ao meu esposo Ronairo, meu agradecimento profundo pelo seu apoio e incentivo. Sua presença foi um alicerce essencial durante essa caminhada. Agradeço ao meu amigo e irmão Ronaldo, pela amizade incondicional e por ter sido meu suporte em Teresina, sempre disposto a me ajudar. Agradeço também às minhas amigas Laisa e Daniela pela amizade e incentivo.

Sou imensamente grata à minha orientadora, professora Cristiana Rocha, por todo o incentivo, conhecimento compartilhado, reflexões profundas, críticas construtivas e, principalmente, pela empatia que sempre demonstrou. Seu apoio foi fundamental para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, e eu sou verdadeiramente grata.

Agradeço também aos professores Milena Galdez e Alexandre Isídio pela gentileza de sua presença em minha banca de mestrado. Agradeço aos docentes da UESPI, cujo conhecimento contribuiu para a minha formação. Um reconhecimento especial ao professor Alexandre, pelas valiosas contribuições ao meu trabalho.

A minha sincera gratidão à Socorrinha, secretária da pós-graduação, por sua atenção, carinho e generosidade, que sempre aqueceram meu coração e tornaram os momentos desafiadores mais leves. Agradeço também a meu amigo professor Reinaldo Barroso pelo incentivo e apoio para o meu ingresso e permanência no mestrado.

Aos meus colegas do PPGSC, especialmente ao Lucas Ramyro, meu agradecimento pela ajuda constante. Também sou grata aos amigos da linha 1: Auriele, Maria Clara, Jorge, João e Adilson, pela troca de experiências e pelo apoio mútuo. Aos colegas do NEHST-UESPI por terem me ajudado tanto durante minhas pesquisas na documentação da CPT e do NESHST.

Por fim, agradeço aos migrantes e suas famílias que confiaram abrirem as portas de suas casas e compartilharem suas experiências comigo. Cada relato foi uma lição valiosa que enriqueceu meu trabalho e minha perspectiva de mundo.

Agradeço o apoio financeiro fornecido pela FAPEPI, ao proporcionar a bolsa de estudos que permitiu a minha permanência no mestrado e a realização desta pesquisa.

A todos vocês, meu muito obrigada!

Somente os pássaros conhecem o vento de sua própria migração.
(Fernando Matos)

RESUMO

Esta dissertação analisa as experiências de vida de trabalhadores e trabalhadoras da cidade de Cocal de Telha, no Piauí, que migraram em busca de melhores condições de vida e trabalho para a região Sudeste do país, em particular para São Paulo. A pesquisa, é fundamentada em narrativas e memórias dos próprios migrantes através da metodologia da História Oral, e explora as diversas dimensões das trajetórias destes sujeitos, desde as condições no local de origem, as motivações para a saída, até os desafios enfrentados nos destinos migratórios, considerando os múltiplos destinos migratórios, com foco especial em Cubatão, São Paulo. São analisadas as expectativas que motivam o deslocamento, as realidades enfrentadas no mercado de trabalho, e as estratégias de adaptação e sobrevivência em meio às precariedades das condições de moradia, sendo caracterizada como uma migração que se dá no sentido rural-urbana. As análises dão ênfase à importância da constituição de redes de solidariedade, tomando como referência os estudos do sociólogo Antônio Cândido (1997), no processo migratório e as relações de classe que moldam as vivências desses trabalhadores. Por fim, aborda-se a circularidade do ciclo migratório, considerando o retorno à terra natal e as transformações identitárias e culturais que marcam essas experiências.

Palavra-chave: Experiência; Migração; Cocal de Telha; Piauí; Cubatão.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the life experiences of workers from the city of Cocal de Telha, in Piauí, who migrated in search of better living and working conditions to the Southeast region of the country, particularly to São Paulo. The research is based on narratives and memories of the migrants themselves through the methodology of Oral History, and explores the various dimensions of the trajectories of these subjects, from the conditions in their place of origin, the motivations for leaving, to the challenges faced in their migratory destinations, considering the multiple migratory destinations, with a special focus on Cubatão, São Paulo. The expectations that motivate the displacement, the realities faced in the labor market, and the strategies for adaptation and survival amid precarious housing conditions are analyzed, being characterized as a migration that occurs in the rural-urban direction. The analyses emphasize the importance of establishing solidarity networks, which takes as a reference the studies of sociologist Antônio Cândido (1997), in the migratory process and the class relations that shape the experiences of these workers. Finally, the circularity of the migratory cycle is addressed, considering the return to the homeland and the identity and cultural transformations that mark these experiences.

Keywords: Experience; Migration; Cocal de Telha; Piauí; Cubatão.

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 01: Operários na construção da Via Anchieta	17
IMAGEM 02: O retrato do ineficaz assistencialismo do governo	29
IMAGEM 03: Antônio Damião.....	31
IMAGEM 04: Injustiça Social.....	34
IMAGEM 05: Território de Desenvolvimento Carnaubais.....	36
IMAGEM 06: Trabalhadores resgatados em condições análogas à escravidão.....	39
IMAGEM 07: Extração da palha da Carnaúba.....	40
IMAGEM 08: Moradores do bairro Pilões desalojados por inundações	63
IMAGEM 09: Família reunida para a despedida daqueles que vão retornar para Cubatão	84
IMAGEM 10: Fluxos interestaduais referentes aos imigrantes retornados de Data Fixa: quinquênios 1986/1991(a), 1995/2000(b) e 2005/2010(c).....	87
IMAGEM 11: Manchete de jornal “Família pede ajuda para fazer translado do corpo de piauiense morto em SP”	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Divisão das profissões ou funções ocupadas pelos entrevistados	75
--	----

LISTA DE SIGLAS

BNB	Banco do Nordeste Brasileiro
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DPU	Defensoria Pública da União
EPIs	Equipamento de proteção Individual
ETR	Estatuto do Trabalhador Rural
GIZ	Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOCS	Inspetoria de obras contra Secas
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MPF	Ministério Público Federal
MPT	Ministério Público do Trabalho
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NEHST	Núcleo de Estudos e Documentação em História
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PF	Polícia Federal
PLANAP	Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba
PRF	Polícia Rodoviária Federal
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	DE ONDE SAEM OS TRABALHADORES.....	25
2.1	TERRA E CONDIÇÕES DE VIDA.....	25
2.2	POSSIBILIDADES DE PERMANÊNCIA.....	35
2.3	ENTRE O IMAGINÁRIO E A REALIDADE.....	42
3.	TRABALHADORES PELO MUNDO.....	59
3.1	FORMAS DE RESISTIR.....	59
3.2	O PEÃO DO TRECHO E SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO.....	74
3.3	FAMÍLIA E ESTRATÉGIAS DE IR E VIR.....	83
4.	NOTAS DE CONCLUSÃO	97
	REFERÊNCIAS	100

1. INTRODUÇÃO

A migração interna no Brasil, especialmente a nordestina, é um fenômeno historicamente significativo e multifacetado, amplamente associado às desigualdades econômicas e sociais que caracterizam o país. Entretanto, há lacunas importantes na compreensão das experiências locais e subjetivas dos migrantes, as quais não podem ser totalmente capturadas por abordagens macroestruturais. A escolha do município de Cocal de Telha, localizado a 120km da Capital, no Território dos Carnaubais, como foco desta pesquisa, reflete uma tentativa de dar visibilidade a um contexto específico e pouco explorado, em que os fluxos migratórios assumem características próprias, moldadas pelas condições econômicas, sociais e culturais da região.

Entretanto, o fenômeno da mobilidade populacional no Brasil, comumente associada à dinâmica econômica, vem desde as últimas décadas do século XX, apresentando transformações significativas no seu comportamento, não só no Brasil como também em outras partes do mundo (IBGE, 2011). A partir de meados do século XX os fluxos migratórios em todo o Brasil começaram a se intensificar. Nesse ínterim, a migração está presente no Brasil pelos mais diversos motivos no decorrer da história e é um acontecimento usual e constante. As pesquisas sobre migração, especialmente acerca da migração nordestina são ricas e abrangem diversos aspectos já abordados por pesquisadores da área de História, Geografia e Ciências Sociais, como Fontes (2012), Rocha (2010), Sales (2006), Ferreira Galdez (2015), dentre outros.

O presente estudo buscou analisar a história social em diálogo interdisciplinar com as Ciências Sociais e Antropologia, dos trabalhadores que migram do município de Cocal de Telha, localizado no Território dos Carnaubais¹, Piauí, para São Paulo, para trabalhar em empresas da construção civil e industrial. Nesse contexto, procurou-se problematizar, por meio das narrativas dos trabalhadores e de seus familiares, como se desenrola o processo de migração no município, bem como os deslocamentos para outros estados e as realidades vivenciadas por esses trabalhadores em suas experiências. Destacando como os migrantes tomam a decisão de deixar sua localidade de origem como uma alternativa de sobrevivência e busca por melhores

¹ A definição da região como Território dos Carnaubais tem como referência o mapa dos Territórios de Desenvolvimento do Estado do Piauí, elaborado em parceria com a Codevasf. O Estado do Piauí é dividido em 12 Territórios de Desenvolvimento: Planície Litorânea, Cocais, Carnaubais, Entre Rios, Vale do Sambito, Vale do Rio Guaribas, Chapada Vale do Rio Itaim, Vale do Canindé, Serra da Capivara, Vale dos Rios Piauí e Itaueiras, Tabuleiros do Alto Parnaíba e Chapada das Mangabeiras.

condições de vida, possibilitando compreender os deslocamentos e as realidades experienciadas por esses indivíduos.

As questões abordadas neste estudo emergem de minha experiência pessoal como piauiense nesta cidade, e de meu envolvimento com migrantes. Assim, a escolha da temática deste trabalho está intrinsecamente ligada à minha trajetória de vida. Filha de trabalhadores migrantes, minha mãe migrou da Bahia para São Paulo em 1991, enquanto meu pai fez o mesmo percurso do Piauí para a capital paulista, em 1989. Ambos compartilhavam um objetivo comum: trabalhar em São Paulo. Seus caminhos se cruzaram e, a partir desse encontro, eu nasci.

O interesse pelo tema da migração foi despertado durante a graduação em Licenciatura em História. Após a defesa da monografia, muitas outras indagações e perspectivas se apresentaram a mim, levando-me a aprofundar a pesquisa durante o mestrado. Essa nova etapa foi marcada por uma reflexão sobre minha identidade: quem sou e de onde vim? A proposta da pesquisa foi, então, dar ênfase às experiências de vida das pessoas que habitam a cidade, reconhecendo a relevância dos laços familiares na migração e compreendendo essas experiências como um campo legítimo de estudo.

Considero que essa jornada foi um processo desafiador, pois foi difícil me reconhecer como fruto de migrações, bem como valorizar os laços familiares e olhar para as migrações para além do aspecto econômico, privilegiado em muitos estudos. Durante o meu tempo no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura (PPGSC) da UESPI, as leituras, as pesquisas, os diálogos na minha linha de pesquisa Trabalho, Educação e Mundo Rural e a participação em grupos de pesquisa, junto às orientações da minha professora orientadora e aos eventos do programa, me proporcionaram uma visão ampliada da realidade. Este processo não apenas me levou a amadurecer, mas também a reconhecer as minhas relações com o objeto de estudo, o que se tornou um grande desafio ao olhar para minha própria narrativa como pesquisadora.

Todo o percurso no mestrado foi essencial para que eu pudesse perceber que as experiências dos migrantes cocatelhenses são um objeto válido de investigação. A partir desse reconhecimento, começou a surgir um caminho que envolve pesquisa, escuta, análise e escrita, processos que se entrelaçam e se alimentam mutuamente ao longo da minha trajetória acadêmica, com uma barreira muito difícil de ultrapassar, a da enfermidade. Ao longo deste processo tive vários problemas de saúde, bem como pessoas próximas como pai e tia, o que se tornou ainda difícil para conseguir concluir este processo. Mas com o olhar humano e solidário da minha orientadora e do Programa consegui avançar nos estudos. Considero de imensa importância falar um pouco deste processo, para que saibam que na Universidade somos

pessoas, que temos dificuldades, sentimentos e uma vida paralela, com pessoas reais, problemas reais.

O estudo também se justifica pela necessidade de compreender como os trabalhadores e suas famílias vivenciam e ressignificam o fenômeno da migração, considerando não apenas os aspectos econômicos, mas também as dinâmicas afetivas, culturais e sociais que permeiam esse processo. Migrar, para muitos, não é apenas uma resposta às pressões econômicas, mas também uma estratégia de sobrevivência que envolve escolhas complexas e subjetivas, frequentemente mediadas por redes familiares e comunitárias. Assim, a dissertação busca contribuir para a literatura ao incorporar narrativas individuais e coletivas, valorizando as vozes dos sujeitos que protagonizam esses deslocamentos.

Ao destacar as trajetórias de vida dos migrantes de Cocal de Telha, o estudo problematiza questões fundamentais: quais são as motivações que impulsionam esses trabalhadores a deixarem sua terra natal? Quais são as expectativas e os desafios enfrentados ao longo da jornada migratória? Como essas experiências moldam sua identidade e suas relações familiares? Tais indagações se tornam ainda mais relevantes quando consideramos o período analisado (2000-2024), marcado por transformações significativas no mercado de trabalho brasileiro e na configuração das migrações internas.

Além disso, a pesquisa propõe um diálogo crítico com a literatura existente, que frequentemente privilegia abordagens estruturais, enfatizando fatores de "atração" e "expulsão" relacionados ao mercado de trabalho. Embora esses fatores sejam inegavelmente relevantes, é crucial reconhecer que a migração também é uma experiência subjetiva e cultural. Este trabalho, portanto, alinha-se a abordagens contemporâneas da história social e da antropologia, que veem os migrantes como sujeitos ativos, engajados na construção de suas trajetórias e na negociação de suas condições de vida.

Em última análise, a dissertação busca preencher uma lacuna importante nos estudos sobre migração ao iluminar as dinâmicas locais e as vivências subjetivas dos trabalhadores migrantes de Cocal de Telha, onde resido e percebo um expressivo movimento migratório de ida e volta de trabalhadores do sexo masculino que migram com amigos e familiares ou através destes. Eventualmente, alguns deles levam suas esposas e filhos. Esse movimento despertou meu interesse pelo tema, pois é algo que também faz parte da minha vivência na cidade desde a infância.

Ao fazê-lo, a pesquisa não apenas contribui para uma compreensão mais ampla e complexa do fenômeno migratório, mas também oferece subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas que considerem as necessidades e as aspirações desses sujeitos em

movimento. As principais categorias de análise utilizadas para a subsidiar esta pesquisa foram memória com Eclea Bosi (2003), oralidade com Alessandro Portelli (1997), e migração, com Marilda Meneses (1990/2002).

O estudo foi pensado a partir da experiência de vida e trabalho nas migrações de pessoas do município de Cocal de Telha. O município, foi emancipado no ano de 1994, até então era povoado do município de Campo Maior. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2022), o município possui uma área de 310,291km² e 4.911 habitantes. O nome do município teria sido atribuído construção da Estrada de ferro Central do Piauí, construída a época da emancipação do território, “casas que até então eram cobertas apenas de palhas de palmeiras, e carnaubeiras foram cobertas com telhas. Por ser uma região de imensos cocais, ficou conhecida como Cocal de Telha”².

Os trabalhadores da região se deslocam para múltiplas regiões do País, retornando para Cocal de Telha em intervalos de meses e anos. O constante ir e vir é considerado como migração de retorno. De acordo com a análise das entrevistas realizadas entre 2018 e 2024 observamos uma variedade de destinos das pessoas entrevistadas. Entre os muitos destinos dos quais os homens e mulheres da região migram, escolhemos dar atenção a Cubatão, localizada no estado de São Paulo.

Cubatão possui população residente conforme estimativas do IBGE de 2022, de 112.476 pessoas mil habitantes (IBGE, 2022). A cidade se tornou um dos principais polos de atração para migrantes, especialmente nordestinos, devido ao intenso processo de industrialização que se iniciou na década de 1950. Sua localização estratégica, próxima ao Porto de Santos, somada à ampla oferta de energia elétrica garantida pela Usina Henry Borden, foi fundamental para transformar Cubatão em um dos maiores polos petroquímicos do país. O surgimento de grandes indústrias, como a Refinaria Presidente Bernardes e a Cosipa, gerou um grande número de empregos, atraindo famílias em busca de melhores condições de vida.

De acordo com Ferreira, Torres e Borges (2007), o movimento migratório para Cubatão intensificou-se na segunda metade do século XX, impulsionado pela construção da Via Anchieta e pela implantação do parque industrial. A construção da rodovia exigiu uma expressiva força de trabalho, até então inexistente na região, marcando o início de uma significativa onda migratória para a cidade na década de 1950.

A Via Anchieta, inaugurada em 1947, desempenhou um papel determinante no desenvolvimento econômico e industrial de Cubatão. Projetada para conectar São Paulo ao

² In: <https://cocaldetelha.pi.gov.br/cocaldetelha/portalnoticias/historia>. Acesso 12 Jan. 2024.

Porto de Santos, a rodovia facilitou o transporte de mercadorias e insumos industriais, tornando-se essencial para o crescimento econômico local. A nova infraestrutura substituiu em grande parte as antigas rotas ferroviárias e fluviais, tornando o fluxo de produtos mais ágil e eficiente. Além de atrair indústrias para a região, a Via Anchieta também abriu caminho para que trabalhadores de diversas partes do país, especialmente do nordeste, migrassem para Cubatão em busca de emprego e estabilidade. Assim, a rodovia consolidou o município como um ponto estratégico para a logística e a produção industrial no Brasil.

IMAGEM 01: Operários na construção da Via Anchieta em Cubatão

Acervo Rolando Roebbelen



Fonte: Acervo Rolando Roebbelen, 1950

A imagem 01 retrata trabalhadores migrantes na construção da segunda pista da Via Anchieta, em Cubatão, São Paulo, no ano 1950. Migrar para São Paulo constitui o imaginário de grande parte de homens e mulheres da região nordeste, cuja mobilização partiu desde discursos políticos que em diferentes contextos históricos mobilizaram o deslocamento regional da população em busca de trabalho, até a atuação de empresas na arregimentação de trabalhadores em regiões empobrecidas.

A contratação desses trabalhadores, é através de um sistema de recrutamento que se baseia em redes sociais e conexões pessoais, especialmente entre conterrâneos, onde as indicações e redes de contato desempenham um papel fundamental nesse processo. As recomendações de conterrâneos facilitam a obtenção de emprego, uma vez que aqueles que já estão empregados em uma empresa tendem a recomendar amigos e familiares para preencher vagas disponíveis.

Outra forma de contratação é a utilização de plataformas como o WhatsApp para divulgar oportunidades de emprego, uma prática comum. Informações sobre vagas são rapidamente compartilhadas entre os trabalhadores, aumentando a visibilidade das oportunidades e permitindo que mais pessoas se candidatem de forma ágil.

Além disso, a contratação desses trabalhadores também é baseada em desempenho. Trabalhadores que saem de uma empresa, mas que se destacaram por seu bom desempenho, podem ser contatados novamente pela empresa quando novas oportunidades surgem.

Analizamos as lógicas de trabalho através das narrativas dos homens, migrantes, do Território dos Carnaubais, Piauí para o Estado de São Paulo entre 2000-2024, bem como identificamos quem são os trabalhadores migrantes, verificamos as condições de trabalho vivenciadas por eles nas empresas da construção civil e industrial, dando destaque às condições de moradia, alimentação, exploração sofridas nas lidas de trabalho e resistências.

É na intenção de contribuir e enriquecer o campo de estudos dos deslocamentos de homens e mulheres pobres em busca de alternativas de sobrevivência, que buscamos compreender como esses homens, trabalhadores rurais, migrantes se veem e se entendem no contexto produtivo em que fazem parte. Além de compreender as diferentes maneiras de pensar, agir, resistir e estratégias de sobrevivência adotadas por esses indivíduos, também é possível verificar os motivos que os levam a migrar, os desafios sociais enfrentados e como se configura o deslocamento para grandes centros urbanos, pautado nas oportunidades de emprego nos diferentes estados do Brasil. O estudo pretende alcançar esses objetivos usando a metodologia da História Oral, pautada no interesse pelo estudo da memória dos sujeitos através da análise de suas narrativas.

O uso da memória constitui importante meio de reconstruir trajetórias de vida e trabalho dos migrantes. De acordo com Silva e Menezes (2012), “a partir dos fragmentos da memória, homens e mulheres narram sobre suas experiências de infância, juventude, processo migratório, trabalho, família e sociabilidades”. Falar de memória migrante é falar de todo o trabalho, um trabalho que se preocupou em escutar cada sujeito, revisitando sua memória ao falar de sua experiência de vida, da sua experiência como migrante, como pessoa que resiste.

O instrumento de análise são 17 entrevistas realizadas com homens e mulheres, realizadas entre 2019 e 2024, algumas foram realizadas quando ainda cursava graduação em História, quando iniciei os estudos sobre migração, mas que aqui foram reinterpretadas com base em novos questionamentos. Entre 2023 e 2024 foram realizadas novas entrevistas, bem como retornamos a pessoas já entrevistadas para realizar novas perguntas de modo a complementar informações ou sanar dúvidas. Também foram contemplados familiares, como

esposas, que, para além de acompanhar os maridos também construíram suas trajetórias como migrantes em busca de trabalho na região de destino. Para uso das entrevistas na pesquisa considerou-se que a análise dos depoimentos no campo da História Oral, pode se construir em experiência ímpar e surpreendente, pela riqueza e diversidade das versões obtidas e muitas vezes pela possível sugestão de interpretações alternativas sobre o mesmo assunto (Delgado, 2006).

Objetiva-se fazer também uma reflexão sobre o universo do trabalho, analisando e trazendo evidências a respeito das formas de trabalho que os sujeitos da pesquisa exercem principalmente na construção civil e industrial, considerando dimensões da História Global do Trabalho, que de acordo com Liden:

O estudo das relações de trabalho abrange tanto o trabalho livre quanto o não livre, e tanto o trabalho remunerado quanto o não remunerado. Os movimentos sociais de trabalhadores envolvem tanto as organizações formais quanto as atividades informais. O estudo tanto das relações de trabalho quanto dos movimentos sociais exige ainda que uma atenção igualmente séria seja dedicada ao “outro lado” (empregadores, autoridades públicas. As relações de trabalho envolvem não apenas o trabalho individual, mas também sua família, sempre que for o caso. As relações de gênero desempenham um papel importante, tanto dentro da família quanto nas relações de trabalho que envolvam membros daquela família individualmente (Linden, 2013, p. 14).

Essas relações que Linden (2013) aborda assumem dimensões diversificadas no contexto das relações de trabalho, que nos fazem refletir e valorizar todas as dimensões. Neste tópico, pretende-se refletir a respeito das organizações formais e não formais com participação dos trabalhadores, com um olhar para as relações de trabalho a partir de uma perspectiva familiar e não apenas individual.

As relações de trabalho são importantes no contexto das migrações desses trabalhadores, os quais, dentre tantos aspectos, possuem origem camponesa e mantêm notável relação com o mundo rural. A relação com o mundo rural é mantida pelo interesse de ter dinheiro pra comprar terra e ter uma área para plantar, como também pela necessidade de retornar para o município de origem, que é de origem rural.

O processo migratório no Brasil possui muitas características e sentidos, e vem se apresentando de múltiplas formas em muitas regiões do país por longas décadas. Ao analisar as mais distintas definições e fundamentações teóricas para caracterizar as migrações, percebe-se que os pesquisadores que estudam esse fenômeno, além de reconhecerem a variação que o fenômeno possui, atribuem as causas da migração a diversos fatores. Segundo Schmitz:

Estudado por diversas vertentes, o processo migratório é considerado e analisado de formas diferentes por seus estudiosos, sendo estes influenciados pelas diferentes matrizes que os guiam. Desta forma, podemos encontrar o tema migração, avaliado através de distintas abordagens. É possível considerar que o resultado dessas diversas formas de analisar o fenômeno migratório, se dá pelo fato de o mesmo, nunca apresentar-se de forma homogênea (Schmitz, 2009, p. 15).

Constata-se que os processos migratórios são analisados de maneiras distintas, considerando que possuem múltiplos sentidos, distintas definições e especificidades de acordo com cada local, região e grupos migratórios, não desconsiderando que existam pontos convergentes entre essas diferentes práticas migratórias. Nesse sentido, tem-se como objetivo apresentar aspectos da migração de piauienses entendendo que a migração possui características próprias, e motivações distintas.

Vivendo entre fronteiras culturais, sociais, fronteiras estabelecidas no contato com o outro. Através das memórias desses sujeitos objetivou-se fazer uma reflexão de aspectos dessa migração, das relações de solidariedade entre esses sujeitos; bem como a reflexão da linha tênue entre exploração desses trabalhadores e as estratégias de resistências adotadas por eles, definindo, desta forma, estes dois espaços.

Tomando por base a utilização da História Oral, buscamos compreender, através da análise de entrevistas, como os entrevistados interpretam suas experiências de trabalho e vivências no contexto das migrações e das relações com o campo. A história oral contribui para que os sujeitos se vejam como agentes de sua própria história e importantes para o meio em que vivem. Consideramos importante não apenas utilizar os homens e mulheres que migram como objeto de estudo para contribuir com os estudos de uma nova história social de deslocamentos de trabalhadores, mas também contribuir no sentido de fazer com que eles se reconheçam como importantes sujeitos históricos.

Deste modo, planejamos compreender o cotidiano de trabalho através das narrativas de trabalhadores, a maioria do sexo masculino, que vivenciaram experiência no campesinato na região de origem, semiárido norte do estado Piauí, reconhecido como Território dos Carnaubais³, destacando a importância das relações familiares na migração, bem como as redes de solidariedade, condições de trabalho vivenciadas por eles nas empresas da construção civil e industrial nos locais de destino, e às formas de exploração vivenciadas nas lidas de trabalho e resistências desses sujeitos a essas explorações.

³ O Território dos Carnaubais abrange uma área de 19.686,0 Km² e é composto por 16 municípios: Boa Hora, Boqueirão do Piauí, Buriti dos Montes, Cabeceiras do Piauí, Campo Maior, Capitão de Campos, Castelo do Piauí, Cocal de Telha, Jatobá do Piauí, Juazeiro do Piauí, Nossa Senhora de Nazaré, Assunção do Piauí, Novo Santo Antônio, São João da Serra, São Miguel do Tapuio e Sigefredo Pacheco.

Em relação à mobilidade, destaca-se que ela pode ocorrer de diversas maneiras, e o tempo de permanência dos migrantes nos locais de destino pode variar. Desde o início da migração alguns sujeitos já viajam com o intuito de retornarem para sua cidade de origem, e através da experiência e vivência no local de trabalho muitos desses trabalhadores acabam se fixando nos locais de destino; outros acabam ficando por períodos de 3 (três) meses, 8 (oito) meses, 3 (três) anos, entre uma variedade de tempo de durabilidade retornam para a cidade de origem. Alguns destes homens ficam em um constante migrar e retornar e outros acabam retornando definitivamente.

O fenômeno da migração foi se intensificando ao longo dos anos, mas o desejo do camponês para possuir um pedaço de terra para plantar, para viver, a luta incessante ao acesso à terra e a manutenção de pequenas propriedades se perpetuam ao longo das décadas. O trabalhadores migrantes participantes da pesquisa, são - em sua maioria - camponeses.

Aqui recorre-se à categoria de campesinato de Theodor Shanin (2008) para olhar esses sujeitos como agentes de um processo histórico. Para Shanin, as comunidades camponesas demonstram uma real habilidade para se ajustar a novas condições e também uma grande flexibilidade para encontrar novas formas de se adaptar e ganhar a vida. Em alguns lugares, há comunidades de camponeses que hoje vivem principalmente do turismo. Há lugares onde as comunidades camponesas ganham a vida com novos métodos de produção e, em outros, os camponeses ganham a vida por meio da combinação do trabalho camponês e do trabalho não-camponês. Nesse sentido, de acordo com Albuquerque Jr (2021),

Grande parte da população nordestina, ao longo dos séculos, migrou em busca de uma terra para se arrancar, para plantar, para ter uma tapera para chamar de sua. O monopólio da terra, os grandes latifúndios nas mãos de uma elite diminuta, fez da busca por um chão a tarefa de vidas inteiras. Vagar das terras de um potentado para as terras de outro, colocando seus braços a serviço de tarefas de vida ou de morte, colocando a força de trabalho de toda a família, em troca, muitas vezes, do acesso precário a um roçado, um litro de leite, o sabão, o querosene, o sal, o açúcar (Albuquerque Jr, 2021, p. 23).

Albuquerque Jr (2021), traz nesta citação o resumo do que foi e ainda é a luta de tantos nordestinos. Os nordestinos mantêm-se no constante migrar em toda história do país, presentes nos mais distintos fluxos migratórios existentes no Brasil, para São Paulo na primeira metade do século XX, com o início da industrialização no Brasil. Ainda, para Goiás, com a construção de Brasília na década de 50, para a Amazônia, no ciclo da borracha, no século XIX, para Minas Gerais no ciclo do ouro e para tantos outros territórios, migram em busca de um lar,

de uma terra, em busca de manter suas propriedades, e ainda na atualidade vivem em um constante migrar por todo o Brasil.

Quando falamos em migração de nordestinos, o Piauí é um dos estados brasileiros que possui largo histórico no fornecimento de força de trabalho. De acordo com Bacellar (1987), denota-se, por conseguinte, que o Piauí vem se constituindo numa área de expulsão por excelência, levando a crer, que a migração piauiense, não é seletiva, e que a maioria absoluta desses migrantes efetuavam várias etapas migratórias e, certamente, a longa distância.

O fenômeno da migração para a região da Amazônia Oriental, sobretudo durante a ditadura militar, escancarou a problemática da existência de trabalhadores escravizados em fazendas da região, a maioria vindos de Estados do Nordeste como o Piauí e o Maranhão. Uma das principais referências no que diz respeito à migração de piauienses, Rocha (2010), retrata as migrações de retorno, caracterizadas por movimentos itinerantes de trabalhadores rurais que transitam entre os lugares de origem e destino, e são submetidos a formas de trabalho análogo à condição de escravo. Neste caso, a autora constata que essa migração de retorno se define pela busca constante de trabalho, vinculada à manutenção de pequenas propriedades no local de origem.

Paulo Fontes (2002), em sua tese de doutorado intitulada “Comunidade Operária, Migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista 1945-1966” analisa o impacto das migrações internas, em particular a nordestina, e da urbanização no processo de formação da classe trabalhadora brasileira entre as décadas 40 e 60. O autor se dedica ao caso do bairro paulistano de São Miguel Paulista, considerado este bairro um dos primeiros distritos 'nordestinos' da cidade e um típico exemplo de expansão urbana periférica. O estudo procura destacar a importância das redes sociais, e das relações comunitárias para a formação da classe e aspectos da vida cotidiana operária, dando visibilidade de capacidade de organização política, e possibilidades e resistência de nordestinos. O autor mostra que o próprio processo migratório dos sujeitos da pesquisa foi fundamental para a compreensão da ação e do papel dos migrantes na sociedade. A pesquisa se constituiu dando particular atenção às redes e laços sociais construídos por aqueles trabalhadores no processo de migração, mantidos e ampliados em sua experiência profissional e urbana, as quais, de acordo com ele, continuam importantes na constituição da vida social daqueles migrantes na cidade e na construção de suas opções políticas e ações.

Como dito, para nosso estudo, a história oral constitui campo fundamental para compreender as trajetórias e experiências de homens e mulheres migrantes em São Paulo. Para

tanto é importante considerar elementos peculiares acerca da metodologia como nos ensina Alessandro Portelli:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenta validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam uma nova luz sobre arcos inexplorados da vida diária das classes não hegemônicas (Portelli, 1997, p. 31).

Em concordância com Portelli, através da história oral é que entenderemos menos sobre os eventos e mais sobre significados. A história oral fala mais sobre os significados dos eventos, assim, destacando que este estudo não será apenas sobre entender como ocorrem as migrações de trabalhadores rurais para várias partes do país, para o trabalho na construção civil e industrial, mas como também desvendar e refletir a importância que esse processo tem para compreendermos a nossa sociedade atual, através dos sujeitos que estão participando desse processo. Fazendo o uso das entrevistas, por intermédio das memórias narradas pelos sujeitos, apresentaremos dimensões desconhecidas acerca dos estudos sobre trabalho e migração, a fim de que se conheça a realidade atual desses processos. As narrativas dos trabalhadores migrantes revelam não apenas suas experiências passadas, mas também suas identidades e como se relacionam com o tempo presente e com a sociedade em que vivem. Através dessas histórias é possível compreender as diversas dimensões da migração.

O primeiro capítulo “De onde saem os trabalhadores” explora as condições de origem e as motivações para migração, com foco em Cocal de Telha e o Território dos Carnaubais, Piauí. O contexto territorial é descrito considerando aspectos econômicos, sociais e climáticos que impulsionam a migração. A análise destaca o impacto das secas históricas na região, as dificuldades de permanência na terra. Consideramos também a criação de políticas pela Sudene e suas repercussões e impactos no contexto rural em análise, pois em grande parte beneficiaram elites locais em detrimento dos camponeses. Ao mesmo tempo, o texto investiga as possibilidades de permanência no território, enfatizando as dificuldades enfrentadas para sustentar a vida em um contexto de subsistência, trabalho sazonal e ajudas mútuas. No imaginário local, a migração surge como uma oportunidade de transformação, moldada tanto por necessidades econômicas quanto por expectativas sociais e culturais.

No segundo capítulo, intitulado: “Trabalhadores pelo mundo”, são abordadas as experiências no destino migratório com foco em Cubatão, São Paulo. As análises destacam as formas de resistência e resiliência como estratégias de sobrevivência adotadas pelos trabalhadores no ambiente urbano. Com base em entrevistas, o texto reflete sobre a precariedade

das condições de trabalho e moradia, evidenciando como os migrantes resistem e se adaptam a essas condições. A pesquisa também explora o papel das redes de solidariedade familiar e comunitária na adaptação dos trabalhadores, reconhecendo-os como agentes ativos na reorganização de suas vidas em um novo território. Além disso, aborda-se o ciclo migratório, incluindo a permanência, o retorno e as tentativas de estabilização em suas comunidades de origem.

2. DE ONDE SAEM OS TRABALHADORES

2.1 TERRA E CONDIÇÕES DE VIDA

A problematização em torno dos projetos de migração de trabalhadores e trabalhadoras do Nordeste para outras regiões do país, implica-nos reconhecer esse território como um território amplo e constituído de singularidades, que em algumas circunstâncias é visto como apenas um local de seca e irregularidade climática. Nesse sentido, refletiremos como esse local se constitui como a organização social, econômica e política, para além do fator climático.

O nordeste passa a ser visto como um problema no cenário nacional quando ocorre uma grande seca entre 1877 e 1879, ocasionando a morte de aproximadamente 5% da população, quando ainda fazia parte do norte. Em 1909 foi criada pelo governo central a Inspetoria de Obras contra Secas (Iocs), como agente principal para enfrentar as secas. Outras criações em decorrência das secas do período, foram o Banco do Nordeste Brasileiro (BNB) e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Segundo Albuquerque Jr. (2011) a invenção do nordeste é uma invenção recente, até 1920 usava-se o termo norte para caracterizar a região. A partir de então se foi criada uma noção de regionalismo, além de uma conotação limitante, na qual o norte passou a ser caracterizado como local quente e atrasado, que a classe dominante passou a usar para adquirir recursos no Governo Federal. Desde então, surge o que Lara de Castro chama de indústria das secas. Segundo a autora:

“A indústria das secas” é um problema social no qual determinados grupos se beneficiam do momento de calamidade provocada pelas estiagens em detrimento das classes pobres. Enquanto as elites econômicas e políticas aumentam seu poder durante as crises, com o reforço do Estado, os mais vulneráveis, mesmo com a promessa de proteção desse mesmo Estado, sofrem com a piora de suas condições materiais de existência. Com a justificativa das montantes mazelas provocadas pela fome, são concedidas verbas, créditos especiais, perdão de dívidas, construções são realizadas em propriedades privadas. Utilizam-se também o emprego em obras públicas para tentar imobilizar trabalhadores em seus locais de origem. Desse modo, mantêm-se braços disponíveis para lavoura, pecuária e outras atividades depois de passado o período de seca e assegura-se também a conservação do poderio político através da fixação dos seus eleitores. As conjunturas das secas servem, desse modo, para aprofundar as já abissais desigualdades sociais que existem entre as classes sociais (Castro, 2020, p. 6).

O trecho apresentado oferece uma importante análise sobre as relações históricas e políticas que envolvem o nordeste brasileiro, especialmente no que diz respeito à construção

discursiva da região e à exploração das crises climáticas em benefício das elites econômicas e políticas.

O conceito da "indústria das secas", apresentado por Lara de Castro (2020), aprofunda a crítica à manipulação das crises climáticas como ferramenta para a manutenção de privilégios e do poder político. Segundo a autora, a seca, que deveria ser tratada como um problema estrutural, é utilizada como pretexto para ações emergenciais que beneficiam grupos específicos, em detrimento das classes pobres.

A autora identifica práticas como, concessão de verbas e créditos especiais, Recursos públicos são direcionados, muitas vezes, para setores que não atendem aos mais vulneráveis; perdão de dívidas e obras em propriedades privadas. Essas medidas fortalecem o domínio econômico e político das elites locais; emprego em obras públicas que durante períodos de calamidade, os trabalhadores são alocados em obras temporárias, funcionando como um mecanismo de fixação da mão de obra em suas regiões. Esse recurso é estratégico para assegurar "braços disponíveis" na lavoura ou pecuária após o período de seca.

O conceito de "indústria das secas" pode ser associado ao contexto de origem dos trabalhadores de Cocal de Telha, município atravessado por longos períodos de estiagem. Está inserido no semiárido da caatinga do nordeste do país, cujo bioma - ecologicamente vulnerável às mudanças climáticas - sofre com a intensa exploração dos carnaubais com financiamento de donos de terra e agroindústrias que se instalam na região com o propósito da exploração e venda dos derivados, em especial, a cera. A seca e suas consequências, longe de serem apenas fenômenos climáticos, revelam-se um mecanismo de exploração social que aprofunda as desigualdades entre as classes. A promessa de emprego em obras públicas temporárias, por exemplo, serve como um paliativo, mas não resolve os problemas estruturais que forçam muitos a migrar para os centros urbanos em busca de sobrevivência.

O trecho evidencia que as elites políticas e econômicas utilizam as crises de seca para ampliar sua influência e conservar suas bases eleitorais, garantindo que os trabalhadores permaneçam dependentes. Esse ciclo de exploração mantém as desigualdades sociais e impede a transformação das condições materiais de vida dos mais vulneráveis.

Conforme Albuquerque Jr. (2011), a noção de "nordeste" como uma identidade regional é uma construção relativamente recente, que ganha força a partir de 1920. Antes desse período, a região era simplesmente caracterizada como "norte". A mudança terminológica e simbólica não foi neutra, pois carregou conotações limitantes e estigmatizantes, reforçando uma visão que associa a região ao atraso econômico, ao clima quente e à seca. Essa nova narrativa regional foi instrumentalizada por elites locais para dialogar com o governo federal e angariar

recursos, consolidando o uso político da imagem do Nordeste como uma região carente e dependente.

Essa observação é relevante, pois traz à tona a construção de estereótipos que têm impacto direto sobre a mobilidade dos trabalhadores migrantes. A imagem de uma região atrasada e dependente tende a justificar políticas paternalistas e o abandono estrutural, perpetuando a migração como única alternativa de sobrevivência para muitos trabalhadores. No entanto, será observado nas narrativas dos trabalhadores de Cocal de Telha, que migrar não é uma alternativa única, mas sim uma escolha individual.

Para os trabalhadores de Cocal de Telha e para muitos nordestinos, a migração surge como uma tentativa de ruptura desse ciclo de exploração. Entretanto, conforme observado nos relatos da pesquisa, mesmo no destino, os migrantes enfrentam novas formas de precarização, como baixos salários, moradias inadequadas e a dependência de redes informais para conseguir trabalho. Assim, a dinâmica exploratória descrita por Castro pode ser lida como uma continuidade, visto que a migração resolve parcialmente o problema imediato, mas não altera as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade.

O trecho evidencia que a seca e suas consequências econômicas funcionam como motor para o deslocamento de trabalhadores em busca de melhores condições. A dependência gerada pelas políticas emergenciais mantém os trabalhadores em uma condição de vulnerabilidade e exclusão. A migração, como estratégia de sobrevivência, é resultado direto desse cenário de abandono e exploração, reforçando a centralidade da terra natal como um espaço de origem, mas também de sofrimento.

A análise apresentada por Albuquerque Jr. (2011) e Lara de Castro (2020) reforça que as condições que impulsionam a migração no nordeste têm raízes históricas, políticas e sociais profundas. A indústria das secas, ao beneficiar grupos dominantes, perpetua um ciclo de desigualdade que afeta diretamente os trabalhadores rurais. Essa discussão é essencial, pois conecta as experiências individuais dos trabalhadores migrantes às estruturas maiores que caracterizam suas trajetórias, ampliando a compreensão do fenômeno migratório como parte de um contexto histórico e social complexo.

As frentes de serviço foram obras implantadas pelos Programas de Emergência criados para disponibilizar à população alimentos e água. Segundo Brito (2022;2023) a origem dessas frentes de serviço remonta ao período monárquico, quando eram executadas obras de construção de linhas férreas, açudes, poços, destacamentos, entre outros, para dar salário a população rural afetada pela estiagem e que tentava se retirar para regiões mais favorecidas.

Consequentemente, os mais afetados em todo esse quadro foram os camponeses, visto que as medidas tomadas foram apenas paliativas, de maneira a amenizar o problema momentaneamente, garantindo a subsistência da população que sofria com os efeitos da estiagem. População esta que se viu obrigada a migrar, em busca de melhores condições de vida, ou perecer esperando dias melhores (Brito, 2022, p. 418).

Os camponeses foram empregados nas diversas frentes de serviços acionadas por autoridades, a fim de fornecer auxílio aos pobres e controlar a migração para outros estados. No entanto, através dessas referências entendemos que essas frentes foram medidas momentâneas, diante da consagração histórica da seca como a grande causa da migração.

Como dito, a região de saída dos migrantes em estudo, integra o semiárido piauiense, frequentemente afetada pela estiagem e alvo das políticas voltadas para o combate à seca na segunda metade do século XX. De acordo com Brito (2022) a fome e a seca, assim, compõem um quadro estrutural na região. Ela provoca a fome generalizada, que leva os sertanejos a movimentarem-se em busca de alimentos, fazendo com que a multidão de famintos tenha atitudes desesperadas. O termo multidão utilizado por Brito (2022) é um conceito abordado por Thompson (1998), e refere-se à forma como grupos de pessoas se reúnem e agem coletivamente, especialmente em contextos de protestos ou movimentos sociais. Thompson analisa como as multidões não são apenas agregados de indivíduos, mas sim coletivos que podem ter suas próprias dinâmicas, emoções e intenções.

De forma simples, podemos entender a multidão como um fenômeno social em que as pessoas se juntam por um propósito comum, como reivindicar direitos, expressar descontentamento ou celebrar algo. Essas multidões podem ser organizadas ou espontâneas e possuem características únicas, como a capacidade de gerar um sentimento de pertencimento e solidariedade entre seus membros.

Thompson também discute como a atitude da sociedade em relação às multidões pode variar e como elas são frequentemente vistas com desconfiança por aqueles no poder, pois podem desafiar a ordem estabelecida. Assim, o estudo da multidão nos ajuda a compreender melhor as dinâmicas sociais e as lutas por mudanças na sociedade.

A imagem 02 representa o que chamamos de retrato da seca e das ineficazes políticas de assistencialismo, como as frentes de emergência, liberação de recursos para os “flagelados”, que funcionaram apenas como medidas paliativas. O lavrador, apontado como flagelado na literatura regional e pela imprensa, de circulação local e nacional, aprofundou um olhar pejorativo sobre o povo da região Nordeste.

IMAGEM 02: O retrato do ineficaz assistencialismo do governo



Fonte: Jornal Lavrador, 1981.

A imagem 02 está presente no periódico de circulação local, Jornal Lavrador de 1981, ao observá-la, no primeiro momento vislumbramos a uma representação comum do semiárido nordestino, o sol de rachar, a terra seca, a vegetação composta apenas por cactos, as cabeças de boi remetendo um espaço de fome, sede e miséria, e se olharmos mais atentamente podemos observar homens, com enxada nos ombros e uma interrogação, logo a cima da imagem temos a frase “? Ajuda do governo à seca?”. A imagem retrata a condição de calamidade entre as populações em áreas rurais frente aos projetos de enfrentamento da seca.

Na década de 1980 o Piauí encontrava-se em um cenário de constantes secas que assolavam o estado. O governo se utilizava dos recursos que deveriam ser destinados para o assistencialismo das populações atingidas pela seca, para manter seus privilégios e alianças. Nos jornais de circulação local, como também nos periódicos das organizações da sociedade civil (Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Movimentos Sociais) circulavam notícias sobre deslocamento de trabalhadores rurais para outras regiões do Brasil, para escapar das secas que assolavam - especialmente - a região do semiárido Piauiense.

Segundo o Periódico Lavrador (Maço-Abril, 1981), os recursos eram distribuídos a grandes e médios proprietários, com os bancos, e o pobre, sem terra, ou sem condições de manter sua propriedade, seu pedaço de chão, o indivíduo passava fome, ficava sem aparato do governo. Segundo a fonte, o plano de emergência para os flagelados atendia 1 em cada 150 flagelados “Então, a ajuda que está dando agora é esmola, é só paga para quem já tem” (Lavrador, 1981, p. 5). Ainda de acordo com a fonte, pouco dos recursos eram utilizados para

atender, de fato, os flagelados, em sua maioria eram utilizados para manter as riquezas dos senhores.

A análise das condições enfrentadas pelos camponeses em períodos de seca e fome ecoa as reflexões de Josué de Castro, em "A Geografia da Fome" (2008). Segundo Castro, a fome não é apenas uma questão de falta de alimentos, mas um fenômeno social e econômico que resulta de estruturas que reforçam a desigualdade e a marginalização. A discrepância entre a abundância de recursos naturais no Brasil e a persistência da fome em áreas como o semiárido piauiense revela a ineficácia das políticas públicas, que se limitam a soluções temporárias e paliativas.

O cenário da seca que apresentamos, caracterizado como uma emergência, demonstra não somente o sofrimento da população sertaneja, mas também a prevalência de um sistema assistencialista que falha em abordar os problemas estruturais. As ações de emergência, em vez de oferecerem soluções duradouras e transformadoras, mantêm os camponeses em uma situação de vulnerabilidade, reduzindo suas identidades a meros "flagelados" de uma tragédia recorrente.

Os sertanejos, ao serem vistos apenas como vítimas das secas, têm sua complexidade enquanto sujeitos ignorada, perpetuando uma imagem negativa que os afasta de suas lutas, resistências e resiliências. Josué de Castro nos convida, ao explorar a influência da geografia e das condições socioeconômicas na fome, a reavaliar essa narrativa, ressaltando a necessidade de compreender as causas da migração forçada, como a falta de políticas efetivas que promovam autonomia e dignidade ao povo nordestino, que busca não apenas alimentos, mas também oportunidades e reconhecimento.

Assim, a luta contra a seca no nordeste deve ser vista não apenas como uma questão climática, mas como uma chamada à reflexão sobre quem realmente são os flagelados dessa situação, não apenas aqueles que sofrem com a estiagem, mas também aqueles que, devido a escolhas políticas e sociais, permanecem à margem da sociedade.

A perspectiva de Castro se torna um recurso valioso para repensar as ações públicas, não como reações a crises imediatas, mas como parte de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento que considera a dignidade e a voz dos habitantes da terra. A solução real para a crise da fome e da seca exige um compromisso profundo com a transformação das estruturas que a sustentam. Os trabalhadores não atuaram como agentes passivos nesse processo. Apesar das condições que incentivavam a migração, eles lutaram ativamente e reivindicaram seus direitos, organizando-se e criando sindicatos para fortalecer suas demandas e buscar melhores condições de vida e trabalho.

Os Sindicatos dos Trabalhadores eram bastante atuantes na reivindicação do direito dos trabalhadores rurais, lutando pelos direitos desses sujeitos, falando da má distribuição e reivindicando ações eficazes do governo. Muitos trabalhadores eram articulados, lutavam contra má distribuição dos recursos, pelo reconhecimento de direitos e contra a repressão da ditadura militar que acometia do país. Muitos acabavam por migrar para outros estados em busca de trabalho para manter a família na região de origem como agregados ou posseiros. Os agregados eram pessoas que se estabeleciam em moradias próximas a da sede da fazenda e pagavam pelo uso da terra com serviços prestados aos fazendeiros, já os posseiros se confundiam com os sitiantes, porque a condição de posseiro dizia a respeito à relação jurídica com a posse, mas não tinha domínio (Martins, 1981).

Antônio Damião de Sousa, de 83 anos, trabalhador rural aposentado, atuou como líder sindical em Campo Maior, um dos municípios que compõe o território dos Carnaubais, foi perseguido, preso e torturado pela ditadura militar brasileira, que ocorreu entre 1964 a 1985. Em 2015, após momentos de luta e de tensão, o líder sindical Damião, contando com o apoio de lideranças da sua cidade, resolveu escrever um livro relatando sua experiência como membro do Sindicato dos trabalhadores e como preso político durante o período.

IMAGEM 03: Antônio Damião



Fonte: livro “O homem e a terra”, 2015.

Nos seus inscritos memorialísticos, Antônio Damião relata a luta dos trabalhadores pelo acesso à terra e as formas de organização de sujeitos em sindicatos. Após a ditadura militar o trabalhador rural Damião escreveu uma obra memorialista intitulada “O Homem e a Terra: Ditadura militar e latifundiários contra os camponeses”. Na obra, o trabalho narra sua

experiência atuando como liderança sindical no município de Campo Maior, onde desenvolvia a formação política de trabalhadores e trabalhadoras rurais na luta pelos seus direitos.

Conforme o Sr. Damião de Sousa, antes do golpe militar de 1964, os camponeses do Território dos Carnaubais já lutavam contra pobreza e atraso que viviam. Ele destaca como foi a organização desses homens para lutar pelos seus direitos. Sempre quando pensam em camponeses ainda os inferiorizam no sentido de percebê-los como sujeitos sem consciência, e satisfeitos com o que são impostos. Segundo o inscrito memorialístico do senhor Damião, os homens, camponeses, se articulavam, e lutavam contra as condições desumanas nas quais viviam.

Mesmo nas escuras, sem saber para onde ir, a mobilização começava nos pequenos grupos, com trabalho em mutirão, nas comunidades de base, ou seja, nas horas mais difíceis, na doença, na pobreza, os camponeses já se juntavam para ajudar uns aos outros. Os trabalhadores rurais já começavam a se organizar de forma independente (Damião de Sousa, 2015, p. 16).

Os camponeses dessa região começaram a se organizar em formas de mutirão e a partir dessas relações mútuas começam a lutar por seus direitos, as criações de ligas camponesas são exemplos dessas organizações de camponeses. Ramsés Sousa, em sua dissertação intitulada “TEMPO DE ESPERANÇA: camponeses e comunistas na constituição das Ligas Camponesas do Piauí entre as décadas de 1950 e 1960”, discute o processo de emergência das Ligas Camponesas no Piauí, mais especificamente em três regiões, localizadas no centro-norte do Estado: Teresina, Campo Maior e Parnaíba. No período em questão, esses polos constituíam importantes centros urbanos do Estado, sendo circundadas por uma extensa zona rural formada por latifúndios, onde trabalhavam milhares de lavradores em terras arrendadas por grandes proprietários.

De acordo com Sousa,

As ligas camponesas foram significadas pela imprensa do período, e também pela memória, como a expressão deste estado de efervescência social em que se encontrava o Brasil e, principalmente, o Nordeste. As Ligas Camponesas em Campo Maior também podem ser tomadas como uma arena privilegiada para compreender a construção desta relação entre comunistas e camponeses no Piauí, sem reduzi-la a qualquer um dos pólos em questão. Foi nestas terras áridas, durante os anos 1950/60 que os lavradores daquele Município, entre eles Luis Edwiges e seus irmãos, começaram a discutir as dificuldades cada vez maiores dos lavradores para manter as obrigações com os fazendeiros e, ao mesmo tempo, sobreviver. A socialização desta experiência de exploração, principalmente em círculos de cantigas ao findar de um duro dia de trabalho foram aos poucos ganhando contornos de questionamentos sobre como modificar aquela situação (Sousa, 2015, p. 229).

A luta dos camponeses contra os latifúndios representou a luta de homens instruídos, que buscaram melhores condições de existência. Mostrando que trabalhadores rurais e camponeses possuem consciência das imposições sofridas, bem como estão munidos da fibra para lutar por seus direitos. Para Moraes Sousa (2015), os questionamentos dos lavradores em relação às suas condições de trabalho, bem como a resistência ao grande latifúndio, parecem ter sido a principal base para que se construísse a relação entre os camponeses de Campo maior e os militantes comunistas de Teresina.

A liga Camponesa em Campo Maior nos faz refletir sobre esse território de lutas e conflitos que é o Território dos Carnaubais. Ocorreram muitas mobilizações no campo, de acordo com Rocha (2015) em sua tese intitulada “A vida da lei, a lei da vida: conflitos pela terra, família e trabalho no tempo presente”. “Conforme os jornais da época, é possível notar que o discurso de seca foi gradualmente sendo substituído pelo discurso em prol da reforma agrária”.

Diante das mínimas condições de sobrevivência e da então configuração da política de terras do país, os trabalhadores rurais integraram um processo de luta pela terra nos vários municípios do Estado. No discurso oficial, os assentamentos de reforma agrária têm origens diferenciadas (Rocha, 2015, p. 41).

Desde 1957 as mobilizações no campo, estimuladas pelas ligas camponesas e movimentos sociais, ganharam novo impulso com o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR)⁴, aprovado em 1963, estendendo os direitos trabalhistas aos camponeses, incluindo a organização dos sindicatos de trabalhadores rurais. Com objetivo de frear os conflitos e as mobilizações no campo e tranquilizar os proprietários de terras, mais de uma década depois foi criado o Estatuto da Terra, a lei 4.504/1964, que surgia com uma proposta de reforma agrária⁵ e desenvolvimento da agricultura. Quase cinco décadas depois podemos constatar que o governo adotou providências de amparo à propriedade de terra, mas no que diz respeito à Reforma Agrária ainda

⁴ O presidente João Goulart sanciona a Lei 4.214/1963, o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), que estende para os assalariados do campo os direitos dos trabalhadores urbanos. Como consequência ocorreu um grande movimento de expulsão dos camponeses, muitos proprietários rurais demitiram em massa os trabalhadores permanentes e passariam a contratar os “volantes”, empregados temporários sem direito aos benefícios da lei. O ETR seria revogado dez anos depois, já na fase mais violenta da ditadura militar.

⁵ Art. 1º Esta Lei regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola.

§ 1º Considera-se Reforma Agrária o conjunto de medidas que visem promover melhor a distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e o aumento de produtividade.

§ 2º Entende-se por Política Agrícola o conjunto de providências de amparo à propriedade da terra, que se destinem a orientar, no interesse da economia rural, as atividades agropecuárias, seja no sentido de garantir-lhes o pleno emprego, seja no de harmonizá-las com o processo de industrialização do país.

não se teve uma resolução. Enquanto as terras permanecem nas mãos dos herdeiros da elite, muitos camponeses ainda não possuem nenhum pedaço de terra para morar.

Para Regina Bruno (1997), é inquestionável a importância do Estatuto da Terra, pois o fato de existir uma legislação agrária marcou todo o ethos do sindicalismo rural. Nesse sentido, a pesquisadora ressalta que:

Na verdade, é o Estatuto, que vai fazer a relação entre o Estado e o sindicalismo na luta por terra. É ele que abre o diálogo - tenso, difícil e com lutas - entre os trabalhadores rurais e o Estado. Mas é também importante não esquecermos que, através do Estatuto, o Estado não só conferiu identidade jurídica às categorias sociais antes existentes, como as redefiniu politicamente. Ao torná-las legais, filtrou uma determinada concepção de reforma agrária e conceitualizou o que seria latifúndio, propriedade familiar, empresa rural, função social, desapropriação, tributação, etc., que desde suas origens já se encontravam permeados por uma dupla lógica (Bruno, 1997, p. 28).

Para a autora, a existência de uma lei de reforma agrária e sua apropriação pelo movimento social representou muito, mas não o suficiente. É pouco, ao ter em conta a lei como institucionalização de um processo histórico de lutas, embates e projetos políticos diferenciados.

Em meio à criação do Estatuto da terra, as discussões e luta por direitos dos camponeses e latifúndios, a relação entre o estado e sindicalismo na luta pela terra, a Igreja Católica se apresenta como importante agente nesse processo histórico. Por meio de jornais, e relatórios da época percebemos que para além das ações do governo, a Igreja e várias entidades, especialmente ligadas à Igreja Católica, desenvolveram ações de formação política dos camponeses na região do meio norte piauiense.

IMAGEM 04: Injustiça Social



Fonte: Jornal O Estado, 1980

A imagem 04 apresenta uma notícia sobre o lançamento da Campanha da Fraternidade⁶ de 1980, cujo tema era “Para onde Vais?”. Ao lançar oficialmente a Campanha no Piauí, o Dom José Freire Falcão atribuiu a injustiça social como uma das principais causas das migrações.

Se o camponês deixa tudo é porque alimenta a esperança de encontrar noutra parte um lugar pra morar, trabalhar e viver com dignidade. Pois, ninguém abandona sua terra se nela se sente realizado e feliz, a não ser por um dever de encargo. É a vida dura, sem perspectiva de melhoria, que leva jovens e pessoas de idade madura a migrarem, numa caminhada cega e desumana, que faz sofrer nossa gente e por si mesma já constitui uma grave denúncia de uma estrutura social injusta (Falcão, 1980).

Segundo Dom José Freire Falcão (1980) o tema da Campanha da Fraternidade objetivava interpelar toda a sociedade para que pudessem refletir as situações vivenciadas pelos seus irmãos, pois, a consciência cristã não pode permanecer indiferente a esse fato social. “Deus criou a terra com seus bens para todos os homens, para que nela possam viver com dignidade. No entanto, uma minoria dispõe de imensos recursos, enquanto a maioria de nossos irmãos está marginalizada político-social-economicamente” (Falcão, 1980).

A Igreja Católica foi de suma importância na formação política dos camponeses a exemplo disso, a criação da CPT, em junho de 1975, em plena ditadura militar, como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões migrantes de diversas regiões do país para a Amazônia, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam.

2.2 POSSIBILIDADES DE PERMANÊNCIA

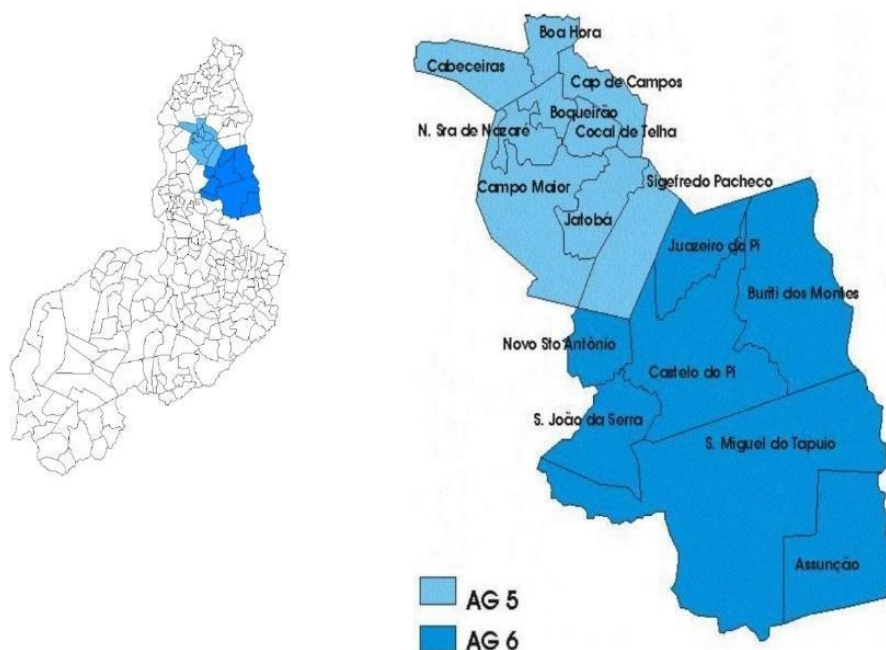
Pretendemos, neste tópico, compreender a experiência de camponeses saídos da região do semiárido norte do Piauí entre 2000 e 2019 definido como Território dos Carnaubais⁷ compondo a macrorregião Meio Norte do Estado, com ênfase na importância das relações familiares na migração, bem como, as redes de solidariedade, condições de trabalho vivenciadas por eles nas empresas da construção civil e industrial nos locais de destino, e às formas de exploração vivenciadas nas lidas de trabalho e resistências desses sujeitos a essas explorações.

⁶ A Campanha da Fraternidade é uma campanha realizada anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no período da Quaresma.

⁷ O Território dos Carnaubais é definido como TD, Território de Desenvolvimento, do Estado, como unidade de planejamento e ação governamental.

O Território abrange uma área de 19.686,0 Km² e é constituído por 16 municípios, Boa Hora, Boqueirão do Piauí, Buriti dos Montes, Cabeceiras do Piauí, Campo Maior, Capitão de Campos, Castelo do Piauí, Cocal de Telha, Jatobá do Piauí, Juazeiro do Piauí, Nossa Senhora de Nazaré, Assunção do Piauí, Novo Santo Antônio, São João da Serra, São Miguel do Tapuio e Sigefredo Pacheco, como apresentado na Imagem 05.

IMAGEM 05: Mapa Território de Desenvolvimento Carnaubais
Território de Desenvolvimento “Carnaubais”



Fonte: CEPRO, 2007.

A imagem 05 apresenta o mapa que delimita a área das potencialidades regionais do Estado pelo PLANAP⁸, apresentada em documento informativo acerca da economia, demografia, turismo, infraestrutura dentre outras áreas que são de suma importância para o Estado do Piauí, produzido pela Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (2013).

⁸ O PLANAP, lançado em junho de 2006 na cidade de Teresina (PI), consiste em um plano de ações integradas para o desenvolvimento sustentável da bacia do Parnaíba, abrangendo municípios dos Estados do Piauí, do Maranhão e do Ceará. O PLANAP está sintetizado em 16 volumes com todas as informações referentes ao estudo realizado durante o ano de 2005. Os territórios em análise são o da Planície Litorânea, dos Cocais, dos Carnaubais, entre Rios; dos vales do Sambito, do rio Guaribas, do rio Canindé, dos rios Piauí e Itaueiras; da Serra da Capivara; Tabuleiros do Alto Parnaíba e Chapada das Mangabeiras. Há ainda publicação sobre o uso da terra e do cerrado, um plano de ação de curto prazo com indicadores de aproveitamento das infraestruturas hídricas da Bacia do Parnaíba e o Relatório Final com o Plano de Ações estratégicas da Bacia. PLANAP na sede da Codevasf — Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba Codevasf.

O Território de Desenvolvimento Carnaubais, de onde saem os migrantes em estudo, integra 16 municípios que o PLANAP dividiu em áreas de potencialidades e apresenta um mapa com as potencialidades de cada um dos municípios que compõem a região, como, produção de rapadura. Dentre as potencialidades do território dos Carnaubais apresentadas pelo PLANAP, a Carnaúba é apresentada no Plano Estadual como uma das principais potencialidades econômicas da região. Além da importância econômica, a carnaúba tem uma importância social e ambiental. A palmeira pode ser encontrada em todo território piauiense, cuja exploração da palha para a extração e beneficiamento da cera é considerada uma das principais fontes de renda do homem rural da região meio norte do estado.

A atividade de exploração da carnaúba é, nesse sentido, um dos principais meios de sobrevivência de homens e mulheres da região. Por sua vez, a extração da palha da carnaúba, considerada centenária, envolve no seu entorno um debate amplo sobre a problemática da exploração, como a questão ambiental e a exploração da mão-de-obra de famílias de trabalhadores que lidam com a atividade. Cabe considerar, que por se tratar de uma atividade sazonal, visto que a exploração da palha se dá em período de estiagem, de agosto a dezembro, no período chuvoso, de janeiro a julho, grande parte das famílias que lidam com essa atividade buscam outras alternativas, trabalho doméstico, migração para trabalhar na construção civil em São Paulo, colheita de tomates em Goiás etc.

Vários estudos apresentam o impacto causado pelas atividades de extração da palha da carnaúba, evidenciando que esta atividade impacta diretamente no meio ambiente. Visando a proteção do meio ambiente, tivemos acesso ao manual de boas práticas “Cadeia Produtiva da Carnaúba”, que foi desenvolvido através da parceria entre Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) e a Associação Caatinga. O manual é destinado a trabalhadores extrativistas, produtores, chefes de turma de trabalho, reideiros, atravessadores, empresas e todos os envolvidos no ciclo produtivo da carnaúba.

Atualmente, a cadeia produtiva da carnaúba encontra diversos desafios que dificultam sua manutenção e sustentabilidade, como o desmatamento que resulta na perda de carnaubais devido às mudanças no uso da terra, pelo manejo inadequado na colheita, uso extensivo da madeira da Caatinga para lenha, cercas e construção civil. Isso acarreta perda de biodiversidade e mudanças não planejada no uso da terra, como também a bio invasão, que é a morte dos carnaubais não manejados pela invasão da unha-do-diabo (*Cryptostegia madagascariensis*), uma trepadeira que tem origem na Ilha de Madagascar, no continente africano, a qual foi introduzida no Brasil como planta ornamental e tornou-se uma planta

invasora com alto potencial de desequilíbrio ecológico em regiões semiáridas da região Nordeste. Todos esses fatores citados afetam o meio ambiente.

No que diz respeito às condições de trabalho no setor produtivo da carnaúba, a informalidade é condição predominante que abre margem para formas de trabalho sem garantias mínimas de Direitos Trabalhistas. As famílias que vivem da extração da palha da carnaúba se encontram em vulnerabilidade social, sobrevivendo em condições precárias, dependendo de programas sociais para garantir o mínimo da sua sobrevivência. Vivem em casas sem banheiros, sem acesso à água potável, sem condições de produzir na agricultura por conta dos períodos de estiagem, familiares desempregados, com pouco acesso ao lazer, situações de subnutrição, à saúde e demais serviços básicos.

Vivendo em condições tão degradantes, essas pessoas ficam vulneráveis às mais precárias condições de trabalho. É comum que no setor carnaubeiro as fiscalizações dos órgãos públicos encontrem a tipificação do trabalho análogo ao escravo pelas condições de trabalho degradante enquadradas como ilegalidade na legislação. Em alguns casos, foram descobertos alojamentos improvisados, sem higiene e água potável, além da ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs).

A Operação Resgate III realizada em agosto de 2023, em 22 estados e no Distrito Federal, retirou 532 trabalhadores de condições de trabalho escravo contemporâneo. Essa é considerada a maior ação conjunta de combate ao trabalho escravo e tráfico de pessoas no Brasil e é resultado do esforço de seis instituições: (MTE), (MPT), (MPF), (DPU), (PF) e (PRF).

No Piauí, uma situação chamou atenção do Grupo, em Batalha, região Norte do Estado, trabalhadores foram encontrados preparando um tamanduá, esses trabalhadores atuavam na atividade de corte da palha de carnaúba. Todos eles eram adultos e moravam em localidades próximas à frente de trabalho. As imagens 06, representam uma das fiscalizações do Ministério Público do Trabalho.

IMAGEM 06: Trabalhadores resgatados em condições análogas a escravidão



Fonte: Ministério Público do Trabalho, 2023.

As imagens apresentadas acima retratam o contexto de Fiscalização do MPT no ano de 2023, que flagrou as condições precárias vivenciadas por tantos trabalhadores da região, que por terem poucas oportunidades no seu local acostumaram-se a viver nas mais precárias sujeições para trabalhar. Submetem-se a condições insalubres para se manterem com uma mínima renda no seu local de origem.

A exploração da carnaúba no Território dos carnaubais acrescenta valor primário com a extração e secundário com o beneficiamento da cera, visto que existem várias indústrias na região, como a Brasil Ceras⁹, que desenvolve atividades de beneficiamento, refino e exportação da cera de carnaúba.

Acerca da problemática do trabalho escravo contemporâneo, a historiadora Cristiana Rocha, em artigo publicado sobre o tema, comenta como ocorre a extração da carnaúba e seus desdobramentos em um contexto produtivo de exploração do trabalho a partir das experiências de famílias de trabalhadores extrativistas, objetivando a compreensão dos mecanismos que favorecem o processo de naturalização da exploração nesse tipo de atividade, claramente toleradas por grupos tradicionais e passadas de geração a geração, e os limites entre a exploração e a escravidão pensados tanto pelos trabalhadores como pelo Estado. Isso posto, segundo Rocha 2020,

⁹ De acordo com empresa, a Cera de carnaúba é um ingrediente natural produzido a partir das folhas da palmeira Carnaúba, e sua extração se destaca principalmente por ser um componente natural que consegue ser um substituto eficiente para produtos petroquímicos que podem gerar riscos à saúde e preservação do meio ambiente. Neste contexto, dado as propriedades únicas presentes na composição da cera de carnaúba, o produto é um excelente componente com inúmeras aplicações e utilizado em diversas indústrias, como indústria alimentícia, indústria de cosméticos, indústria farmacêutica, indústria de polimentos e acabamentos, indústria automobilística, indústria eletrônica, indústria de papel carbono e tinta de impressão e indústria química. Brasil Ceras - A Empresa.

Embora inovações tecnológicas tenham sido introduzidas na preparação da cera, para extração do pó, os trabalhadores do nosso tempo ainda executam atividades já consideradas rudimentares nos seus tempos áureos. A cadeia produtiva da cera de carnaúba envolve as seguintes etapas: corte, realizado pelo vareiro/foreiro, que utiliza varas de bambu com uma foice presa em umas das extremidades para derrubar a palmeira; em seguida, o desganchador/gueiro colhe as palhas que são aparadas e enfeixadas pelo aparador; na etapa seguinte é realizado o transporte pelos tangedores/carregadores até o lastro; o lastreiro espalha as folhas para secagem por cerca de seis a oito dias; após a secagem se inicia o processo de retirada do pó cerífero das palhas com utilização de máquinas denominadas “bate-palha”; a etapa final é a industrialização para extração da cera presente no pó. Além dos danos causados à saúde, esses processos resultam ainda em perdas no plano ecológico, pelo excesso de cortes a que são submetidas as carnaubeiras (Rocha, 2020, p. 91).

Segundo a autora, a exploração da carnaúba, além de ser uma das principais fontes de renda dos trabalhadores rurais, é uma lida de trabalho altamente arriscada, pois os sujeitos rurais são severamente explorados e submetidos tanto a exploração física, bem como ficam condicionados ao tempo da árvore. Após a retirada das folhas da palha de carnaúba a árvore demora um certo tempo para se regenerar, além de que no inverno ficam unidas e o acesso impossibilita que os trabalhadores retirem a palha. Como a extração é uma das principais fontes de renda no território dos Carnaubais, esses homens optam por deixar o seu local de origem e migrar para outros estados.

IMAGEM 07: Extração da palha da Carnaúba



Fonte: IBGE, 1957.

Na imagem 07 foi capturado um momento do cotidiano rural no povoado de Cabeceiras, no Piauí, onde a extração da palha de carnaúba se apresenta não apenas como uma atividade econômica, mas também como uma prática cultural enraizada. Na cena, quatro homens se dedicam à tarefa de recolher a palha, um processo que exige não apenas força física, mas também habilidade e conhecimento profundo da planta e do seu ciclo de vida.

As expressões faciais e a postura dos trabalhadores transmitem um misto de esforço e resistência. O chapéu de palha protege parcialmente o rosto dos trabalhadores do sol forte, característico da região, entretanto evidencia-se o cansaço visível nos corpos, mas também a determinação que caracteriza esses trabalhadores.

A paisagem ao fundo, com os característicos carnaubais, fornece um contexto que aprofunda a relação não apenas com o ambiente natural, mas também com a identidade cultural local. A palmeira de carnaúba não é apenas um recurso; ela é um símbolo de resistência e de sobrevivência para muitos que habitam essa região. Além disso, a dinâmica do trabalho retratada na imagem pode ser vista como uma metáfora das lutas sociais e econômicas enfrentadas por essas comunidades ao longo do tempo.

Rocha (2020) afirma que:

[...] a configuração da cadeia produtiva da cera de carnaúba, atravessou os tempos e permanece como uma atividade que não sofreu transformações na forma de organização, nem tampouco nas relações estabelecidas na unidade produtiva. As relações familiares são predominantes e se apresentam como um entrave para o reconhecimento da exploração e trabalho escravo. No Piauí, as operações de combate ao trabalho escravo, em particular em atividades ligadas ao agronegócio, carvoarias e na extração do pó da carnaúba, foram iniciadas e são apresentadas de forma mais atuante a partir do ano de 2004 (Rocha, 2020, p. 100).

A cadeia produtiva da cera de carnaúba, ao longo do tempo, manteve-se estruturada sem alterações significativas tanto na sua organização quanto nas relações de trabalho que a caracterizam. Esse modelo, fortemente marcado por laços familiares, contribui para a invisibilidade de práticas abusivas, dificultando a identificação e o reconhecimento da exploração e de condições análogas à escravidão. Por um lado, essas relações familiares, podem criar um ambiente de solidariedade e cooperação, mas, por outro, instauram um ciclo de dependência e controle que perpetua a exploração.

O fato da produção de cera de carnaúba ser realizada em pequena escala, geralmente dentro de unidades produtivas familiares, torna a fiscalização e a regulação mais desafiadoras, pois as dinâmicas informais, frequentemente são obscuras à realidade do trabalho envolvido. O

trabalho escravo e suas condições análogas se tornam, assim, um problema que é frequentemente negligenciado, já que as particularidades dessas relações familiares podem obscurecer as violações de direitos.

Na interfase de migrar para outros Estados, ou permanecer e tentar se adequar às oportunidades de trabalho nos seus locais de origem, essas pessoas vivem sujeitas à mobilidade de trabalhar, o que acaba por interferir completamente nos seus modos de vida. Migram em busca de trabalho para obtenção de melhores condições de vida, retornam para suas cidades por dificuldades de conseguirem trabalho nos locais de destino, porque conseguiram obter o que desejavam, pela saudade da família ou pelo conjunto de relações que estabelece com o seu local de origem.

As possibilidades de permanência no local de origem desses homens eram trabalhar na extração da palha da carnaúba, nos comércios locais, prefeituras, trabalhos autônomos, ou até mesmo trabalhando na roça por meio de diárias, ou troca de serviços por meio das ajudas mútuas para a prática de agricultura de subsistência. Esse contexto de possibilidades, a exploração e os abusos mobiliza a saída de trabalhadores para outras regiões.

Em nenhum momento temos a intenção de apresentar fatores climáticos como fatores condicionantes para ocorrer a migração como aspecto fechado e determinante. Esses fatores, como as condições da extração da palha da carnaúba, a seca e a luta pelo acesso à terra, nos ajuda a entender o cenário resistências e vivências das pessoas. Direcionamos a pesquisa para conhecer as experiências migratórias do sujeito. Para isso, teremos em vista caracterizar seu território, suas relações e vivências.

2.3 ENTRE O IMAGINÁRIO E A REALIDADE

Destacamos anteriormente parte do cenário vivenciado pelos trabalhadores no território pesquisado, no sentido de que possam compreender melhor as motivações e os desafios encontrados pelos homens e mulheres no seu local de origem antes de tomarem a decisão de prepararem suas malas e partirem para um novo local, migrarem para um destino novo.

Antes de migrarem, os entrevistados, em sua maioria, possuíam uma ligação direta com o meio rural e atividades relacionadas à terra. Todos são originários de Cocal de Telha e compartilhavam uma rotina marcada por trabalhos informais e familiares. Entre os entrevistados, foi possível identificar duas gerações de migrantes: os pais, que migraram durante a década de 1980, e os filhos, que iniciaram o processo migratório a partir dos anos

2000. Enquanto os mais velhos, como os pais, se dedicavam principalmente à agricultura de subsistência, criação de animais e atividades como a produção de carvão, os mais jovens, embora em sua maioria envolvidos nas tarefas rurais, também buscaram outras ocupações, como estudos ou trabalhos informais no comércio local. Muitos, ao completarem a maioridade, decidiram migrar em busca de novas oportunidades, tanto profissionais quanto pessoais. Essas experiências refletem uma transição geracional, com uma mudança gradual do vínculo exclusivo com a terra para a busca de alternativas no mercado de trabalho urbano.

Abordamos anteriormente aspectos do cenário vivido pelos trabalhadores no território pesquisado, destacando as condições e os desafios enfrentados por homens e mulheres em sua terra natal. Essa análise buscou oferecer uma compreensão mais aprofundada das circunstâncias que impulsionam a decisão de partir, contextualizando os fatores que levam à preparação das malas e ao início da jornada migratória rumo a novos destinos. Avançaremos na discussão ao explorar as experiências desses trabalhadores e compreender o contexto de suas experiências no destino, entre tantos destinos escolhemos dar destaque as migrações para Cubatão.

O município de Cubatão, está situada no estado de São Paulo, como palco onde essas histórias se desdobram. Nosso foco será compreender como eles lidam com as adversidades, constroem novas relações sociais e desenvolvem estratégias de adaptação em meio aos desafios encontrados no novo ambiente. Além disso, examinaremos como os vínculos com a terra natal permanecem presentes, influenciando a forma como percebem e vivenciam a migração. Essa abordagem permitirá uma análise mais ampla e integradora do ciclo migratório, conectando os contextos de origem e destino e destacando as dinâmicas que atravessam a experiência do migrante.

Cubatão tem uma história profundamente marcada pela lógica do desenvolvimento industrial. De acordo com Ferreira (2007) desde o início do século XX, a cidade despontou como um importante polo industrial no Brasil, atraindo investimentos nacionais e internacionais, o que resultou em duas fases marcantes de industrialização. A primeira, ainda na década de 1910, incluiu a instalação de empresas como a Cia. Santista de Papel e a Fábrica de Anilinas. Já a segunda fase, intensificada a partir dos anos 1950, consolidou Cubatão como um dos maiores polos petroquímicos da América Latina. Indústrias como a Refinaria Presidente Bernardes e a Cosipa transformaram o município em uma peça-chave para a economia nacional, ao mesmo tempo em que intensificaram os problemas sociais e ambientais.

Em termos geográficos, Cubatão está localizada na Serra do Mar, em uma região de planície costeira, caracterizada por sua vulnerabilidade a alagamentos e deslizamentos. Essa

combinação de expansão industrial com fragilidade ambiental resultou em uma ocupação espacial desordenada. A urbanização acelerada levou à formação de várias favelas, onde muitos migrantes, como os trabalhadores de Cocal de Telha, se estabeleceram. Essas áreas, frequentemente localizadas em zonas de risco, são palco de enchentes regulares e tragédias associadas a deslizamentos.

A geografia humana de Cubatão revela uma população diversificada, composta por migrantes vindos de várias regiões do Brasil. Esses migrantes, atraídos pelas oportunidades de emprego nas indústrias locais, enfrentam desafios estruturais significativos, como contratos de trabalho temporários e condições habitacionais precárias. Embora as indústrias tenham promovido o crescimento econômico, elas também criaram uma dependência de empregos instáveis e contribuíram para o agravamento da desigualdade social.

O processo de favelização em Cubatão é um reflexo direto dessa dinâmica econômica e social. A falta de planejamento urbano adequado e os altos custos habitacionais forçaram trabalhadores e suas famílias a ocuparem áreas marginalizadas. Nessas comunidades, os problemas de infraestrutura básica, como acesso a saneamento, transporte e serviços de saúde, são agravados pelas constantes enchentes e pela poluição ambiental.

Os migrantes entrevistados apresentaram relatos sobre as enchentes que devastam suas casas, os deslizamentos que os obrigam a abandonar suas residências e ainda a precariedade dos contratos de trabalho, elementos que conjuntamente ilustram os desafios cotidianos enfrentados pelos migrantes em Cubatão. Ao mesmo tempo, esses relatos destacam a resiliência desse povo, atrelado à capacidade de adaptação em meio a um sistema que frequentemente os exclui e marginaliza.

Assim, Cubatão não é apenas o cenário físico dessas experiências migratórias, mas também um espaço simbólico que reflete as contradições do desenvolvimento econômico no Brasil, a coexistência de progresso industrial com a desigualdade social e vulnerabilidade ambiental. Compreender essa complexa realidade é essencial para interpretar as vivências, resistências e resiliências dos migrantes que fazem de Cubatão seu lar temporário ou permanente.

A expectativa criada em relação ao lugar de destino é mobilizada pelo boca-a-boca dos contrerrôneos que retornam e consolidam a ideia de um futuro em outros lugares. As experiências compartilhadas dos que migraram constroem um imaginário naqueles que ainda não migraram, os discursos de conquistas e do quanto migrar é lucrativo criam um sentido para aqueles que estão nos lugares de origem.

Nesse sentido, utilizaremos a História Oral, considerando os sonhos desses migrantes, expectativas, medos e angústias, para identificar esses e outros sentimentos que nos auxiliaram na compreensão da realidade de vida desses trabalhadores. Segundo Alistair Thompson, a História Oral,

[...] é uma história construída em torno de pessoas. Ela é a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vividos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, especialmente idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. [...] contribui para formar seres humanos mais completos (Thompson, 1992, p. 44).

A História Oral é construída através das pessoas e faz com que os grupos se aproximem, também contribui para a valorização dos mais distintos indivíduos e de suas histórias. Em outras palavras, é um fio condutor que liga gerações, classes sociais e os mais distintos grupos. Busca-se através da história oral, conhecer sobre as histórias de vida dos trabalhadores migrantes de Cocal de Telha-PI, e suas experiências como trabalhadores migrantes, peões de trecho.

Entende-se que o papel da História Oral é de imprescindível contribuição, pois será a principal ferramenta para conhecer as histórias desses sujeitos, e contribuir para que eles se vejam como agentes históricos, reconheçam a importância das suas histórias de vida para o seu município, e para a sociedade. Nesse sentido, falaremos da história recente, história de vida, experiências de vida.

Quando se trata de história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo (Bosi, 2003, p.17).

Bosi destaca a riqueza e os desafios do uso de testemunhos vivos na pesquisa histórica, especialmente no que se refere à reconstituição de comportamentos e sensibilidades de épocas recentes. Ao valorizar a oralidade, a autora ressalta que a força desses relatos vai além do que é explicitamente dito, exigindo do pesquisador sensibilidade para captar as tensões, os subentendidos e até mesmo o que é silenciado e frequentemente motivado por medo ou traumas.

Essa perspectiva é crucial nos estudos que envolvem experiências migratórias e trajetórias de trabalhadores, como nesta dissertação, onde os depoimentos revelam não apenas

as vivências individuais, mas também as estruturas sociais e históricas que moldaram essas experiências. Nos comprometemos em ser intérpretes atentos, sendo capazes de trazer à tona narrativas que estão parcialmente ocultas, enriquecendo a compreensão dos processos históricos com a dimensão humana e subjetiva dos acontecimentos.

Como já abordado na introdução foram realizadas entrevistas com homens e mulheres entre os anos de 2019 a 2024, dentre essas entrevistas podemos destacar muitos aspectos da experiência de vida dessas pessoas que migram e que possuem vínculos com aqueles que migram, como esposa e mãe.

Nos tópicos discutidos anteriormente, abordamos as condições na região de origem das pessoas e as lutas que enfrentam, o que nos proporciona uma compreensão mais profunda de suas vidas. Agora, queremos enfatizar um aspecto fundamental para a análise do fenômeno migratório em questão. Através das entrevistas que examinamos e das referências utilizadas, percebemos que a migração frequentemente é impulsionada por uma visão idealizada dos lugares de destino.

Aqueles que já migraram e retornaram costumam compartilhar histórias que destacam as oportunidades e experiências positivas vividas durante a jornada. Essas narrativas moldam não apenas a percepção da migração, mas também influenciam as decisões de outras pessoas que ponderam a possibilidade de migrar. Todos os entrevistados relataram que a busca por riqueza foi uma motivação central para sua migração, frequentemente inspirados por sucessos de conhecidos que conseguiram adquirir bens, como motos ou casas, após o retorno.

Em uma entrevista realizada em 2024 com trabalhador migrante Joelson, ele diz:

O sonho de quem viajava naquele tempo era comprar uma moto. Todo mundo queria comprar uma moto. Eu cheguei com R\$ 2.500 reais aqui pra comprar uma moto. Aí eu lembro. Eu fui pra Capitão de Campos com a mãe, comprei essa moto e o dinheiro não dava. E a moto que eu queria era aquela, minha mãe vendeu umas galinhas para inteirar o dinheiro dessa moto. Aí eu comprei essa moto por R\$ 2.500 reais. E a gasolina quem botava era ela. Que o dinheiro que eu tinha era pra comprar a moto. Era meu sonho. Era comprar a moto. Porque eu via todo mundo tinha moto, né? A gente era bem. Hoje não. A moto, o carro, isso aí é. Estão mais populares, né? Meu Deus do céu, e naquele tempo uma moto era o sonho de todo mundo. E aí eu sei, cara, que eu comprei essa moto. E quando eu queria sair na moto, ela me dava a gasolina. Minha mãe me dava a gasolina. Para as pessoas não né? Ele ta de moto, tal. Ela me dava o dinheiro da gasolina, mãe me da o dinheiro da gasolina. Ela me dava uns 5 reais e eu botava. Aí sei que eu viajei de novo. Aí eu viajei pra São Paulo de novo. Aí lá eu fiquei mais um ano. Aí foi melhorando, né? Foi melhorando, foi melhorando. Aí voltei pra cá de novo. Aí voltei pra cá de novo. Aí voltei pra São Paulo. Aí peguei minha profissão. Aí tudo foi indo? Peguei minha profissão, Graças a Deus. Mas assim no começo é duro, sofre muito, não é fácil como as pessoas imaginam que é não (Joelson, 2024).

O trecho da entrevista com o trabalhador migrante Joelson revela diversos aspectos que compõem a experiência da migração, o imaginário relacionado ao sucesso e às aspirações, assim como o estado psicológico e emocional dos que retornam à sua terra natal. O discurso começa com a menção do "sonho" de comprar uma moto, que representa não apenas um objeto de consumo, mas uma forma de mobilidade e status social. A moto surge como um símbolo de liberdade e realização pessoal, refletindo uma aspiração coletiva da época. A insistência na ideia de que "todo mundo queria comprar uma moto" evidencia a pressão social e a construção de um imaginário compartilhado sobre o que representa "ter sucesso" na vida, especialmente em contextos de migração.

A narrativa conta como sua mãe teve que vender galinhas para contribuir na compra da moto. A venda de galinhas torna-se um símbolo de sacrifício familiar e suporte, um elo que conecta Joelson à sua origem e aos seus vínculos familiares. Essa relação de dependência e apoio familiar faz parte do processo migratório e evidencia a interdependência entre os migrantes e suas famílias que permanecem na terra natal.

A menção de que "no começo é duro, sofre muito" revela uma realidade que contrasta com as expectativas idealizadas que as pessoas têm sobre a migração. Joelson reconhece que o processo não é tão simples ou glamoroso como muitos podem imaginar. Essa franqueza em relação ao sofrimento e às dificuldades enfrentadas destaca a complexidade da experiência migrante, desmistificando a ideia de que todos os migrantes prosperam facilmente.

A oscilação entre as viagens para São Paulo e o retorno demonstra um ciclo migratório comum entre trabalhadores migrantes, que muitas vezes circulam entre sua terra natal e os centros urbanos em busca de melhores oportunidades. Esse movimento sugere uma estratégia de enfrentamento das dificuldades econômicas, onde a migração se torna uma resposta às necessidades financeiras. A frase "hoje não. A moto, o carro, isso aí é estão mais populares" sugere uma mudança na percepção de status social com o passar do tempo. Isso implica que, embora as aspirações tenham se mantido, o que antes era visto como um sonho inacessível tornou-se, com o tempo, comum e menos significativo.

A referência a "pegar minha profissão" sinaliza um desenvolvimento pessoal e uma busca de identidade. O trabalhador se refere a migrar e conseguir um emprego de carteira assinada. Joelson relata que antes de migrar e trabalhar de carteira assinada ajudava os seus pais com o trabalho na lavoura e criação de animais.

Apesar das dificuldades, a migração também pode levar a um crescimento e a uma reconstrução da identidade profissional, permitindo ao migrante não apenas sobreviver, mas também prosperar. A experiência de Joelson como trabalhador migrante é rica em simbolismos

e revelações sobre os desafios e sonhos de uma vida migrante. O relato não apenas constrói um retrato da vida do migrante, mas também reflete as dinâmicas sociais e familiares que cercam essas experiências. Através desse discurso, é possível captar a intersecção entre sonhos, sacrifícios, realidades duras e a resiliência necessária para navegar numa vida marcada pela migração. O processo de retorno à terra natal é, portanto, uma trajetória complexa, carregada de significados e implicações emocionais que compõem o mosaico da vida de muitos migrantes que compartilham histórias semelhantes.

Os seres humanos costumam idealizar situações e imaginar realidades que desejam vivenciar. Antes que estas se concretizem, criam expectativas para o futuro, que muitas vezes não correspondem à realidade. Para alguns, a realidade se torna frustrante, porém, para outros é satisfatória, mesmo que não atenda às suas expectativas. Os habitantes do Território dos Carnaubais, em busca de realização profissional, idealizam oportunidades de trabalho em outros estados. Ao se depararem com a realidade social, os migrantes podem se sentir frustrados ou realizados.

O relato de experiência de Joelson ilustra o cenário criado para a construção do imaginário migratório, o trabalhador que antes via a migração a partir do êxito dos seus conterrâneos retornados, ao migrar e ter sua experiência se frustra e vivencia uma experiência muito distinta do que é passado por seus conterrâneos. No entanto, quando Joelson retorna de sua primeira migração ele constrói para aquele que ainda não migrou uma ideia de sucesso, pois ao retornar ele compra uma moto, mesmo com a ajuda da mãe e transita por sua cidade natal com aquele que para aqueles que ainda não migraram era considerado um sonho, despertando em outro a mesma ideia que um dia já teve.

Através dos estudos sobre a experiência de argelinos na França, desenvolvidos por Abdelmalek Sayad, podemos identificar muitas semelhanças e conexões com as experiências migratórias vivenciadas pelos trabalhadores de Cocal de Telhas em São Paulo. No tópico intitulado “Tudo o que dizemos são mentiras”, chama atenção a imagem que se constrói da França ao retornar para o local de origem

Não, nunca nos explicam a França como ela é antes de que a conheçamos. A gente os vê voltar, estão bem, vestidos, trazem malas cheias, dinheiro no bolso, a gente os vê gastar esse dinheiro sem cuidar; eles estão bonitos, estão gordos. E, quando falam, o que dizem? Eles falam do seu trabalho duro; o trabalho é sempre duro, é preciso ser forte para fazê-lo, isso quer dizer que eles ganham muito dinheiro. É que a gente entende quando não vimos com nossos próprios olhos...De todo o resto ninguém fala (Sayad, 1998, p. 36).

A citação é um fragmento da experiência relatada por Mohand, jovem que migrou para a França e descobriu que parte do discurso criado pelos seus conterrâneos não condizia com a realidade difícil vivenciada. O relato do Argelino se assemelha com relatos dos trabalhadores cocatelhenses que também criaram uma imagem que não condiz com as realidades vivenciadas em São Paulo. Observar essas semelhanças destaca-se ainda mais a importância de falar de experiências locais para que possamos conectá-las a uma experiência regional, local e global.

Os trabalhadores camponeses migrantes, em seus relatos, contam imaginarem os locais e as pessoas como acolhedoras, e que, rapidamente, se adaptariam em uma rotina de trabalho agradável, almejando sucesso profissional imediato. No entanto, ao viajarem para esses outros estados, perceberam que as expectativas idealizadas não se confirmariam e diferiam da realidade. De acordo com Jaisson (2019) sobre criar expectativas:

[...] eu criei, eu achei que era mais fácil né, eu via todo mundo que viajava, chegava aqui com dinheiro, a gente achava que fosse uma vida mais fácil, mas quando a gente chega lá, a gente descobre que é sofrido, a gente rala muito, tem que fazer comida quando chega do trabalho, lavar roupa né, e morar mais os outros né, morar mais outras pessoas que a gente não tem o convívio, passa conviver lá, aí as vezes pode haver um descontentamento dependendo das pessoas, da personalidade das pessoas [...] o trabalho puxado, o tempo corrido, tem muita hora extra, as vezes a pessoa trabalha até tarde, e quando chega em casa ainda tem que cuidar das coisas, não é fácil não né, mas é um meio para quem não se esforçou tanto para estudar tem para sustentar a família [...] (Jaisson, 2019).

Dessa forma, podemos perceber através da fala de Jaisson que há uma expectativa de ascensão social, de realização de consumo. Uma imagem associada ao sucesso e demonstrações públicas de realização na cidade de origem do sujeito, o trabalho formal distante em outra cidade e estado se apresentaria como possibilidade de realização, possibilidade de adquirir bens. Essa relação entre a imagem idealizada e os meios de trabalho possíveis criam no imaginário dos sujeitos de que migrar para outros estados é consequência óbvia. Infelizmente, independente de sua afetividade pela cidade, a crença de sucesso não residia na cidade de origem, mas fora dela.

Conforme destaca Jaisson, ao criarem as expectativas acerca do mundo fora dos limites do município de origem, essas pessoas imaginam uma realidade contraditória e conflituosa entre cidade de origem e espaço de trabalho. Acabam se sobrecarregando com a correria do dia a dia, horários normais e horas extras, uma rotina de trabalho exaustiva e cansativa ao extremo: “a gente achava que fosse uma vida mais fácil, mas quando a gente chega lá, a gente descobre que é sofrido, a gente rala muito” (Jaisson, 2019).

O trecho da entrevista com o migrante oferece uma visão rica e detalhada sobre as expectativas e as realidades enfrentadas por aqueles que optam por deixar suas terras de origem em busca de melhores condições de vida. O migrante revela uma idealização inicial sobre a vida em outro lugar, fundamentada na percepção de que viajar significava ascensão econômica e melhoria imediata das condições de vida. No entanto, ao vivenciar o cotidiano do trabalho e as dificuldades inerentes ao deslocamento, essa visão se descontrói. A entrevista evidencia como a migração, frequentemente percebida como uma solução mágica, exige uma adaptação difícil a novas rotinas e condições de vida.

O depoimento enfatiza o trabalho árduo e exaustivo, com longas jornadas e horas extras, somadas às responsabilidades domésticas, que antes poderiam ser compartilhadas com familiares na terra natal. Essa dupla jornada de trabalho (formal e doméstico) é um aspecto frequentemente negligenciado nos estudos sobre migração, mas que tem impacto significativo na saúde física e mental dos migrantes.

A menção à necessidade de dividir moradia com pessoas desconhecidas revela um desafio adicional, o convívio forçado em espaços limitados, que pode gerar tensões interpessoais. Este ponto evidencia a precariedade habitacional muitas vezes vivenciada por trabalhadores migrantes e a falta de suporte social em ambientes urbanos.

A fala do entrevistado sugere um sentimento de resignação em relação à falta de preparo acadêmico ou técnico "quem não se esforçou tanto para estudar". Esse discurso pode ser lido como uma internalização de desigualdades estruturais, quando o migrante assume a responsabilidade por estar em uma posição vulnerável, mesmo quando sua situação é resultado de desigualdades sistêmicas. Esse ponto reforça a necessidade de analisar como narrativas pessoais são moldadas por discursos sociais dominantes.

Apesar das dificuldades, o migrante reconhece a migração como um "meio" necessário para garantir o sustento familiar. Essa dimensão evidencia o papel central da migração como estratégia de sobrevivência, muitas vezes mediada por obrigações familiares e comunitárias, que transcendem o indivíduo. Esse trecho da entrevista não apenas aponta as contradições vividas pelos migrantes, mas também revela dimensões emocionais e culturais que enriquecem nossa compreensão do fenômeno migratório. Ele convida à reflexão sobre a necessidade de políticas públicas que ofereçam suporte adequado aos migrantes, garantindo melhores condições de trabalho, moradia e integração social. Além disso, nos faz refletir sobre o quão importante é captar essas vozes em nossas pesquisas, para dar centralidade às experiências vividas por quem protagoniza esses deslocamentos.

As relações das populações rurais possuem aspectos morais que devem ser considerados quando o entrevistado traz em sua fala um lamento quando espera que o seu conterrâneo seja acolhedor e o ofereça apoio, abrigo, de modo que represente os pactos que são estabelecidos por esses sujeitos nos locais de origem no meio rural, seja nas trocas de diárias nas lidas da roça, seja no acolhimento e ajudas mútuas¹⁰.

De acordo com Cândido (1997),

As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que soluciona o problema da mão de obra nos grupos de vizinhança (por vezes entre fazendeiros), suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural do caipira. Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçado, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados dos eventuais que o auxiliaram (Cândido, 1997, p. 81).

O autor denomina como mutirão o comportamento econômico, sendo definidos a partir dos valores morais ou normas culturais dos sujeitos no meio rural. Considerando os aspectos das relações estabelecidas no meio rural, o autor destaca que, “A necessidade de ajuda, imposta pela técnica agrícola e a sua retribuição automática, determinava a formação duma rede ampla das relações, ligando uns aos outros os habitantes do grupo de vizinhança e contribuindo para a sua unidade estrutural e funcional” (Cândido, 1997, p.82).

Esse indivíduo acaba vivendo entre fronteiras culturais, sociais, fronteiras estabelecidas no contato com o outro.

A fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas coisas [...] fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo [...] fronteiras da história e da historicidade do homem. E sobretudo, fronteira do humano. Neste sentido fronteira tem caráter litúrgico e sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora (Martins, 2009, p. 11).

Deste modo, entende-se a fronteira para além do espaço geográfico, procurando perceber como essa fronteira se estabelece em seus múltiplos sentidos, nas relações culturais, econômicas e como são estabelecidas pelos sujeitos nos espaços rurais e urbanos. Ao migrarem

¹⁰ O capítulo 1 “A vida caipira tradicional” de João Cândido apresenta muitos destes pactos morais estabelecidos nas relações dos camponeses do meio rural. CANDIDO, Antônio. A vida caipira tradicional. In: CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Ed. 34, 1997.

para outros Estados esses homens se deparam com novas culturas, novos hábitos, novos cotidianos. Saem de um município rural e vão para as grandes metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro, onde passam a vivenciar realidades totalmente distintas do que estão acostumados. Acabam se sobrecarregando com a correria do dia a dia, horários normais e horas extras, uma rotina de trabalho exaustiva e cansativa ao extremo.

Realizamos a primeira entrevista com o senhor Jaime, de 61 anos, camponês, migrante retornado de São Paulo com seu filho Josiel, de 31 anos, migrante retornado temporariamente de Goiás. Migrantes de retorno, os dois homens pai e filho, demonstravam entusiasmo ao expressarem aspectos da sua cultura, de suas experiências como trabalhadores migrantes.

No primeiro momento, antes de iniciarmos a entrevista o seu Jaime demonstrou uma preocupação, disse-nos que não saberia se falaria bem. Ele, assim como outros homens da região, ao serem convidados para falarem de suas experiências de vida, traziam o discurso que suas experiências de vida não eram importantes. Este discurso presente na narrativa dos sujeitos nos diz o quanto é necessário apresentar para esses homens o quanto suas histórias são importantes.

A entrevista com seu Jaime iniciou e seu filho ficou escutando-o narrar as experiências vivenciadas em suas viagens para outros Estados e regiões, suas experiências muitas vezes divergentes da expectativa que ele criava antes de migrar. Posteriormente ao começarmos a entrevista Josiel, de 31 anos, o filho narra o quanto foi influenciado pelo pai para começar a migrar, que podemos destacar o aspecto geracional das migrações. Tanto no discurso do pai como do filho identificamos atitudes passadas de geração em geração, o pai que iniciou as migrações em 1978 e já aposentado trabalha apenas cuidando de sua propriedade na zona rural do município onde mora, e seu filho que ainda vive no constante migrar e retornar para outros Estados. Em seus relatos predominam o sentimento de necessidade de acolhimento por conterrâneos nos lugares de destino e a influência que os amigos possuem no contexto das migrações.

Através dessas narrativas, identificamos a importância dessas redes sociais no contexto dessas migrações, sujeitos que migram através da ajuda, coerção, incentivo de uma série de pessoas, pai, cunhado, primo, amigos. A importância das redes sociais aqui é identificada pela ajuda mútua, principalmente na chegada a São Paulo, pois o migrante recém-chegado não dispõe de recursos suficientes para a sobrevivência, necessitando, portanto, de acolhimento nas casas dos que já estavam estabelecidos (Silva; Menezes, 2013).

Muitos pesquisadores como Marilda Menezes (2012), Cristiana Rocha (2010), Sandra Roberta (2012) destacam a fundamental relação das migrações com as redes de parentesco estabelecidas entre os migrantes. Em concordância com estas pesquisadoras, destacamos a importância das redes de parentesco entre os migrantes do Território dos Carnaubais.

Através das narrativas dos sujeitos, identificamos a importância dessas redes de solidariedade no contexto dessas migrações, sujeitos que migram através da ajuda, coerção, incentivo de uma série de pessoas, pai, cunhado, primo, amigos. A importância das redes sociais aqui é identificada pela ajuda mútua, principalmente na chegada a São Paulo, pois o migrante recém-chegado não dispõe de recursos suficientes para a sobrevivência, necessitando, portanto, de acolhimento nas casas dos que já estavam estabelecidos (Silva; Menezes, 2009).

Em um dos trechos da entrevista o filho de seu Jaime, Josiel fala com lamento:

Fica aguardando às vezes. É um colega da gente que liga, olha a empresa está contratando a gente pega e vai ou então muitas vezes a empresa mesmo que liga pra dizer. A empresa vai liga, pergunta o nome da gente e se a gente está interessado na vaga a gente pega e viaja [...] (Josiel, 2019).

As empresas mantêm no local de origem um canal de comunicação para contratação de mão-de-obra. Esse aspecto revela uma estratégia comum também revelada por todos os entrevistados. No contato informal via telefonema, o trabalhador negocia alojamento e salário com as empresas. Esse contato é muitas vezes articulado pela empresa e o trabalhador já contratado faz a mediação para contratação de conterrâneos. Trata-se de um mecanismo de troca de vantagens, possível ascensão na função ou obtenção de adicionais na remuneração).

Para o entrevistado, a realidade vivenciada no local de destino é diferente da expectativa construída em torno da migração compartilhada entre os seus conterrâneos. As relações estabelecidas no meio rural acabam por influenciar não apenas neste sentido, mas em todo o conjunto de experiências e vivências dos migrantes, seja com a moradia, empregos e até com as profissões exercidas por esses sujeitos no local de destino.

Ainda conforme as imagens criadas a respeito dos locais de destino, o entrevistado Josiel explica:

Não, totalmente diferente, é diferente demais. Porque aqui olha, uma coisa, aqui o pessoal quando chega aqui é totalmente diferente quando está lá. Em questões de dá hospedagem, entendeu, porque todo mundo quer ir para São Paulo. Tipo assim, se você não foi chamado por uma empresa para te colocar no alojamento aí tem que depender dos outros né, da moradia. Chega lá com uma bolsa, daí não é todo mundo que quer te dar moradia, as vezes pessoas que é seu amigo aqui chega lá é totalmente

diferente. Ele se desfaz, outra coisa, como se fosse de outra pessoa entendeu. Ai daí quando tu tá empregado aí todo mundo começa a ser seu amigo de novo. Não é, a realidade é totalmente diferente, que a gente pensa lá, porque as vezes tu pensa assim, lá eu tenho dois três amigos lá e quando tu chega lá a pessoa nem olha pra ti, entendeu, porque tu tá chegando novo entendeu, é uma luta bem complicada. Mas daí depois que tu se acostuma em um lugar, que tu tipo assim é chega lá começa a alugar um quarto pra ti, começa a comprar as coisas, daí você vai se adaptando entendeu (Josiel, 2019).

O trecho da entrevista com Josiel aborda questões profundas relacionadas à migração, à sensação de estranheza entre as expectativas e a realidade que muitos enfrentam ao se mudarem para grandes centros urbanos como São Paulo, lugar para onde “todo mundo quer ir”. O relato demonstra um forte sentimento de isolamento e um choque cultural acentuado entre as esperanças depositadas na vida na metrópole e a vivência concreta que os migrantes encontram.

Josiel menciona que, ao chegar a São Paulo, se depara com uma dinâmica interpessoal muito diferente do que havia imaginado. As amizades que ele presumiu serem sólidas se mostram frágeis, e a solidariedade esperada não se concretiza. Esse fenômeno pode ser atribuído ao fato de que, em grandes cidades, as relações sociais tendem a ser superficiais e competitivas, dificultando a formação de laços genuínos e duradouros.

O processo de "acostumar-se" à nova realidade sugere uma adaptação resiliente às condições frequentemente hostis que os migrantes enfrentam. Essa resiliência é essencial para a permanência do migrante, pois aceitar a nova realidade não implica desistir dos próprios sonhos, mas encontrar maneiras de lidar com esse novo cenário enquanto tenta construir uma nova vida.

Além das dinâmicas de competição e individualismo que permeiam as grandes cidades, existem outras razões que podem contribuir para a percepção diferenciada em relação a Josiel. A presença de uma classe trabalhadora alta coloca os imigrantes em situações de vulnerabilidade, levando muitos a serem vistos como inferiores por aqueles que já estão estabelecidos. O estigma associado a ser considerado "novato" pode impactar diretamente as interações sociais. Além disso, a desvalorização do trabalho que muitos migrantes enfrentam, com empregos de baixa remuneração e condições precárias, influencia a percepção que os trabalhadores já inseridos no mercado de trabalho têm em relação a eles.

A mudança para uma cidade grande também pode desgastar relações antigas, uma vez que a expectativa de que amigos de longa data ofereçam apoio frequentemente se revela frustrante. A nova rede social que emerge na vida do migrante muitas vezes está permeada pelo receio de se aproximar de alguém que pode ser considerado um "problema" devido a sua nova

condição. Josiel expressa essa ideia de estranhamento em relação à cidade grande, onde a realidade contrasta com os sonhos alimentados por parentes e amigos que motivaram sua migração. O "acostumar" sugere uma aceitação do que, pelo momento, não pode ser alterado, pois desistir da busca por uma vida melhor não está nos planos do migrante. Assim, a resistência diante dos desafios enfrentados em meio à metrópole torna-se parte integral do projeto migratório.

Além disso, a afirmação de que "todo mundo quer ir para São Paulo" reflete como a cidade é percebida como um polo de oportunidades e crescimento, atraindo pessoas em busca de ascensão social e econômica. Reconhecida como o centro econômico e cultural do Brasil, São Paulo é vista por muitos como o lugar onde se pode alcançar objetivos profissionais e uma vida digna. No entanto, como evidenciado nos relatos, a realidade frequentemente se revela desconcertante. Embora a migração geralmente seja impulsionada por expectativas familiares e sociais, a ausência de uma rede de apoio sólida no novo local pode trazer desafios significativos. Chegar em uma cidade como São Paulo sem recursos garantidos ou uma base de apoio frágil pode tornar a busca por moradia e integração um empreendimento complicado.

Muitos migrantes enfrentam dificuldades ao confrontar a dura realidade que contradiz suas expectativas, como a intensa competição por vagas de emprego e a necessidade de adaptar-se a novas culturas e modos de vida. Por isso, para os migrantes, São Paulo pode ser um cenário repleto de potencial, mas também de desafios. Cada experiência é única e dependente das circunstâncias e vivências pessoais dos indivíduos.

O relato de Josiel demonstra a quebra desse idealizado imaginário da migração. Ele expressa que as expectativas em relação aos conterrâneos, que se esperava que o apoiassem na moradia e adaptação, muitas vezes se mostram frustradas. Ele descreve uma decepção, já que muitos amigos e conhecidos se mostram diferentes do que havia presenciado em sua cidade de origem.

A conexão com os conterrâneos, no primeiro contato em um novo estado, geralmente é uma expectativa dos migrantes, que esperam encontrar apoio nesses conhecidos. Contudo, a realidade revela que esses laços nem sempre se traduzem em ajuda concreta quando é necessário, intensificando a sensação de solidão e frustração do migrante. Portanto, o depoimento de Josiel e as experiências de outros migrantes ressaltam a complexidade e as nuances da experiência migratória, na qual a luta por reconhecimento e apoio - muitas vezes - se confronta com a dura realidade das metrópoles contemporâneas.

É importante destacar que a experiência de Josiel é apresentada como uma realidade divergente da que comumente escutamos entre os trabalhadores migrantes, em sua maioria eles

destacam o apoio que receberam de seus conterrâneos. No entanto, trazer para discussão a experiência de Alves nos faz conhecer e refletir sobre outro aspecto das redes de apoio.

Segundo o relato do trabalhador Liberato, de 31 anos, identificamos o quanto o apoio dos conterrâneos é significativo para muitos desses trabalhadores migrantes:

A gente tem que viajar para fora, na incerteza se vai dar certo ou não, porque o ruim da gente que sai pra fora é isso, porque muitas vezes que você sai na maioria das vezes já sai com algo previsto, não, a pessoa liga pra você, olha vai precisar de algumas pessoas aqui agora se você pode vir, é melhor. Só que aí você vai, sempre vai naquela incerteza né, porque quando você chega lá é muita gente, as empresas são muito exigentes, tem que fazer vários exames, provas, e sem falar que muitas vezes tem pessoas que tão lá pra ajudar, só que tem outras também para atrapalhar. Aí dependendo do lugar que você chegar, dependendo se você não tiver um conhecido mesmo pra, não conheço o rapaz assim é trabalhador, o cara não quer arrumar o trabalho para você. Porque hoje não adianta você dizer que não porque o mercado de trabalho você sabe que você só trabalha mesmo hoje ainda mais com essa crise se você tiver algum conhecido para li indicar. Fica aguardando as vezes é um colega da gente que liga, olha a empresa está contratando a gente pega e vai ou então muitas vezes a empresa mesmo que liga pra dizer. A empresa vai liga, pergunta o nome da gente e se a gente está interessado na vaga a gente pega e viaja. E geralmente no meu caso a maioria das minhas viagens eu viajei pode se dizer só, já viajei muitas vezes, é muito ruim você viajar só, sem conhecer ninguém as vezes já aconteceu deu viajar só, e ficar ligando para alguns colgas meus que já tava lá perguntando como é que era. A você vem até tal lugar, chegando aí você desse aí você vai pra tal lugar assim aí chega em uma cidade estranha sem conhecer nada aí você tem que se virar, tem que andar, tem que adivinhar onde é tudo. Isso aí por um lado é muito ruim. Chegar em uma cidade, sem, sei lá aí você tem que andar perguntando, mas é questão de tempo você se adapta com aquela situação. Com aquela cidade ali e pronto já começa a saber onde fica tudo (Liberato, 2019).

Consoante a narrativa, identificamos que além da incerteza que o trabalhador possui em relação a conseguir e permanecer no trabalho nos locais de destino. As redes migratórias se apresentam significativamente para esses homens. O entrevistado relata que através das indicações dos seus conterrâneos há uma maior facilidade para conseguir um emprego nos locais de destino, aqueles que foram primeiro abrem caminho para aqueles que estão por vir, aqueles que já estão em uma empresa indicam os conterrâneos para preencher as vagas que surgem na empresa. Passa o contato do seu conterrâneo para a empresa e a empresa liga. Acontece também o caso de o trabalhador pedir para sair da empresa e por prestar um bom serviço a empresa salva seus dados e liga depois de um tempo para ofertar uma nova oportunidade.

No caso em particular, o sujeito também associa a dependência e necessidade desse vínculo com conhecidos, para haver uma melhor adaptação nesses locais e quando não ocorre essa ajuda, a realidade inicial - em termos de adaptação nesses locais - se torna difícil. Essa rede de apoio e solidariedade entre os migrantes é fundamental para proporcionar uma

maior segurança e acolhimento aos trabalhadores que se encontram em situações desconhecidas e desafiadoras. É através dessas relações que muitos conseguem se adaptar e superar as adversidades que encontram no caminho. As relações de parcerias entre os migrantes se tornam verdadeiros suportes emocionais e práticos nesse processo de busca por melhores oportunidades e sustento para si e suas famílias no enfrentamento dos desafios da cidade grande.

O relato destaca a "incerteza" como um dos maiores desafios enfrentados por quem decide migrar. A partir de um contexto em que oportunidades formais de trabalho são escassas, a decisão de viajar é frequentemente tomada sem garantias concretas de sucesso. Essa dimensão evidencia a precariedade do mercado de trabalho e o alto risco assumido pelos migrantes, que muitas vezes se deslocam baseados em informações vagas ou na expectativa de apoio por parte de conhecidos.

As redes sociais aparecem como um elemento fundamental para a viabilização da migração e inserção no mercado de trabalho. O entrevistado enfatiza que a recomendação de um conhecido é, muitas vezes, decisiva para conseguir uma vaga. Essa dependência reflete não apenas a informalidade nas contratações, mas também a exclusão estrutural de quem não possui essas conexões. A necessidade de ter alguém "para indicar" reforça a ideia de que o capital social é uma das principais ferramentas de sobrevivência no contexto migratório.

O relato apresenta o deslocamento em si como um processo difícil e solitário, principalmente quando o migrante não conhece ninguém no destino. As dificuldades de orientação em uma cidade estranha, a falta de suporte emocional imediato e a necessidade de se "virar" para entender o ambiente, são aspectos que ampliam a vulnerabilidade desses indivíduos. Contudo, o entrevistado também aponta que a adaptação é uma questão de tempo, evidenciando uma resiliência característica de muitos migrantes.

O trecho destaca as barreiras formais e informais no acesso ao mercado de trabalho. Empresas "muito exigentes", que realizam exames e provas, contrastam com a informalidade das redes de indicação. Essa dualidade expõe o migrante a situações de incerteza e, muitas vezes, exclusão, dependendo de suas condições físicas, emocionais e sociais. Além disso, a competição no mercado de trabalho é intensificada pela presença de outros trabalhadores igualmente necessitados.

A chegada a uma cidade nova é retratada como uma experiência desafiadora, mas também como um processo de aprendizado e adaptação. O migrante se coloca como alguém que, apesar das dificuldades iniciais, desenvolve estratégias para se situar no novo espaço. Esse processo de apropriação do lugar não apenas demonstra resiliência, mas também reflete a capacidade do migrante de se integrar ao meio, mesmo em condições adversas. O entrevistado

situa suas experiências dentro de um contexto mais amplo, mencionando a crise econômica como um fator que dificulta ainda mais o acesso ao mercado de trabalho. Essa conexão reforça a importância de entender a migração não apenas como uma escolha individual, mas como uma resposta a condições econômicas estruturais que restringem as possibilidades de sustento e crescimento em regiões de origem.

O relato de Josiel (2019) é um exemplo claro das complexas dinâmicas sociais e econômicas que permeiam a migração. Ele aponta a dependência de redes informais, as barreiras estruturais no mercado de trabalho e o processo de resiliência e adaptação como elementos centrais na experiência do migrante. Esses aspectos destacam a necessidade de políticas públicas que facilitem o acesso ao mercado de trabalho, forneçam apoio para a adaptação em novas cidades e reduzam as desigualdades no processo migratório. Além disso, mostram a importância de ouvir as vozes dos migrantes para compreender plenamente os desafios e as estratégias envolvidas em seus deslocamentos.

3. TRABALHADORES PELO MUNDO

3.1 FORMAS DE RESISTIR

Este tópico abre uma discussão sobre as formas de resistências destes sujeitos nos locais de destino, suas estratégias de vida nesses locais. Por meio dele, pode-se perceber e procurar identificar os discursos ocultos adotados por esses trabalhadores nos espaços de sociabilização, nos grupos de convívio, bem como identificar os discursos públicos e ocultos, e as estratégias que eles utilizam em seu cotidiano e nas relações de poder estabelecidas, seja como arregimentadores, seja como os empregadores, e ainda, nas relações estabelecidas no campo. Esse entendimento mencionado considera a noção de discurso oculto de James Scott, atrelado às práticas dos subordinados em desbravar espaços próprios.

A dominação e a arte da resistência é uma tentativa de generalização de suas reflexões a respeito das relações de classe e das formas de resistências, estendendo o argumento para outras interações de poder, em que figuram experiências de escravos, castas subalternas, mulheres, povos indígenas e evidentemente - trabalhadores rurais de outras regiões do mundo (Scott, 2013, p. 274).

Deste modo, através das entrevistas orais iremos identificar, através das falas dos sujeitos, as relações de classe, formas de resistência estabelecidas pelos trabalhadores migrantes nos locais de destino. Isso se dá de maneira que possamos:

[...] compreender não propriamente as migrações, mas os migrantes, como sujeitos sociais ativos dos processos migratórios. Eles não são agentes passivos de forças estruturais ou de fatores de “expulsão” ou “atração”, nem simples força de trabalho, mas se constituem enquanto sujeitos na própria experiência de deslocamentos, nos espaços de trabalho, na família, ou ainda nas formas de organização associativa e política e práticas de sociabilidade (Fontes, Alvim, Apud Menezes, Cover, 2018, p. 79).

Os referidos autores discutem uma perspectiva teórica e metodológica que aprofunda as discussões realizadas ao enfatizar o papel dos migrantes como sujeitos sociais ativos, ao invés de agentes passivos das dinâmicas estruturais. A citação desloca o foco das análises tradicionais, que frequentemente abordam a migração como resultado exclusivo de forças econômicas ou estruturais, para uma dimensão que valoriza a subjetividade dos migrantes. Aqui, eles não são vistos apenas como vítimas de processos de “expulsão” ou “atração”, mas como agentes que vivenciam, reinterpretam e transformam as condições de deslocamento e trabalho.

Os trabalhadores de Cocal de Telha demonstram essa capacidade de agência ao narrar suas estratégias de sobrevivência, adaptação e resistência nos locais de destino. Por exemplo, as redes familiares e comunitárias, embora muitas vezes apresentadas como um meio de vulnerabilidades, também refletem escolhas conscientes e práticas culturais que fortalecem a capacidade do migrante de enfrentar desafios. Reconhecer essa subjetividade amplia a análise, posicionando os migrantes como protagonistas de suas histórias. A citação também aponta para a importância de investigar as relações de classe nos locais de destino, além das formas de resistência desenvolvidas pelos trabalhadores migrantes. Esses processos ocorrem tanto no espaço de trabalho quanto nas esferas familiares, nas quais os migrantes encontram meios de contestar, negociar e transformar as condições impostas.

Os relatos coletados evidenciam que os migrantes de Cocal de Telha, embora frequentemente expostos a condições precárias de trabalho e moradia, desenvolvem formas de resistência que incluem a reivindicação de direitos, a criação estratégias de sobrevivência e de redes solidárias e, em alguns casos, o retorno planejado à terra natal. Essas práticas podem ser interpretadas como uma resposta ativa às desigualdades estruturais enfrentadas, reforçando a importância de analisar as migrações a partir de uma perspectiva que acaba incluindo a luta de classes e resistência.

A citação sugere que a experiência migratória é vivida de forma multifacetada, incluindo os espaços de trabalho, a família, as formas de organização política e as práticas de sociabilidade. Esse enfoque amplia a análise das migrações, reconhecendo que a trajetória do migrante é influenciada por uma pluralidade de fatores, que vão além das condições econômicas.

As entrevistas analisadas revelam que os trabalhadores migrantes não apenas se deslocam por razões econômicas, mas também criam vínculos no local de destino e mantêm conexões afetivas e culturais com a terra natal. As festas, celebrações e práticas religiosas mencionadas pelos entrevistados ilustram como as práticas de sociabilidade ajudam a manter a identidade e fortalecer o sentido de pertencimento, mesmo em um ambiente de deslocamento.

O fragmento também enfatiza a importância de reconhecermos os migrantes como sujeitos históricos, cujas experiências de deslocamento e trabalho contribuem para a formação de novas identidades e práticas sociais. Essa perspectiva se opõe à visão reducionista do migrante como mera “força de trabalho”, destacando sua capacidade de transformar o espaço e a sociedade em que se inserem. Essa abordagem se alinha ao enfoque metodológico que utilizamos, a História Oral, buscando valorizar as narrativas dos trabalhadores como fonte primária. As experiências relatadas não apenas ilustram os desafios enfrentados, mas também

revelam como esses indivíduos moldam e são moldados pelos contextos em que vivem, e ainda como se constituem enquanto sujeitos históricos ativos.

Em 2024 realizamos uma entrevista com Maria do Socorro, de 50 anos, que reside a 18 anos no município de Cubatão com seu marido e dois filhos. Na ocasião da entrevista ela havia retornado para Cocal de Telha para visitar seus familiares na cidade e na cidade vizinha, Capitão de Campos. A entrevista com Maria do Socorro, que trabalha como auxiliar de cozinha em uma empresa do setor industrial de Cubatão, oferece uma rica contribuição para a compreensão das dinâmicas migratórias que permeiam este trabalho. Sua trajetória evidencia aspectos fundamentais das experiências dos trabalhadores migrantes, destacando as motivações, desafios e estratégias que marcam suas vidas.

Maria do Socorro revela que sua decisão de migrar para Cubatão, São Paulo, foi influenciada pelas redes familiares. Seu marido já estava estabelecido no destino e, com a ajuda de uma cunhada, ela conseguiu seu primeiro emprego na cidade de auxiliar de cozinha, emprego esse que ela já permanece há 11 anos. Essa dependência inicial das redes sociais é um elemento central no processo migratório, pois facilita o acesso ao trabalho e à moradia. No entanto, também gera tensões, especialmente na relação de autonomia e dependência, algo que ficou evidente em sua busca por independência financeira.

Os desafios enfrentados no local de destino são recorrentes em sua narrativa. A rotina de trabalho intensa, com turnos alternados e longas horas, reflete a dureza das condições enfrentadas por muitos migrantes em ambientes urbanos. Além disso, as dificuldades relacionadas à moradia são acentuadas por episódios de enchentes e precariedade estrutural, que tornam ainda mais árdua a tarefa de garantir estabilidade econômica. Esses relatos reforçam que, embora a migração seja motivada pela busca de melhores condições de vida, ela frequentemente expõe os migrantes a novos desafios estruturais no local de destino.

A gente passou muito perrengue lá. A gente teve uma enchente grande lá, a gente nunca tinha visto uma enchente daquela. Ele tava lavando o carro fora, aí a água chegou na calçada achando que ia embora aí ele botou o carro pra dentro da garagem. Tinha feito compra, tinha uma estante bem grande. Aí ele pegou, aí nós pegou a compra, colocou em cima da estante. Oxe, quando foi cinco minutos, a água entrou. Aí nós pegou os meninos, colocou em cima do carro. Pra ele tirar os meninos de cima do carro, foi preciso puxar pelo pé. A gente saiu com água no pescoço. Eu com água no pescoço, ele ia assim, mano. Ele é alto. Ele levando o Dael e eu levando a Sara. Quando chegou no meio do caminho, eu não alcancei mais, não senti mais o chão. Aí ele segurou no meu braço, parou, com o menino no ombro e eu com ela. E eu já tava com falta de ar. Aí que veio uns meninos, um pegou ela, o outro me levou e ele saiu com os meninos [...] E a correnteza [...] Se não fosse isso, tinha morrido todos os quatro. Sabe, porque ele não me soltava pra sair com os meninos, que a água era muito forte. E não tinha onde segurar. Aí a gente perdeu tudo, até o carro, ele gastou muito pra conseguir arrumar pra vender. Pra ficar, não tinha condição (Socorro, 2024).

O relato de Maria do Socorro evidencia as adversidades estruturais enfrentadas por migrantes nos locais de destino, destacando como essas experiências frequentemente vão além dos desafios econômicos e se manifestam em condições de moradia precárias e exposição a situações de risco. A experiência de enfrentar uma enchente severa não apenas ilustra a vulnerabilidade física em que os migrantes estão sujeitos, mas também revela as limitações do acesso a infraestrutura adequada nos centros urbanos que acolhem populações deslocadas.

Maria do Socorro narra com detalhes o caos e o desespero vividos durante a enchente, destacando como a falta de segurança habitacional coloca a vida de sua família em risco. O relato de "água no pescoço" e a necessidade de resgate enfatizam como a migração, embora motivada pela busca de melhores condições de vida, frequentemente expõe os trabalhadores a novas formas de precariedade. Nesse caso, a fragilidade da infraestrutura urbana, combinada com a ausência de suporte emergencial adequado, contribui para transformar o local de destino em um espaço de novos desafios, em vez de um ambiente seguro e estável.

O impacto emocional dessa experiência também merece destaque. Maria do Socorro descreve a aflição de ver sua família em risco e de lutar para preservar sua vida, a vida do seu marido e de seus filhos, em uma situação de extrema vulnerabilidade. O fato de terem perdido praticamente todos os bens materiais, incluindo o carro que precisou ser vendido após grandes gastos em reparos, reflete as consequências devastadoras de eventos como esse na vida de migrantes de classes populares. Essa perda não é apenas financeira, mas também simbólica, representando uma interrupção dos esforços para construir uma vida melhor no destino. Além disso, o relato destaca a resistência da família em meio às dificuldades. Apesar da perda material e do trauma emocional, Maria do Socorro demonstra uma capacidade de adaptação e superação.

Diversas matérias jornalísticas noticiam as constantes enchentes enfrentadas pelos entrevistados e conterrâneos residentes em Cubatão. A matéria de 26 de fevereiro de 2013 do portal G1, site de notícias da globo noticia que mais de 1.500 pessoas que ficaram desabrigadas e continuam recebendo assistência da Prefeitura de Cubatão (SP). Pelo menos 473 pessoas, moradoras dos bairros Água Fria, Vila Noel e Pilões, continuam nos quatro abrigos da cidade. Em outra reportagem de 22 de abril de 2018 o portal noticia novamente o sofrimento das pessoas que enfrentam as frequentes enchentes em Cubatão.

IMAGEM 08: Moradores do bairro Pilões desalojados por inundações em 2018



Fonte: Foto Nina Barbosa/G1, 2018.

A imagem 08 captura o sofrimento vivenciado pelos residentes de Cubatão, que sofrem com as contantes chuvas na região. Podemos observar as casas em meio a região da mata, móveis perdidos e moradores observando a situação de seus pertences perdidos. Esse é o cenário vivenciado por Maria do Socorro e sua família e tantos outros migrantes que vivenciam a precariedade da moradia, mas continuam a morar no local como forma de reduzir gastos e manterem suas relações já estabelecidas no local.

Além da precariedade da moradia, os migrantes enfrentam problemas de saúde associados à precariedade das habitações, que evidencia-se na falta de saneamento básico, como redes de esgoto. Socorro revela o seu esposo chegou a pegar “a doença de rato” leptospirose. Em uma entrevista realizada para o portal o portal GP1 o infectologista Ricardo Hayden afirma que:

“Os ratos estão nos esgotos e a enchente carrega toda essa água para a casa das pessoas. Depois de um tempo de exposição, quando a pele já está enrugada, ela perde as propriedades de defesa e pode entrar em contato com a bactéria que causa a leptospirose, que tem vários tipos. O mais temido causa hemorragia, pode afetar os rins, fígado, coagulação no sangue e exige internação” (Jornal GP1, 2019).

O infectologista destaca a relação entre as condições precárias de moradia e a propagação de doenças infecciosas, como a leptospirose, entre os migrantes. Ele explica que a presença de ratos nos esgotos é um fator crítico, pois, durante enchentes, a água contaminada pode invadir residências, expondo as pessoas ao risco da infecção. A deterioração da pele, causada pela exposição prolongada à água, aumenta a vulnerabilidade ao contato com a bactéria

causadora da leptospirose. O médico alerta que a doença possui várias formas, e é particularmente grave quando afeta órgãos vitais e pode levar a complicações severas, como hemorragias e a necessidade de hospitalização.

Esses episódios reforçam a ideia de que os migrantes, ao buscar melhores condições de vida, muitas vezes enfrentam novas formas de precariedade nos locais de destino. Essas precariedades não são apenas econômicas, mas também estruturais, como em moradias inadequadas, riscos ambientais e falta de suporte institucional em emergências. O relato de Maria do Socorro e os noticiários ilustram como essas condições perpetuam as desigualdades sociais, mesmo após o deslocamento para centros urbanos que, em tese, ofereceriam melhores oportunidades.

A narrativa de Maria do Socorro também ressalta a importância das redes comunitárias e familiares em momentos de crise. A presença de "uns meninos" que ajudaram no resgate demonstra como, em situações de abandono institucional, as redes informais desempenham um papel crucial na sobrevivência dos migrantes. Esse aspecto reforça a centralidade da solidariedade nas trajetórias migratórias, mesmo em contextos de extrema adversidade.

O relato de Maria do Socorro, contribui significativamente para a compreensão das experiências migratórias, enfatizando como as condições estruturais precárias nos locais de destino afetam diretamente a vida dos trabalhadores e suas famílias. Ele amplia as discussões sobre a relação entre migração, classe e infraestrutura, destacando a necessidade de políticas públicas que garantam condições dignas de vida para as populações migrantes. Ao falar presença de sua família em Cubatão, Maria do Socorro diz:

Aí tá eu e a minha irmã também lá. Ela tem duas filhas, quando ela foi para lá, ela foi pra trabalhar, só que quando chegou lá conheceu o marido dela. Ela nem chegou a trabalhar, fez exame fichou e tudo mas ele não deixou ela trabalhar. Aí hoje a menina dela mais velha tem 12 anos. Acho que tem uns 14 anos que ela tá com esse marido. Aí só ele trabalha, no momento agora, ele tá parado não tá trabalhando, mas não deixou ela trabalhar. Já eu brigava pra trabalhar, eu quis trabalhar desde o início que cheguei lá. Quando eu cheguei lá, eu não tinha registro, não tinha fichamento nenhum. Eu já tinha trabalhado aqui só que em casa de família, né? Aí chega lá, não conta, né? Você tem que provar que você trabalhou, tem que ter ficha na carteira. Aí eu só entrei nesse aí porque a cunhada dele arrumou, mas ele não queria. No início ele não queria não. Mas depois, agora não quer nem que eu saia. Mas no início, não. Ah, eu ia trabalhar porque eu queria eu queria, mas ele não queria. Mas, eu já tinha a vontade. Eu falei, eu vou trabalhar sim. Eu queria ter meu dinheiro, né? Porque tudo que eu precisava, eu tinha que pedir pra ele. Eu não, quero é meu dinheiro. Eu vou trabalhar. É isso que tá me segurando no serviço até hoje. Eu quero ter o meu dinheiro, não tá precisando toda hora que quiser alguma coisa, eu tenho que pedir pra ele. Eu quero ter o meu dinheiro, ir lá e comprar na hora que eu quiser, é meu, eu trabalho pra isso. É assim, minha independência é muito importante. Também trabalho com venda, sou consultora da Natura, da Avon, da Milo, Jequiti, tudo. Aí eu mexo de um lado,

mexo de outro. Tem um bate-cabeça, né? Porque às vezes a pessoa não paga direito. Mas eu não paro porque, tipo, eu falo assim, vou parar de vender. Quando eu paro de vender, o pessoal, não, eu quero isso, eu quero aquilo, aí acabo voltando. Já tentei sair duas vezes, deixar de ser consultora, mas o povo não deixa não. Aí ajuda também (Maria do Socorro, 2024).

A entrevista de Maria do Socorro oferece uma perspectiva rica sobre as dinâmicas de gênero e classe no contexto migratório, as mulheres construindo a trajetória como trabalhadoras em busca de autonomia, contribuindo de forma significativa para as discussões desenvolvidas nesta dissertação. Seu relato destaca o contraste entre sua experiência e a de sua irmã, ambas migrantes em Cubatão, São Paulo, visto que sua irmã, ao chegar ao local de destino, teve a intenção inicial de trabalhar, mas foi impedida pelo marido após o casamento, aceitando essa imposição sem grandes resistências. Essa situação reflete uma dinâmica de gênero ainda muito presente, em que a restrição ao trabalho feminino funciona como uma forma de controle dentro da relação conjugal, limitando a autonomia das mulheres.

Por outro lado, Maria do Socorro narra sua luta pela autonomia financeira desde que chegou a Cubatão. Apesar da resistência inicial do marido, ela insistiu em trabalhar, destacando que desejava ter o próprio dinheiro para não depender dele para suprir suas necessidades pessoais. Essa busca pela autonomia, segundo suas palavras, transformou sua relação conjugal e ampliou sua autoestima e liberdade, permitindo que ela definisse suas prioridades de forma independente. Esse aspecto demonstra como o processo migratório pode ser tanto uma oportunidade para romper padrões de gênero quanto um desafio para mulheres que enfrentam dificuldades nesse caminho.

Maria do Socorro também evidencia as dificuldades enfrentadas por mulheres migrantes de classes populares no mercado de trabalho. Ao chegar ao local de destino, ela encontrou barreiras para conseguir emprego devido à ausência de registros formais de sua experiência anterior como empregada doméstica. Essa realidade reflete uma exclusão estrutural que desvaloriza e invisibiliza o trabalho doméstico e reforça as desigualdades de classe. Sua inserção no mercado formal só foi possível por meio de redes de indicação, uma prática comum entre migrantes, que revela tanto a importância dessas conexões quanto a dependência que elas criam em relação ao acesso ao trabalho.

Além do trabalho formal, Maria do Socorro desenvolveu uma trajetória empreendedora, atuando como consultora de marcas de cosméticos. Essa iniciativa demonstra sua resiliência e criatividade para superar barreiras econômicas e diversificar suas fontes de renda, mesmo enfrentando desafios como inadimplência dos clientes. Sua capacidade de se

adaptar e expandir suas atividades econômicas reflete não apenas um esforço por estabilidade financeira, mas também um empoderamento que fortalece sua autonomia e papel social.

O relato de Maria do Socorro destaca, ainda, o impacto do processo migratório na dinâmica familiar. Enquanto sua irmã permaneceu restrita ao espaço doméstico, Maria do Socorro utilizou a migração como uma oportunidade para reconfigurar seu papel, rompendo com padrões tradicionais de gênero e conquistando maior protagonismo econômico e social. Essa experiência revela como as mulheres vivenciam a migração de maneira particular, enfrentando não apenas desafios econômicos, mas também culturais e sociais que limitam sua autonomia.

Por fim, o relato de Maria do Socorro contribui para evidenciar que as mulheres migrantes são agentes de resiliência e transformação. Sua luta pela independência financeira, seu esforço para superar barreiras de classe e sua capacidade de enfrentar as imposições patriarcais ilustram como as dinâmicas de gênero moldam as experiências migratórias. Além disso, o contraste entre as trajetórias de Maria do Socorro e de sua irmã reforça a diversidade de vivências dentro de um mesmo contexto familiar, destacando como as escolhas individuais e os contextos sociais influenciam as trajetórias migratórias. Essa narrativa, ao mesmo tempo, amplia e enriquece as discussões, trazendo uma perspectiva essencial sobre gênero, classe e autonomia no contexto das migrações.

Às vezes vem um desânimo, né? Às vezes tenho vontade de parar, de desistir de tudo, é muita luta, né? O cansaço da rotina, né? É muito desafio pra uma pessoa só, né? Mas eu tenho, com fé em Deus, eu tô conseguindo levar. Mesmo aos troncos e o barrancos. Eu tô tentando, eu tô indo, mas não consegui parar ainda. Dá tudo certo (Maria do Socorro, 2024).

O relato emocionado de Maria do Socorro oferece uma perspectiva poderosa sobre a dimensão subjetiva das experiências migratórias, especialmente a partir do ponto de vista das mulheres trabalhadoras. Sua fala, marcada por emoção e lágrimas, evidencia os impactos da rotina exaustiva e dos múltiplos desafios enfrentados diariamente, tanto no ambiente de trabalho quanto na esfera pessoal.

Maria do Socorro menciona o "desânimo" e o desejo de desistir como reflexos do cansaço acumulado pela rotina. Esses sentimentos são comuns em trajetórias como a dela, em que as mulheres enfrentam uma dupla jornada, o trabalho formal, e o trabalho doméstico e de cuidado, que recai quase exclusivamente sobre elas. Esse peso da rotina diária não é apenas físico, mas também emocional e mental, revelando como a sobrecarga impacta a saúde integral das mulheres migrantes. Ainda assim, Maria do Socorro demonstra uma resiliência notável,

afirmando que, "com fé em Deus", continua a perseverar mesmo "com troncos e barrancos", reforçando sua determinação em enfrentar os desafios.

Sua fala também evidencia a complexidade das experiências migratórias. Para Maria do Socorro, a migração não representa apenas uma busca por melhores condições de vida, mas também um espaço de luta constante para sustentar sua família e alcançar uma vida digna. Essa perspectiva conecta-se às discussões sobre as relações de classe, pois reflete a precariedade enfrentada por trabalhadores migrantes no contexto urbano, espaços onde as desigualdades estruturais perpetuam jornadas exaustivas e oferecem poucas garantias de estabilidade.

Ao mesmo tempo, sua narrativa revela como a espiritualidade funciona como uma fonte de força e resiliência para enfrentar as adversidades. A fé em Deus, mencionada por Maria do Socorro, não apenas lhe dá esperança, mas também serve como um mecanismo de enfrentamento emocional diante das dificuldades. Esse aspecto transcende a análise econômica e social, trazendo uma dimensão simbólica e cultural que é central para compreender as experiências das mulheres migrantes.

A seguir, a entrevista com Antônio, de 51 anos, marido de Maria do Socorro, que reside em Cubatão há mais de 19 anos, com experiência em várias empresas situadas em São Paulo e outros estados, ao longo da sua experiência ele atuou em várias funções, como auxiliar de serviços gerais, ajudante de pintor industrial, almoxarife, e pintor a pistola. A entrevista oferece elementos complementares e aprofundados para a análise das dinâmicas migratórias, contribuindo significativamente. Antônio enfatiza como as redes de indicação foram fundamentais para sua inserção no mercado de trabalho, tanto em São Paulo quanto em outros estados. Ele relata que a maioria dos empregos foi obtida por meio de conhecidos, reforçando o papel central do capital social no processo migratório. Essas redes atuam como mediadoras, conectando trabalhadores a oportunidades em diferentes localidades, mas também refletem a fragilidade de um sistema que exclui quem não possui contatos. Esse aspecto complementa as discussões já presentes na pesquisa sobre a importância das redes sociais e comunitárias no deslocamento e adaptação dos migrantes. Além disso, destaca uma dependência que perpetua desigualdades no acesso ao trabalho formal.

O trabalhador Antônio destaca o papel de sua esposa, Maria do Socorro, em suas decisões migratórias e na adaptação ao ambiente urbano. A narrativa dele reflete como a migração é uma experiência coletiva, onde as dinâmicas familiares desempenham um papel central, seja na tomada de decisões, seja na superação de dificuldades. Essa perspectiva amplia a análise sobre as dinâmicas de gênero nas migrações, mostrando como as relações familiares

são influenciadas e transformadas no contexto migratório. O apoio mútuo entre Antônio e Maria do Socorro reflete a importância dessas relações para enfrentar adversidades.

Antônio menciona a transitoriedade de seus empregos, muitos deles sob contratos temporários e em condições de trabalho que variam entre empresas. Ele descreve experiências com falta de segurança em alguns casos, como no interior de São Paulo, e a precariedade do ambiente físico, incluindo barracos em áreas de risco e moradias improvisadas. Em paralelo com Antonio, sua esposa trabalha em uma empresa há mais de 10 anos, o que podemos observar que ela assume maior responsabilidade financeira na família. O trabalhador migrante revela que quando era solteiro morava em alojamentos e quitinetes no centro da cidade, mas quando se casou viu a necessidade de ter uma casa própria, então saiu do aluguel e foi morar na favela.

[...] sai do aluguel fui para a favela, comprei um barraquinho de madeira caindo nos pedaços. [...] eu estava morando praticamente no centro de Cubatão. A eu fui morar em um bairro de Cubatão, por nome de pilões. O barraco todo feito de madeira, o vaso virado de boca para baixo. Lá era barro, ele é tipo uma borracha ele estufa para cima. Aí quando cheguei no barraco com a mulher ela disse: Não, eu não quero ficar aqui não. Eu não quero ficar aqui não [...] Eu falei, calma, chegamos agora. Calma. Vou trabalhar nela agora, aí comecei, arrumei o banheiro, desbastei aquele barro que tinha subido quando choveu né, eu lipei, arrumei o vaso do lugar de novo, chumbei, aí comecei a morar lá. Aí fui desmanchando uma parede, fazendo outra, fui desmanchando outra, aí fui fazendo, aí quando eu saí de lá, quando eles me tiraram de lá, eu já tinha arrumando, o barraco todo de alvenaria, Eu tinha reformado, eu tinha mudado o banheiro para outro lugar, tinha aumentado a cozinha, entendeu? Só que como é morro, você pode fazer a massa, o que você quiser com ferragem, não aguenta. Quando, quando o barra sede, ele sobe e estoura tudo, não tem jeito. Aí eu vim de férias, Quando eu cheguei lá, me deu vontade voltar para trás, sabe por quê? Quando eu saí de lá, a casa estava perfeita, o piso da casa dela. Quando eu cheguei lá, tinha dado aquela chuva, a chuva era dobrada, como lá é morro, o barraco tinha arriado e tinha cedido. A casa estava toda estourada, cheia daquela água vermelha, saindo na porta da cozinha. Meu Deus do céu. Aí agora, quando eu abri, tudo cheio d'água, entendeu? E agora, o que eu vou fazer? Aí foi uma tristeza. E aí, agora, o que eu vou fazer? Sozinho. Minha esposa estava aqui, mas minha filha, e eu lá. A minha sorte é que tem um primo meu que mora lá perto. Aí eu dei uma ligada para ele. Aí ele foi lá me ajudar. Aí nós fomos tirar aquela água reabarrenta de dentro de casa. E foi o final de semana. Estourou o piso de novo, tornei a fazer outro e começou a melhorar. Aí ela chegou. Aí quando ela chegou, aí se achou chuva de novo. Chuva, chuva. Aí eles pegaram a gente. Aí a Defesa Civil veio e condenou o local, porque é barranco. Lá não podia ficar mais ninguém. Aí junto com a prefeita de lá de Cubatão, tiraram a gente de lá. Fomos para um abrigo. Aí eu fiquei só uma noite por lá. Aí nesse tempo, estava vendendo em baixo [...] esse cara, ele fez uma merda lá aí os caras botaram para correr da favela. [...] como tinha um camarada que ficou lá, comparsa dele, ele pediu para vender. Aí eu fui lá e comprei o pedaço de terreno, comprei até por dois mil reais na época. Aí lá em seguida eu comecei a tecer material. Falei, ó, a mulher lá no abrigo e eu, eu fazendo o barraco já (Antônio, 2024).

O relato de Antônio oferece uma perspectiva crucial para compreender os dilemas enfrentados por trabalhadores migrantes em relação à moradia nos locais de destino. Sua fala reflete a tensão entre a precariedade das condições de habitação e os custos econômicos

associados a locais considerados "mais seguros". A análise desse relato revela estratégias de sobrevivência que se conectam diretamente às discussões sobre os desafios enfrentados pelos migrantes urbanos.

[...] não é fácil construir uma casa; se o trabalhador tivesse que fazê-lo segundo as regulamentações formais, ou se tivesse que comprá-la no mercado formal, dificilmente ele chegaria lá. Só pode fazê-lo através de esquemas informais, seja pela via da favela, seja pela via dos mercados de trabalho informais, esquemas esses de fundamental importância para a sobrevivência da família operária (Woortmann, 1982, p. 126).

Woortmann destaca que, para trabalhadores de baixa renda, a construção ou aquisição de uma casa dentro das regulamentações formais do mercado imobiliário é praticamente inviável. Onde, a sobrevivência da família operária frequentemente depende de esquemas informais, como a ocupação de favelas e o acesso a mercados de trabalho precários. Essa dinâmica se reflete no relato de Antônio, que evidencia como a necessidade de ter uma casa própria o levou a buscar alternativas na informalidade, mesmo em condições extremamente adversas.

Antônio descreve a transição de morar no centro da cidade para a favela como uma decisão estratégica, motivada pelo custo elevado do aluguel e pela necessidade de prover um lar para sua família. Apesar das condições precárias do barraco de madeira que adquiriu, ele mobilizou esforços para melhorar a moradia, a reconstruindo gradualmente com recursos próprios. Essa trajetória reflete o que Woortmann aponta como "estratégias de sobrevivência", nas quais o trabalhador opera dentro de um sistema informal para garantir um mínimo de estabilidade para sua família.

Entretanto, o relato de Antônio também evidencia os riscos associados a essas soluções informais, como as enchentes e deslizamentos que tornaram sua casa inabitável e levaram à intervenção da Defesa Civil. A instabilidade geológica do terreno e a fragilidade da construção acabaram por condenar o local, expondo a vulnerabilidade de trabalhadores que, mesmo com grande esforço, permanecem à mercê de fatores estruturais que ultrapassam sua capacidade de controle.

O trabalhador migrante relata que, após receber um benefício para alugar uma casa em um local seguro, optou por adquirir outro terreno e construir uma nova casa em uma área também considerada de risco. A residência anterior, situada em um barreiro com risco iminente de deslizamento, foi condenada pela Defesa Civil, o que resultou na sua remoção. No entanto, em vez de se estabelecer em uma área segura, o trabalhador decidiu comprar um terreno na

parte baixa do bairro devido ao custo mais acessível. Como consequência, ele e sua família agora enfrentam constantes problemas com alagamentos.

Ao ser perguntado o motivo pelo qual não se mudou para um local mais seguro Antonio diz:

Lá é favela, como é favela você se beneficia de algumas coisas. Lá você não paga água, você não paga luz porque é favela. Então se eu fosse para um outro lugar eu ia ter que pagar água, pagar luz. E outra, é tudo caro, é caro qualquer barraquinho velho em outro lugar é quinze reais, é vinte reais. É tudo caro. Aí esse eu comprei por dois mil reais, só o terreno. Agora o ruim lá. E o lugar lá é bom. Não é ruim não. O lugar lá eu fiz o sobradinho. O lugar lá é bom. O que não presta lá é que é muito psíquico. O lugar lá é muito próximo de onde os caras fumam, vem aquele mau cheiro. Entra na minha casa pelo fundo. Na minha casa assim na lavanderia tem aqueles tijolos vazados. Eu sei que daí eles ficam muito próximos e aquele mau cheiro entra todinho vai lá o vento joga e é a noite toda conversando alto, eles não estão nem aí se tem gente, se não tem, não respeitam. Pode ser três horas da manhã, quatro horas, não tem hora certa, e aquilo incomoda a gente. Aí quando se dada a fazer zoadá é a noite toda. não respeita ninguém. Entendeu? E é isso aí, eu to lá e minha casa lá é um lugar bom, se fosse um lugar que não entrasse água. Fosse um lugar que não entrasse água era a casa pra mais de 50 mil. [...] Aí todo ano entra água quando tá no inverno assim. Tem ano que entra e a época de entrar é agora. Lá tem muita chuva no final de dezembro pra janeiro, entra um pouquinho, as vezes entra mais ou menos uns sessenta centímetros (Antônio, 2024).

Antônio justifica sua permanência em um local de risco, mesmo ciente dos problemas estruturais e ambientais, com base nos custos reduzidos de vida na favela. Ele menciona explicitamente os benefícios financeiros, como a ausência de cobrança por água e energia, e a possibilidade de adquirir um terreno por um preço acessível. Esse contexto destaca como as escolhas de moradia de trabalhadores migrantes são fortemente condicionadas pela posição de classe e pela necessidade de equilibrar orçamento em um ambiente urbano marcado por desigualdades econômicas.

A decisão de permanecer em um local sujeito a enchentes, barulho e proximidade de práticas ilícitas não é uma escolha baseada em preferência, mas em necessidade. O acesso a moradias melhores, em bairros mais seguros, está fora do alcance de muitos trabalhadores devido aos custos elevados. Essa situação reflete como a urbanização desigual e a especulação imobiliária segregam populações de baixa renda em áreas precárias, onde são expostas a múltiplos riscos.

Antônio descreve as condições precárias de sua moradia, incluindo enchentes frequentes que chegam a sessenta centímetros dentro da casa durante o período chuvoso. Esse aspecto reflete a vulnerabilidade ambiental associada às habitações em áreas marginalizadas, muitas vezes construídas sem planejamento urbano adequado e em locais suscetíveis a desastres climáticos. Além disso, ele menciona problemas estruturais como o "mau cheiro" proveniente

de atividades ilícitas nas proximidades, que impactam a qualidade de vida e a segurança de sua família.

Essas condições não são apenas materiais, mas também simbólicas, representando a exclusão sistemática de populações migrantes e de baixa renda do direito à moradia digna. A situação de Antônio reflete como os trabalhadores migrantes, apesar de contribuírem para o desenvolvimento urbano e econômico, continuam relegados a espaços periféricos e de menor valorização social. Mesmo diante de condições adversas, Antônio adota estratégias de adaptação para melhorar sua qualidade de vida. Ele destaca a construção de um "sobradinho", que ele considera um avanço em relação às condições iniciais da moradia. Essa atitude reflete a resiliência dos trabalhadores migrantes, que, apesar das dificuldades estruturais, buscam melhorar suas condições habitacionais dentro de suas possibilidades.

No entanto, essa resiliência também revela os limites da ação individual em um contexto de desigualdades estruturais. Embora Antônio tenha melhorado sua casa, ele continua exposto a riscos ambientais e sociais que não podem ser resolvidos apenas por esforços pessoais. Essa situação destaca a importância de políticas públicas voltadas para a melhoria das condições habitacionais em áreas urbanas periféricas, garantindo segurança e dignidade para populações de baixa renda.

Antônio descreve sua casa como um lugar "bom", apesar de reconhecer os problemas significativos que enfrenta. Essa percepção ambígua revela as contradições vividas por migrantes em relação à moradia. Para ele, a casa representa uma conquista, um espaço que ele conseguiu adquirir e melhorar com esforço próprio. Contudo, a precariedade e os problemas sociais do entorno limitam a qualidade de vida de sua família, reforçando a tensão entre conquista e vulnerabilidade.

Essa percepção se relaciona às discussões sobre como a moradia não é apenas um espaço físico, mas também um símbolo de pertencimento, esforço e resistência. Mesmo em condições adversas, os trabalhadores migrantes valorizam a segurança relativa que uma casa própria representa, especialmente em contraste com a instabilidade de outras formas de habitação.

O relato de Antônio evidencia como a migração, longe de ser uma solução simples para os desafios enfrentados no local de origem, frequentemente resulta em novas formas de precariedade e exclusão nos centros urbanos. Sua narrativa destaca a luta cotidiana por moradia digna, as estratégias de adaptação e as contradições vividas por trabalhadores migrantes em relação às condições de vida no destino. A história deste trabalhador exemplifica a resiliência

e a capacidade de resistência desses trabalhadores que continuam lutando por dignidade em meio a condições adversas.

A narrativa de Antônio evidencia a precariedade enfrentada pelos trabalhadores migrantes, tanto nas condições de trabalho quanto na moradia. Esses elementos reforçam os desafios estruturais do processo migratório e ampliam as discussões sobre as desigualdades que persistem no destino. Antônio descreve diversos episódios de adaptação em contextos adversos, como enchentes, moradias precárias e deslocamentos constantes entre empregos. Sua narrativa evidencia a resistência necessária para superar as dificuldades e manter a estabilidade familiar, mesmo em condições desfavoráveis. Os relatos dele e de sua esposa enriquecem as discussões sobre a resistência dos migrantes, destacando como a capacidade de adaptação é uma característica central na experiência migratória.

A narrativa de Antônio complementa e aprofunda os temas explorados na pesquisa, conectando as dimensões do trabalho, moradia, redes sociais e resiliência no contexto migratório. Sua experiência reforça os desafios e contradições enfrentados pelos trabalhadores que deixam suas terras natais em busca de melhores condições de vida. Esses relatos nos oferecem novas perspectivas sobre as dinâmicas migratórias, ampliando a compreensão das estratégias de sobrevivência e adaptação dos trabalhadores de Cocal de Telha.

A flexibilidade de adaptação, o objetivo de reproduzir o seu modo de vida e não o de acumulação, o apoio e a ajuda mútua encontrados nas famílias e fora das famílias em comunidades camponesas, bem como a multiplicidade de soluções encontradas para o problema de como ganhar a vida são qualidades encontradas em todos os camponeses que sobrevivem às crises. E, no centro dessas particularidades camponesas, está a natureza da economia familiar (Shanin, 2008, p. 25).

A citação de Shanin (2008) destaca elementos essenciais das estratégias de sobrevivência camponesas, enfatizando a flexibilidade, o apoio mútuo e a centralidade da economia familiar como pilares para enfrentar as adversidades. Shanin aponta que a capacidade de adaptação é uma característica marcante das comunidades camponesas, essencial para sobreviver em contextos de crise. Essa flexibilidade permite que os camponeses ajustem suas práticas agrícolas, suas estratégias de geração de renda e até mesmo suas dinâmicas familiares de acordo com as mudanças externas, sejam elas climáticas, econômicas ou sociais. Essa adaptabilidade é particularmente relevante no contexto migratório, onde os trabalhadores rurais, ao se deslocarem para centros urbanos ou outras regiões, precisam encontrar maneiras de inserir-se em novos ambientes, muitas vezes adversos.

Ao destacar que o objetivo dos camponeses é a reprodução do modo de vida e não a acumulação de riqueza, Shanin reforça a ideia de que as comunidades rurais operam em uma lógica distinta do modelo capitalista tradicional. Essa perspectiva coloca a manutenção da sobrevivência e do bem-estar familiar no centro das decisões econômicas, priorizando a continuidade das tradições e dos valores comunitários. No contexto da migração, essa lógica pode ser vista na forma como os trabalhadores migrantes buscam preservar vínculos com suas terras natais, mantendo práticas culturais e redes de solidariedade que reforçam sua identidade, mesmo em novos contextos.

A solidariedade, tanto dentro das famílias quanto entre membros da comunidade, é outro ponto central para a sobrevivência dos camponeses. Esse apoio mútuo não apenas fortalece os laços sociais, mas também funciona como um mecanismo para superar crises e reduzir vulnerabilidades. No âmbito migratório, essas redes de solidariedade se estendem para além da terra natal, com migrantes apoiando-se em parentes, amigos e conterrâneos para facilitar o acesso ao trabalho, moradia e outros recursos no local de destino.

A multiplicidade de soluções encontradas pelos camponeses para "ganhar a vida" reflete a criatividade e a diversidade de estratégias adotadas para lidar com as incertezas. Isso inclui práticas como a diversificação das atividades produtivas, o trabalho sazonal em outras regiões e o uso de redes informais de troca e reciprocidade. Essas estratégias são evidentes nas narrativas de trabalhadores rurais migrantes que, ao buscar oportunidades em centros urbanos, continuam a adotar práticas adaptativas para superar os desafios enfrentados.

Por fim, a citação destaca a economia familiar como o núcleo das particularidades camponesas. Esse modelo, baseado na integração dos membros da família na produção e no consumo, cria uma estrutura resiliente que minimiza os impactos de crises externas. No contexto migratório, essa economia familiar muitas vezes acompanha os trabalhadores, seja na forma de envio de remessas para sustentar parentes na terra natal, seja na manutenção de propriedades rurais como garantia de segurança em momentos de instabilidade.

A análise de Shanin (2008) destaca a resiliência inerente às comunidades camponesas, destacando a flexibilidade, a solidariedade e a economia familiar como elementos estruturantes de suas estratégias de sobrevivência. Esses aspectos se conectam diretamente às reflexões da pesquisa em andamento, ao demonstrar como essas qualidades são mobilizadas pelos trabalhadores rurais, tanto no contexto de origem quanto no de destino, para lidar com crises e garantir a continuidade de suas vidas. Essa abordagem amplia a compreensão das experiências migratórias, evidenciando que, mesmo em novos contextos, os migrantes levam consigo práticas e valores que refletem sua origem camponesa, permitindo que eles possam

resistir e se adaptarem às adversidades. Essa reflexão nos ajuda a compreender a resiliência dos trabalhadores migrantes cocatelhenses ao enfrentar as dinâmicas da vida urbana.

3.2 O PEÃO DE TRECHO E SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Para compreender as migrações em uma perspectiva mais ampla, é fundamental analisar os múltiplos interesses, relações e caminhos que as constituem. As trajetórias dos migrantes estão profundamente conectadas a condições políticas, sociais e econômicas mais amplas, que formam as correntes migratórias no Brasil. A mobilização das migrações não ocorre de maneira isolada; mesmo ao observarmos um contexto local, como o de Cocal de Telha, esse recorte se torna significativo para entender as dinâmicas mais amplas das correntes migratórias, incluindo interesses políticos e geopolíticos que influenciam essas movimentações.

A construção de ideias sobre São Paulo, por exemplo, revela que, embora exista um local de origem definido, os caminhos percorridos pelos migrantes são múltiplos. Esse fenômeno inclui o sujeito errante, uma figura presente em diferentes contextos históricos e geográficos, como as correntes migratórias para a Amazônia. As migrações não seguem um padrão único ou homogêneo, pelo contrário, em todos os períodos históricos, diferentes formas de migração coexistem. Na Amazônia, por exemplo, havia grupos que realizavam deslocamentos temporários, como o "bate-volta", atraídos pelas colônias na região oriental ou pelas oportunidades de trabalho no corte de juquira ou na extração de madeira.

Outro exemplo é o "peão de trecho", uma figura característica das migrações no século XX, que circula entre espaços em busca de oportunidades. Esse comportamento reflete uma tentativa de independência dentro das correntes migratórias, marcada pela circularidade entre lugares. O peão de trecho busca uma oportunidade para "fazer a vida", mas quando as condições deixam de ser favoráveis, ele se desloca para outros lugares, configurando uma dinâmica de constante movimento.

Essas múltiplas formas de migração demonstram que não há um padrão único de comportamento migratório. Cada fluxo apresenta suas especificidades, seja o trabalhador sazonal que vai para o corte de cana ou o operário da construção civil. No século XX, o peão de trecho reflete uma continuidade dessas práticas, representando a figura que busca possibilidades em diferentes localidades, se adaptando às circunstâncias econômicas e sociais do momento. Assim, as migrações são marcadas por sua pluralidade, refletindo diferentes estratégias de sobrevivência e adaptação dentro das complexas correntes migratórias do Brasil. Ao analisar os relatos dos homens e mulheres entrevistados, podemos identificar que alguns

dos entrevistados possuem características que os identificam como peões do trecho. Em sua maioria, homens, eles relatam sua transitoriedade de destinos e profissões, revelando a permanência nos locais de acordo com as melhores oportunidades.

Em relação à variedade de destinos e profissões percebemos que a profissão desses homens não é escolhida, não existe um objetivo profissional, mas, basicamente, a vontade de trabalhar, sustentar a família, conquistar um pedaço de terra, uma casa, um carro, de mudar sua situação social, sendo assim, a escolha da profissão que o migrante irá exercer ocorre através de um conjunto de relações que influenciam no seguimento das profissões.

A profissão exercida pelo migrante é resultado do contato que é estabelecido, seja por meio do “gato” ou de outras relações na rede migratória. A partir do seu primeiro emprego ele irá atuar como ajudante até conquistar a titulação adequada a profissão. Observamos nos relatos que conquistar uma profissão se torna um objetivo entre os migrantes após se estabelecerem no local de destino até se tornarem profissionais, ao se tornarem profissionais, eles não possuem medo de sair das empresas e iniciarem novamente em outro estado ou profissão que forneça melhores condições, isso faz com que muitas empresas se utilizem dessa vontade do migrante com a primeira experiência para matê-lo em situações degradantes.

Um dos nossos entrevistados, o senhor Jaime, nos conta que quando migrou pela primeira vez em 1978 para São Paulo, trabalhou inicialmente como ajudante de pintor industrial e somente na 4ª vez em que migrou, progrediu de cargo, deixando de ser ajudante e passando a exercer a profissão de pintor industrial. O quadro 1 foi elaborado a fim de se perceber como as profissões de trabalhadores de uma mesma região pode convergir conforme as relações que possui. No quadro 1 foi compilado o grupo de informações acerca da profissão de 12 trabalhadores do Território dos Carnaubais, dentro desses 12 trabalhadores alguns possuem mais de uma qualificação profissional, o que retrata exatamente a busca por melhores oportunidades do mercado e qualificação profissional.

QUADRO 1: Divisão das profissões ou funções ocupadas pelos entrevistados

Profissões	Quantidade
Mecânico	1
Pintor Industrial	5
Montador de andaime	2
Carpinteiro Telhadista	1
Encanador	1
Mecânico Ajustador	2
Ajudante de Carpinteiro	1
Mestre de Pintura Industrial	1
Mecânico Neoficial	1

Mecânico Industrial	1
---------------------	---

Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela Autora.

Podemos observar no quadro profissional as funções ocupadas por trabalhadores de um município que constitui o Território dos Carnaubais. Percebe-se que as profissões são diversificadas. Observa-se que os trabalhadores possuem em comum o local de origem, as profissões de atuação e os seus lugares de destino muitas vezes se distinguem. Entretanto, podemos perceber que todas as profissões se referem a trabalhos manuais, de esforço físico, de conhecimento técnico nas indústrias e siderurgias, excluídos os conhecimentos com necessidades de formação superior. Assim, o quadro desses trabalhadores é de exploração constante em trabalhos árduos manuais. Aparentemente se demonstra que essas empresas, seja através do gato¹¹, seja através da rede migratória, quer os trabalhadores manuais de menor formação advindos de outros estados como uma estratégia para pagar barato e controlar as lógicas de trabalhadores migrantes.

Apresento esta discussão porque a partir da análise das entrevistas observei essa questão profissional como um ponto a ser refletido entre as experiências dos migrantes de Cocal de Telha. Eles não possuem um desejo por migrarem e ingressarem em uma profissão específica, suas profissões são condicionadas pelas relações estabelecidas entre os amigos, um amigo que já conseguiu se tornar pintor industrial indica o conterrâneo que terá sua primeira experiência profissional para trabalhar na mesma profissão, inicia como ajudante e se torna também um pintor industrial, quando o trabalhador deseja mudar de profissão ele precisa da ajuda de outro conterrâneo para iniciar novamente como ajudante na área específica.

Outro aspecto que procurou ser analisado foram as condições de trabalho vivenciadas pelos entrevistados. O trecho a seguir é um fragmento da entrevista com o senhor Jaime, de 61 anos, o trabalhador migrante já aposentado. Durante a entrevista perguntamos sobre a segurança das empresas em que trabalhou e o senhor Jaime relata que a empresa dava boas condições de segurança de trabalho. No entanto, ao insistirmos nesse tópico do diálogo, sobre os riscos à segurança, Jaime relata que já presenciou um acidente com um colega de trabalho.

Uma vez eu estava trabalhando no Rio de Janeiro nós trabalhando lá, nós estava trabalhando embaixo né, aí teve um acidente lá com o homem lá, aí ele caiu assim

¹¹ O gato atua arregimentando homens para o trabalho e se aproveitam das suas relações de amizade e parentesco para convencer essas pessoas. Alguns trabalhadores retornados passam a atuar como “gatos” valendo-se das relações de parentela, na medida que procuram negar o conflito, que se mesclam com práticas coercitivas constituindo estratégias para a arregimentação de homens que sonham com riqueza através do trabalho (Rocha, 2010).

pertinho da gente lá. Ai quando ele caiu já caiu morto. Nesse tempo até afirma parou. [...] aí depois ele botou a rede lá, aí depois do Ministério do Trabalho foi lá aí parou a obra 15 dias. Aí botaram uma rede em baixo, aí quando a pessoa caía na rede né, e antigamente eles não fizeram no começo né, só fizeram depois que, porque o brasileiro só fecha as portas depois do roubo, depois que rouba é que fecha as portas, risos, assim foi lá né (Jaime, 2019).

O relato do trabalhador Jaime mostra o descaso de muitas empresas com a segurança dos trabalhadores, e o descumprimento de algumas normas regulatórias¹² como a NR-6 que regulamenta a execução do trabalho com uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs); a NR-8 – Edificações, que estabelece requisitos que devem ser atendidos nas edificações para garantir segurança e conforto aos trabalhadores; e a NR-35 – Trabalho em Altura, que foi elaborada pensando nos aspectos da gestão de segurança e saúde do trabalho para todas as atividades desenvolvidas em altura com risco de queda, e concebida como norma geral, a ser complementada por anexos que contemplarão as especificidades das mais variadas atividades.

As irregularidades e precariedades no ambiente de trabalho desses homens é mais comum do que se pode imaginar. Observa-se, através da narrativa de outro trabalhador migrante, Wanderson, de 35 anos, uma série de irregularidades presenciadas nas empresas em que trabalhou.

Dependendo do lugar que você chega tem supervisor que manda você fazer coisa errada. Tipo assim, um serviço inseguro, às vezes diz assim, sobe ali que é rapidinho, sem o cinto de segurança, sobe ali que é rapidinho, ninguém vai ver, aí tem gente que vai e sobe por medo né, por medo de ser mandado. Eu já tive medo, no meu primeiro emprego eu já tive medo né, porque, na minha primeira experiência eu ficava com medo né. Eu digo assim né, eu vim com um objetivo aqui, então se o que o cara mandar eu fazer aqui eu vou fazer (Wanderson, 2019).

Através do relato de Wanderson entendemos que os supervisores, que têm como uma de suas atribuições assegurar o resguardo físico dos trabalhadores, incentivam a praticar irregularidades. Alguns trabalhadores acabam acatando a ordem do supervisor para praticar irregularidades, acabam desobedecendo, infringindo normas, colocando suas vidas em risco com a intenção de se manterem em seus empregos. O supervisor coage, pressiona, assedia e representa os ditames da empresa, induz a execução de atividades e funções sem os

¹² As Normas Regulamentadoras (NR) consistem em obrigações, direitos e deveres a serem cumpridos por empregadores e trabalhadores, com o objetivo de garantir trabalho seguro e sadio, prevenindo a ocorrência de doenças e acidentes de trabalho. São disposições complementares ao Capítulo V (Da Segurança e da Medicina do Trabalho) do Título II da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), com redação dada pela Lei nº 6.514, de 22 de dezembro de 1977. [Normas Regulamentadoras - NR — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/normas-regulamentadoras)

equipamentos de segurança adequados em prol do ganho da empresa. É um sistema que obriga, oprime e se repete pressionando o trabalhador.

[...] a partir do meu segundo emprego, eu não. Eu digo, primeiramente eu, entendeu, se ele mandar eu fazer eu vou dizer que não, eu não vou fazer irregularidade não. Como teve um caso, ele, um supervisor me mandou subir é numa estrutura lá sem cinto, no final de semana, como não tem muita chefia, ele disse, sobe lá rapidinho que fulano veio e fez lá ano passado fez. Era pra fazer um serviço lá de pintura. Sobe lá que fulano ano passado subiu e fez rapidinho, sem o cinto e a norma diz que tem que ter o cinto de segurança. Aí eu falei para ele faça você, era meu chefe, faça você rapidinho lá que eu fico olhando para você. Eu falei para ele, eu respondi para ele. É o que mais acontece em todos os setores, em todos os setores de trabalho industrial é o que mais acontece, é manda fazer serviço irregular (Wanderson, 2019).

Wanderson, ainda, relata que até assumir autonomia nas atividades para as quais é contratado, era um desses trabalhadores que se sujeitava às ordens do supervisor para trabalhar em alguns momentos sem as proteções de segurança. Segundo o entrevistado “esse pessoal que trabalha no setor industrial, tem muita gente doente, e não consegue arrumar um benefício não, problema de coluna essas coisas é perdido aí.”

O relato de Wanderson evidencia uma dinâmica de coerção presente no ambiente de trabalho, onde supervisores, que deveriam zelar pela segurança e integridade dos trabalhadores, acabam utilizando sua posição de autoridade para induzi-los a práticas inseguras. Ao ordenar o descumprimento de normas de segurança, como realizar tarefas sem equipamentos adequados, os supervisores colocam os trabalhadores em uma situação de vulnerabilidade física e emocional. Esses trabalhadores, frequentemente inseguros e temerosos de perder seus empregos, acabam acatando ordens que comprometem sua integridade, como relatado por Wanderson em sua primeira experiência profissional.

Essa dinâmica reflete não apenas um problema de supervisão, mas também a perpetuação de um sistema opressor que prioriza o lucro e a produtividade em detrimento da vida e do bem-estar do trabalhador. O assédio velado, traduzido em frases como "ninguém vai ver" e "é rapidinho", configura uma pressão psicológica que leva o trabalhador a aceitar riscos que poderiam ser evitados. Esse cenário expõe a fragilidade da fiscalização nas relações de trabalho e reforça a necessidade de políticas públicas mais rígidas para garantir que os supervisores e as empresas sejam responsabilizados por práticas que coloquem vidas em risco. Assim, o relato de Wanderson não apenas revela a opressão diária no ambiente de trabalho, mas também aponta para a urgente necessidade de mudanças estruturais para proteger os direitos e a dignidade do trabalhador migrante.

É importante observar esse paralelo entre o momento em que ele se sujeita a colocar a sua vida em risco em nome do trabalho, para o momento em que ele adquire consciência dos seus direitos, e prioriza o seu bem-estar, podemos identificar esta ação como uma resistência deste indivíduo a dominação.

Lá eles pegava muito haitiano para trabalhar, vem muitos de fora pra trabalhar, vem irregular aí os cara pega treina para falar o português, alguma coisa e bota para trabalhar no serviço mesmo braçal mesmo, como se fosse um serviço escravo ali entendeu, como se fosse um serviço escravo entendeu. Mas vi muita gente cair de estrutura, enfiar o, vi um, eu presenciei uma morte lá, o cara caiu atrepado na parede da barragem lá aí caiu [...] aí morreu estrepado lá com o rosto enfiado no vergalhão.¹³ Porque não tinha, estava trabalhando sem cinto, sem cinto, eles manda aí o cara vai lá e faz, a mesma questão que eu te falei, o cara com medo de perder o emprego vai lá e faz. Vai lá aquele rapidinho onde é que acontece. Complicado (Wanderson, 2019).

Conforme observado na fala do entrevistado, podemos identificar, além da falta de segurança, irregularidades na vida desses homens. O tamanho descaso e desrespeito dessa empresa com os trabalhadores. Percebemos condições de trabalho análogas à escravidão, quando o entrevistado enfatiza que “Lá eles pegava muito Haitiano para trabalhar, vem muitos de fora pra trabalhar, vem irregular aí os cara pega treina para falar o português, alguma coisa e bota para trabalhar no serviço mesmo braçal mesmo”.

Considera-se trabalho realizado em condição análoga à de escravo a que resulte das seguintes situações, quer em conjunto, quer isoladamente: a submissão de trabalhador a trabalhos forçados; a submissão de trabalhador a jornada exaustiva; a sujeição de trabalhador a condições degradantes de trabalho; a restrição da locomoção do trabalhador, seja em razão de dívida contraída, seja por meio do cerceamento do uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, ou por qualquer outro meio com o fim de retê-lo no local de trabalho; a vigilância ostensiva no local de trabalho por parte do empregador ou seu preposto, com o fim de retê-lo no local de trabalho; a posse de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, por parte do empregador ou seu preposto, com o fim de retê-lo no local de trabalho (Ministério do Trabalho e Previdência, 2020)¹⁴.

Para além da coerção dos trabalhadores para trabalhar sem os equipamentos de segurança, pegar pesos excessivos, a empresa destacada pelo entrevistado contratava mão de obra de estrangeiros em situação irregular no país, treinavam essas pessoas e se aproveitavam,

¹³ No que versa sobre o acidente do trabalho, a Constituição Federal de 1934 diz: Art.1º Considera-se acidente do trabalho, para os fins da presente lei, toda lesão corporal, perturbação funcional, ou doença produzida pelo exercício do trabalho ou em consequência dele, que determine a morte, ou a suspensão ou limitação, permanente ou temporária, total ou parcial, da capacidade para o trabalho (Brasil, 1934 apud Cristiana, 2020). Já Constituição Federal de 1988, em seu artigo 7º, inciso XXVIII, prevê a obrigatoriedade de seguro contra acidentes de trabalho, a cargo do empregador, sem excluir a indenização por danos materiais e morais decorrentes dessa situação. Acidente de Trabalho e Direitos Trabalhistas: Uma Análise Técnica com Base na Legislação Vigente | Jusbrasil.

¹⁴ Combate ao Trabalho em Condições Análogas às de Escravo — Português (Brasil) (www.gov.br)

explorando esses homens. Segundo o entrevistado em sua narrativa após falar da contratação irregular de haitianos “como se fosse um trabalho escravo mesmo”, podemos analisar que o trabalhador associa o trabalho escravo com as explorações feitas com os haitianos, porque não conhece os conceitos de trabalho escravo na atualidade, relaciona a um tipo de trabalho escravo por considerar que essa empresa além de forçar o trabalho se aproveitam de imigrantes que chegam no Brasil em busca de sobrevivência e melhores condições que no seu país de origem sendo aliciados e explorados.

É curioso que Wanderson tenha identificado prática de trabalho escravo com os haitianos e não com ele, talvez porque tenha também identificado um grau de animosidade maior em relação aos estrangeiros que não eram tão bem-vindos. Deve-se considerar que sua percepção pode estar relacionada ao fato de se trata de uma população de maioria negra. Os haitianos viviam em situação de refugiados, muitas vezes não reconhecida por parte do Estado. Em artigo que trata sobre o “Perfil dos haitianos acolhidos pela missão de paz”¹⁵, 2015, conclui-se que a maioria se direciona ao setor da construção civil, no caso dos homens, e do comércio, no caso das mulheres. Ao falar sobre o trabalho escravo, Wanderson certamente associa à população negra haitiana e não se percebe como parte do grupo de trabalhadores escravizados porque associa escravidão à pele negra.

De acordo com Gomes, (2008):

Deve-se também observar, para entender a categoria trabalho análogo a de escravo como uma metáfora, que ela “chama” os trabalhadores de “escravos”, justamente para dizer que eles não o são, e que é intolerável a existência de escravos e de escravidões de quaisquer tipos. O que o discurso político e jurídico que vem ganhando os meios de comunicação deseja então tornar inteligível é a existência de uma realidade de exploração do trabalho que precisa ser extinta. Para tanto, ele se utiliza de uma linguagem que tem grande poder comunicativo, pois remonta à memória coletiva nacional que reconhece e rejeita radicalmente a escravidão como sistema de relações de trabalho. Assumir, por conseguinte, que esta é uma designação que tem o “selo do anacronismo” do ponto de vista histórico, pode até ser correto, mas foi justamente por essa razão – por produzir uma operação memorial –, que a metáfora conseguiu ser bem sucedida. Um fato que tem sido observado por seu crescente uso por setores amplos e diversos da sociedade; por sua aceitação pela OIT; e por sua “ampliação” de sentido no Código Penal em 2003 (Gomes, 2008, p. 39).

A análise de Gomes (2008) destaca o uso estratégico da metáfora "trabalho análogo ao de escravo" como uma ferramenta política e comunicativa para denunciar e combater formas contemporâneas de exploração do trabalho. A escolha dessa linguagem remonta à memória coletiva nacional, evocando o sistema de escravidão historicamente rejeitado no Brasil. Essa

¹⁵ In: TRAVESSIA - Revista do Migrante - Nº 77 - Julho - Dezembro / 2015.

associação busca intensificar a rejeição social e institucional a práticas que, embora diferentes do regime escravocrata do passado, perpetuam condições de trabalho degradantes e inaceitáveis. Assim, a metáfora não apenas comunica uma realidade de exploração, mas também mobiliza a sociedade em torno da necessidade de extinção dessas práticas.

O sucesso dessa metáfora, como aponta Gomes, está em sua capacidade de provocar uma "operação memorial" ao conectar as condições contemporâneas de exploração à memória histórica da escravidão. Embora possa ser considerada anacrônica sob uma perspectiva estritamente histórica, sua eficácia está justamente em produzir um impacto coletivo e sensibilizar amplos setores da sociedade, incluindo instituições internacionais como a OIT. A ampliação do sentido dessa designação no Código Penal em 2003 reflete sua legitimidade como instrumento de denúncia e como um marco na luta contra a exploração do trabalho no Brasil. Essa análise reforça o papel da linguagem como um elemento central no enfrentamento de injustiças sociais e na construção de narrativas transformadoras.

É importante considerar que a construção civil tem se revelado um campo fértil de denúncias de trabalho análogo à escravidão. Em matéria jornalística da ONG Repórter Brasil em 2009, são apresentados 03 casos de trabalho escravo nas empresas investigadas pela Lava Jato. A matéria intitulada “A Lava Jato e o trabalho escravo: quem paga pela corrupção na construção civil”, apresenta casos que comprovam a estreita relação entre a corrupção e o trabalho escravo na construção civil. O título da reportagem já nos sugere refletir que quem paga o preço pela corrupção na construção civil são os trabalhadores. Aqueles que tem suas vidas colocadas em risco, e até ceifadas por conta de empresas corruptas. A matéria nos traz 3 casos de trabalho escravo na construção civil cometidas por empresas investigadas pela Polícia Federal, construtoras OAS, Odebrecht, Camargo Correa e Andrade Gutierrez, todas apresentam extensa ficha corrida de violações trabalhistas.

Ainda sobre o trabalho escravo no setor da construção civil, o pesquisador Ribeiro destaca:

O estado brasileiro com maior número de casos foi Minas Gerais. Só na área de construção civil foram 173 casos. Mas Minas foi o campeão também quando se analisa todos os setores econômicos da sociedade, totalizando 446 pessoas resgatadas. O segundo lugar ficou com São Paulo, que alcançou o patamar de 419 resgates. Em 2014, a construção civil novamente liderou o ranking do trabalho escravo no Brasil. Segundo relatório do MTE, foram 452 casos, seguido pela agricultura, com 358 casos e pecuária, com 238. Por mais que se acredite que este tipo de exploração ficou no passado, basta se observar as notícias nos jornais diários para se verificar que ela faz parte da realidade mais do que nunca. Em 2010, vinte e quatro trabalhadores foram mantidos em condições precárias em uma obra no Alphaville, em Nova Lima, Minas Gerais. Os trabalhadores foram recrutados no Nordeste, nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, e trazidos para o Sudeste. [...] Quando se trata do assunto

de trabalho escravo, acredita-se que esta prática está relegada ao passado. Mas então confronta-se com notícias de que tal atividade perdura até hoje. Tentando mesmo assim manter-se alheio a tal situação, crê-se que este crime que ainda persiste deve acontecer nos mais afastados rincões deste mundo. É só quando se lê notícias como a relatada acima é que se dá conta de que o trabalho escravo é uma realidade e que acontece bem perto de todos, como diz a expressão: bem embaixo do nosso nariz, e todos, ativa ou passivamente, são culpados deste mal (Ribeiro, 2017, p. 81).

Tanto as matérias jornalísticas apresentadas, como a citação em que de Ribeiro (2017) revela um panorama preocupante sobre o trabalho escravo no setor da construção civil, que lidera os casos de exploração trabalhista no Brasil – evidenciam esse panorama nefasto. Os casos apresentados pelo pesquisador mostram que trabalhadores, frequentemente recrutados em regiões do nordeste, são atraídos por promessas enganosas de condições dignas e remuneração justa, mas ao chegarem ao destino, enfrentam alojamentos insalubres, falta de alimentação, ausência de direitos básicos e, em muitos casos, jornadas exaustivas sem pagamento. Esse cenário desafia a ideia de que o trabalho escravo é uma prática do passado, mostrando que ele ainda está presente, muitas vezes em locais próximos e urbanos, evidenciando uma realidade que precisa ser combatida com maior rigor e fiscalização.

Nesse sentido, a nossa discussão - conclusão desta seção - reforça a importância de compreender as condições de trabalho enfrentadas pelos migrantes, especialmente no setor da construção civil, que frequentemente expõe os trabalhadores a situações de extrema vulnerabilidade. Os relatos dos trabalhadores migrantes entrevistados evidenciam um cenário marcado por irregularidades, descaso com normas de segurança e a coerção exercida por supervisores para a realização de tarefas arriscadas, configurando um ambiente de exploração que, muitas vezes, se assemelha, e em alguns casos, até ocorre o trabalho análogo à escravidão. Esses relatos não apenas ilustram a precariedade das relações trabalhistas, mas também destacam a resistência e a luta dos trabalhadores por seus direitos e pela sobrevivência em contextos adversos.

A análise demonstra que o uso estratégico da metáfora "trabalho análogo ao de escravo", discutido por Gomes (2008), é fundamental para denunciar essas práticas degradantes, mobilizando a sociedade e instituições contra tais abusos. A ampliação do sentido dessa designação no Código Penal em 2003 reforça a legitimidade da luta contra essas formas contemporâneas de exploração. Além disso, a relação entre corrupção e violações trabalhistas no setor da construção civil, como apresentado na matéria da ONG Repórter Brasil, evidencia como práticas ilícitas estruturais impactam diretamente a vida dos trabalhadores. Assim, este estudo não apenas denuncia essas realidades, mas também contribui para o debate sobre a necessidade de políticas públicas mais rigorosas, fiscalização efetiva e o fortalecimento da

proteção dos direitos trabalhistas, especialmente para os migrantes que enfrentam condições ainda mais precárias em sua busca por melhores oportunidades.

3.3 FAMÍLIA E ESTRATÉGIAS DE IR E VIR

Os laços estabelecidos no local de origem exercem uma influência significativa sobre a migração, o retorno, a duração da permanência e os objetivos dos homens e mulheres migrantes. Nos tópicos anteriores, enfatizamos a relevância da família nas experiências vivenciadas ao longo de todo o processo migratório. É por meio das relações familiares que se articulam diversas dimensões dessa trajetória.

Nesta pesquisa, nos dedicamos a ouvir fragmentos das histórias de vida de cada trabalhador migrante, destacando as diversas dimensões de suas experiências migratórias. Ao longo do trabalho, ficou evidente a importância da família, tanto no meio rural quanto no urbano, como um elemento central presente na dinâmica migratória.

As memórias dos trabalhadores migrantes são fundamentais para entender a complexidade e a diversidade desse fenômeno, assim, como para valorizar as contribuições e resistências desses indivíduos. Ao contar suas histórias, esses migrantes não apenas preservam suas experiências, mas também enriquecem o conhecimento coletivo e promovem uma reflexão sobre as questões sociais, culturais e políticas relacionadas à migração. Dessa forma, a análise das narrativas dos trabalhadores migrantes não apenas nos permite compreender melhor suas vivências e desafios, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, solidária e respeitosa com a diversidade e a dignidade de todos os seres humanos.

Segundo Delgado (2006), a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente. Ela se dá na dinâmica inter-relacional entre a memória narrada, o tempo vivido e o tempo lembrado pelos narradores. Do qual os processos identitários são, por um lado, inatos à vida dos sujeitos e testemunhas da História, e por outro, construídos na dinâmica do viver.

Consideramos que as experiências dos homens e mulheres que migram do Território dos Carnaubais no Piauí estão carregadas de sentimentalismo, medo, saudade, insegurança, resistência e coragem e é através das relações sociais, redes de sociabilidade, solidariedade que esses homens e mulheres possuem melhores oportunidades de se inserirem em regiões urbanas bem como estabelece uma função central na vida do campesinato, essas relações formam uma economia características dessas populações. Constatamos que as

migrações dos camponeses possuem muitas características e sentidos, devendo ser aprofundada ainda mais o estudo sobre as experiências de vida esses homens e mulheres.

A família se apresenta na vida de homens e mulheres como principal mobilizador tanto do ato de migrar como na dinâmica do retorno, seja ele temporário ou permanente. Homens e mulheres entrevistados destacam decisões tomadas a partir da influência que a família possui em sua vida.

Quando chega o momento de retornar, a ansiedade aflora no coração e a vontade de sentir o cheiro da terra, da liberdade de transitar em seu local, da alegria de rever a família e os amigos, alegre e enche de esperança, mas quando chega o dia de retornar para o destino longe da terra natal, a tristeza se instala, é uma sensação de “só estou voltando porque preciso”.

Ao afirmar: “Só estou voltando porque preciso”, é importante esclarecer que esse "precisar" ao qual me refiro não se relaciona necessariamente a questões financeiras. É evidente que a obtenção de bens está frequentemente ligada à migração; no entanto, o ato de retornar está associado a um bem maior, que é o projeto migratório individual de cada pessoa. Embora possamos identificar similaridades nesse processo, destaco a relevância de considerar que cada indivíduo e grupo familiar possui seus próprios projetos e necessidades. Essa diversidade é o que motiva as permanências e as partidas.

No dia 07 de novembro de 2023 pude presenciar um momento bastante marcante na vida de uma família migrante. O retorno para o local de destino, o trabalhador Jaisson juntamente com seu filho e esposa viajaram de cubatão para Cocal de Telha para reverem seus familiares e no início de novembro retornaram para Cubatão, a cena em que presenciei foi o dia em que eles retornariam, imagem 09.

IMAGEM 09: Família reunida para a despedida daqueles que vão retornar para Cubatão



Fonte: Arquivo Pessoal Natalia dos Santos Gomes, 2023.

Cadeiras de espaguete na varanda, os pais de Jaisson chegaram para se despedir, posteriormente os pais e o irmão de Nayara chegam, logo, um círculo se formou ao redor do filho do casal, Antony, de pouco mais de um ano, que dança e alegra todos que estão ansiosos pelo momento do até breve. O carro chega para levá-los para o aeroporto e em poucos minutos a alegria cede espaço para o choro. Naquele momento, Nayara esposa de Jaisson diz: “é tão diferente a sensação quando estamos retornando para nossa cidade, agora quando voltamos a sensação já é totalmente diferente” (Nayara, 2023).

A fala da sensação do retorno, retorno esse que é atribuído a alegria quando volta para sua terra natal e angústia quando retorna para São Paulo. A frase de Nayara revela uma profunda transformação emocional associada ao processo de migração e retorno à sua cidade natal. Ao enfatizar a diferença na sensação de voltar, ela sugere que a experiência da migração não apenas altera a realidade física, mas também provoca mudanças significativas na percepção e nos sentimentos.

Este é um dos fragmentos das tantas histórias vivenciadas na migração, as redes de apoio que conduzem as migrações influenciam no ir e no ficar, no decolar e no se arrancar em um lugar novo. O retorno para o lar, a casa, a terra natal é um momento de grande significado para os migrantes por ser onde encontram suas raízes, suas memórias e suas conexões mais profundas. A presença da família, dos amigos e a sensação de pertencimento são elementos essenciais nesse processo de retorno.

É importante destacar que o retorno dos migrantes para seu local de origem pode ser tanto temporário quanto definitivo. Alguns retornam periodicamente, seguindo as necessidades e exigências de seus trabalhos, enquanto outros optam por retornar permanentemente, buscando reconstruir suas vidas e reestabelecer seus laços familiares e sociais. As mulheres também desempenham um papel fundamental nesse processo de retorno dos migrantes. Elas, muitas vezes, acompanham seus maridos em suas jornadas, enfrentando desafios e superando obstáculos para garantir o bem-estar de suas famílias, como é o caso da Maria do Socorro. A rede de apoio familiar e a solidariedade entre mulheres migrantes são essenciais para enfrentar as dificuldades e celebrar as conquistas nesse caminho de retorno.

Em suma, o retorno dos trabalhadores migrantes para seu local de origem é um momento de emoções intensas, que envolve sentimentos de saudade, alegria, tristeza e ansiedade. É um momento de reconexão com suas raízes, suas origens e suas histórias de vida, que moldam sua identidade e influenciam suas escolhas e decisões. O retorno ao lar é um momento de reencontro consigo mesmo, com sua história e com sua essência, que permeia a

trajetória dos migrantes em busca de novos horizontes.

Pretende-se fazer uma análise sobre os trabalhadores-migrantes que retornam para seu local de origem, tanto definitivamente, quanto temporariamente. Esse contexto se apresenta como um retorno ao lar, à casa, ao cheiro de terra e à liberdade. O retorno dos migrantes pode ser a cada um ano, a cada três meses, e em alguns casos pode se estender por longos anos longe da terra natal conforme a empresa em que trabalhe, as relações estabelecidas durante o projeto ou do projeto migração que cada sujeito possui.

O ato de migrar está associado à própria condição humana e se ancora nos sonhos e expectativas em torno do lugar de destino como o retorno para o lugar de origem:

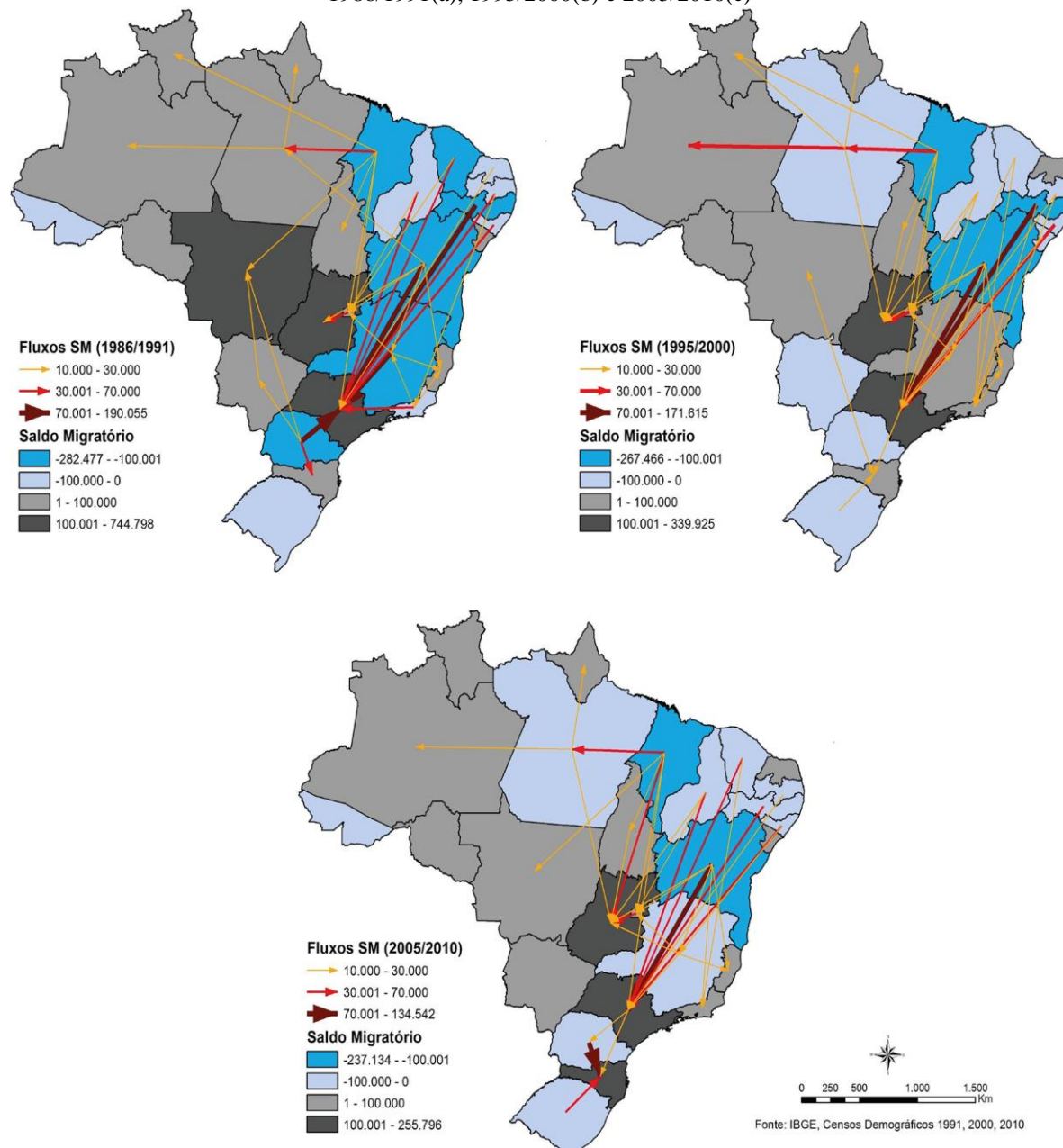
Ao longo de uma pesquisa realizada na França sobre as condições do retorno, denominada como reinserção dos imigrantes em seus países de origem - prática que os poderes públicos desejavam encorajar por meio especialmente de incentivos, - um pesquisador - investigador recebeu uma resposta muito procedente de um dos seus entrevistados, antigo trabalhador imigrante, a quem, em seu local de trabalho, ele havia perguntado: “Você quer retornar para sua terra, para seu país?” A resposta foi: “É o mesmo que perguntar a um cego se ele quer a luz!” A questão posta desta maneira já continha em si a resposta que se impunha como a única lógica, na medida em que, no fundo, ela convidava o entrevistado a voltar para a sua terra, para o seu país, o que é, na visão do senso comum, totalmente normal, inclusive natural (Sayad, 2000, p. 1).

O retorno para terra natal encerra o ciclo da migração, os migrantes querem voltar para sua terra natal, embora possam, até terem motivos distintos para migrarem o desejo de retorno para a terra natal sempre está presente no coração daquele que migra. Esse retorno frequentemente percebido como o encerramento simbólico do ciclo migratório, um desejo intrínseco que acompanha os migrantes ao longo de suas trajetórias, independentemente dos motivos que os levaram a partir.

Conforme destacado por Sayad (2000), a ideia de retorno é quase intuitiva, sendo considerada algo natural e inerente ao processo migratório. A resposta do antigo trabalhador imigrante na França, ao comparar o desejo de retorno ao de um cego pela luz, revela a profundidade desse anseio, que transcende razões práticas ou materiais, conectando-se a vínculos emocionais e culturais enraizados. Contudo, essa aspiração não é isenta de desafios, pois o contexto sociopolítico e as condições de reinserção no país de origem podem influenciar significativamente a concretização desse desejo. Dessa forma, o retorno é, ao mesmo tempo, uma busca por pertencimento e um processo marcado por negociações e adaptações, que podem reafirmar ou questionar a identidade do migrante.

A seguir apresento a imagem dos mapas dos fluxos interestaduais de retornados do Brasil nos últimos quinquênios 1986/1991(a), 1995/2000(b) e 2005/2010(c).

IMAGEM 10: Fluxos interestaduais referentes aos imigrantes retornados de Data Fixa: quinquênios 1986/1991(a), 1995/2000(b) e 2005/2010(c)



Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. Apud: Baptista, E. A.; Campos, J.; Rogotti, J. I. R.

Conforme a imagem 10, embora os fluxos migratórios permaneçam por todo o Brasil ao longo das décadas, em algumas regiões vêm ocorrendo um maior fluxo de retorno, embora seja um fenômeno permanente, o deslocamento da população de migrantes do Nordeste e do Piauí aparece com direcionamento para o centro e sudeste em temporalidades diferentes. Podemos atribuir este fenômeno às oportunidades de emprego concentradas na região, as redes familiares.

De acordo com a pesquisa, um dos motivos para redução de migrantes para São Paulo é atribuída a expansão de alguns polos industriais no Nordeste como o de Fortaleza. O trabalhador migrante, Mauro, que migrou para diferentes regiões do Brasil como São Paulo e Espírito Santo, revela o seu desejo atual de trabalhar em uma empresa de Fortaleza, o entrevistado que estava em sua folga de campo relata que pediu demissão na empresa que está atualmente trabalhando em Ouro Branco, Minas Gerais, para assim poder migrar para Fortaleza, ele destaca a preferência e diz:

Eu já pedi demissão, eles não querem me dar, já falei que vou ficar lá até dezembro, depois vou colocar meu currículo para Fortaleza. É bem mais próximo de casa, só 6 horas, posso estar vindo com maior frequência visitar minha família (Mauro, 2023).

Mauro enfatiza sua vontade de estar mais perto da família. A menção de que Fortaleza está "só 6 horas" de distância indica que a proximidade geográfica é uma prioridade para ele, sugerindo que os laços familiares são fundamentais em sua vida. Essa busca por proximidade pode ser interpretada como uma necessidade emocional, uma vez que a migração muitas vezes resulta em separações familiares que podem ser desafiadoras. O peão menciona que pediu demissão, mas que a empresa não quer liberá-lo. Isso sugere um ambiente de trabalho insatisfatório que o leva a buscar alternativas. O fato de ter decidido que deixará o emprego até dezembro indica uma determinação em mudar sua situação, mesmo diante de dificuldades.

Mauro demonstra um planejamento consciente para seu futuro ao afirmar que irá colocar o currículo em Fortaleza. Isso revela uma atitude proativa e uma disposição para buscar novas oportunidades que se alinhem melhor com suas necessidades pessoais e familiares. A migração para Fortaleza pode também sugerir uma busca por melhores oportunidades de trabalho, além da questão da proximidade familiar. Essa busca reflete uma realidade comum entre migrantes, que frequentemente se movem em busca de condições de vida e de trabalho mais favoráveis.

A fala de Mauro também destaca o impacto emocional que a migração pode ter sobre os indivíduos, a possibilidade de "visitar minha família com maior frequência" sugere que, para Mauro, a relação com seus familiares é uma fonte importante de suporte emocional, e a migração pode ser vista como uma forma de reconciliação entre suas aspirações profissionais e suas necessidades pessoais. O trecho ressalta a complexidade das decisões migratórias, que envolvem não apenas questões econômicas e profissionais, mas também profundas conexões pessoais e familiares. A fala de Mauro é um reflexo das dificuldades e anseios que muitos migrantes enfrentam ao tentar equilibrar suas vidas profissionais e pessoais.

Podemos atribuir este fenômeno às oportunidades de emprego concentradas na região, e às redes familiares. Nesse sentido, o trecho da entrevista com o trabalhador migrante, João, destaca uma série de elementos que refletem sua experiência como migrante, suas aspirações e desafios, bem como o desejo de retornar à sua terra natal após a aposentadoria.

Aí, mas eu sou armador de ferragens. Mas lá eu tô de limpeza urbana. Sou auxiliar de limpeza urbana. Mas, como lá diz, dá pra ir levando, dá pra ir comendo. Quem rica, ninguém rica mais, né? Aí eu pretendo lutar por lá enquanto eu consigo bater o martelo. Aí depois eu vou retornar pra minha, minha terra natal. Viver. Saber que eu vou ter que esse salarinho pra comer por mês. Pretendo, né? Fazer isso acontecer. Quero lutar pra ter uma casa própria lá. Quero lutar pra ver se eu consigo deixar umas duas casinhas pra entrar uma renda também. Porque pra casa própria é uma casa de vida. Quem tem uma casinha própria lá, a vida dá, é mais razoável o custo de vida. Também é um lugar que se trabalhar, tem sim, trabalhar. É um lugar que não acha que te dê nada. Até pra falar a palavra de ninguém estica a mão pra nada pra você. Nem aqui, nem aqui. Vou na casa da tia pequena e eu ganho caju, eu trago a manga. Lá em São Paulo não tem disso. Se você volta com uma sacola na mão com certeza que você passou no mercado ou passou numa feira (João, 2023).

João menciona sua ocupação atual como "auxiliar de limpeza urbana", e compara essa função com seu trabalho anterior como "armador de ferragens". É evidente que a migração o levou a um emprego que pode ser considerado menos qualificado ou até mesmo visto como um retrocesso em sua trajetória profissional. Isso pode ser um reflexo das dificuldades que muitos migrantes enfrentam ao tentar se reintegrar ao mercado de trabalho em um novo país ou região, onde suas habilidades e experiências anteriores nem sempre são reconhecidas ou valorizadas.

A fala de João expressa um anseio profundo por retornar à sua terra natal. O desejo de "lutar" por sua casa própria e o objetivo de estabelecer uma fonte de renda adicional retratam uma esperança de estabilidade e realização pessoal após anos de migração. O retorno não parece ser apenas uma questão de saúde e descanso após a aposentadoria, mas também uma busca por uma vida mais digna e satisfatória, que ele associa à posse de um lar. João menciona que, embora esteja "levando" a vida, a realidade financeira é desafiadora. Ele comunica um sentimento de insatisfação com a vida atual, onde até mesmo o sustento diário é uma luta. A ideia de que "quem tem uma casinha própria, a vida dá" sugere uma crença muito presente na cultura de muitos migrantes, onde a posse de um imóvel é um símbolo de segurança, pertencimento e um passo vital para a construção de uma vida mais estável.

No entanto, há um tom de solidão em sua narrativa. O fato de "ninguém estica a mão pra nada", ressalta a dificuldade de formar conexões significativas em sua nova comunidade. Essa sensação de isolamento pode ser um fator que aumenta o desejo de retornar,

uma vez que a familiaridade e o suporte de uma rede social em sua terra natal parecem mais atraentes do que os desafios da vida como migrante. Além disso, as aspirações de deixar "umas duas casinhas" como forma de garantir renda futura destacam a importância da família e das tradições em sua identidade. Para muitos migrantes, o ato de retornar e construir uma vida na terra natal é um objetivo claro.

Não só a casa, mas também a casa própria, se relacionam à ideologia familiar. De um lado, coloca-se o significado evidente de não pagar aluguel, pois este absorve uma parcela significativa da já míngua renda familiar. Ademais, o aluguel representa um gasto fixo para muitas famílias que se caracterizam pela renda instável e, frequentemente, dificulta a satisfação adequada de outras necessidades básicas, principalmente a alimentação. A casa própria significa, também, a garantia do futuro, pois, numa situação de mercado de trabalho instável, a perda do emprego poderia significar a perda da moradia, sempre que esta depende do aluguel, isto é, perde-se a casa como contrapartida material da família. A casa própria representa, também, uma reserva de valor a ser mobilizado em situações de crise, assim como uma garantia na velhice. Em muitos casos, a casa própria é a base para o estabelecimento de um negócio autônomo (no assim chamado "setor informal"), ou para a obtenção de crédito para a aquisição de bens de consumo duráveis. A casa própria, então, significa "capitalização", mais que consumo, pois ela pode se tornar fonte de renda, inclusive porque pode ser total, ou parcialmente, alugada (Woortmann, 1982, p.125).

A análise da citação de Woortmann (1982) evidencia como a casa própria ocupa um lugar central na ideologia familiar, especialmente para famílias de baixa renda. Para além de ser um espaço de moradia, a casa própria representa segurança econômica e social. O aluguel, ao absorver uma parcela significativa da renda familiar, compromete a satisfação de necessidades básicas como alimentação, enquanto a casa própria oferece estabilidade, sobretudo em contextos de trabalho instável. Além disso, ela serve como uma reserva de valor, podendo ser mobilizada em momentos de crise, sendo usada como base para negócios autônomos ou até mesmo alugada para gerar renda extra. Assim, a casa própria vai além da sua função de consumo, adquirindo o status de uma forma de "capitalização", fundamental para as estratégias de sobrevivência das famílias.

O relato de João (2023) dialoga diretamente com essa perspectiva ao revelar como ele enxerga a casa própria, como um pilar central de sua estratégia de vida e futuro. Embora atualmente atue como auxiliar de limpeza urbana, João expressa o desejo de retornar à sua terra natal, onde pretende investir na aquisição de uma casa própria e, idealmente, construir outras duas casas para gerar renda. Sua narrativa reflete não apenas a busca por estabilidade, mas também a valorização da casa própria como garantia de segurança na velhice e como meio de assegurar um padrão mínimo de vida para si mesmo.

Tanto na pesquisa de Woortmann quanto no relato de João, nota-se como a busca pela casa própria é um elemento fundamental na construção de estratégias de sobrevivência de trabalhadores migrantes como João. Seu projeto de vida envolve tanto a conquista de um espaço que represente segurança e estabilidade, quanto a possibilidade de gerar uma renda extra por meio do aluguel, ressoando com a análise de Woortmann sobre a casa própria como uma forma de "capitalização". Essa perspectiva não só reforça a importância do lar como espaço físico e emocional, mas também como um ativo econômico estratégico, especialmente em contextos marcados pela instabilidade no mercado de trabalho e pela precariedade das relações laborais.

Portanto, a casa própria, tanto na análise de Woortmann quanto na narrativa de João, é compreendida como um elemento estruturante na vida dos trabalhadores, funcionando como um símbolo de autonomia, segurança e planejamento para o futuro. Para os migrantes, como João, essa aspiração representa mais do que uma conquista individual: é um meio de garantir dignidade e continuidade diante das incertezas que marcam suas trajetórias de vida.

Em suma, a entrevista com João revela não só os desafios que muitas pessoas enfrentam ao migrar em busca de melhores oportunidades, mas também um forte desejo de pertencimento e realização. A ideia de retorno é carregada de significados, que vão além da mera geografia: envolve emoções, sonhos, a busca por dignidade e a construção de um futuro que valorize tanto a história pessoal quanto a coletiva. Esses elementos devem ser considerados ao analisar as experiências de trabalhadores migrantes e suas aspirações.

O retorno ao local de origem é frequentemente entendido como o fechamento do ciclo migratório, sendo apontado como o fim de um projeto de migração. Esse retorno é, em geral, uma decisão individual e faz parte de uma projeção feita por cada migrante ao longo de sua trajetória. Entre as formas de retorno mais comuns, destacam-se o retorno temporário e o retorno após a aposentadoria. No entanto, é importante notar que nem sempre o ciclo migratório se encerra da maneira planejada pelo migrante.

Apesar disso, observa-se que a maioria dos ciclos migratórios se encerra na terra natal, mesmo que o retorno não ocorra em vida. Uma prática recorrente, amplamente divulgada em jornais e redes sociais, é a realização de campanhas solidárias por familiares de migrantes para arrecadar recursos financeiros para o traslado de corpos. Essas ações têm como objetivo trazer os entes queridos de volta à sua terra natal, reforçando o simbolismo do retorno como um encerramento do projeto migratório.

IMAGEM 11: Manchete de jornal “Família pede ajuda para fazer translado do corpo de piauiense morto em SP”



Fonte: Jornal G1, 2023.

Um exemplo concreto dessa situação foi reportado pelo portal de notícias GP1, em uma matéria publicada em 11 de janeiro de 2023, imagem 11. A notícia relatava o caso de Kroslys Ferreira da Silva, um piauiense de 46 anos, natural de Teresina, que foi encontrado morto com diversas lesões pelo corpo em uma calçada na cidade de Jundiaí, São Paulo, em 4 de janeiro de 2023. Sua família, que residente em Teresina, organizou uma campanha para arrecadar fundos destinados ao translado do corpo de Kroslys ao Piauí, destacando mais uma vez o desejo de muitos migrantes e suas famílias de concluir o ciclo migratório na terra natal.

O retorno à terra natal, enquanto conceito simbólico e prático, é uma das dimensões mais complexas e emocionalmente carregadas do ciclo migratório. No relato reorganizado, o retorno aparece tanto como uma meta projetada pelo migrante quanto como um desejo coletivo compartilhado por suas famílias. Essa dinâmica reforça o caráter dual da migração, que pode ser vista enquanto fenômeno individual e coletivo, que conecta territórios por meio de redes de pertencimento e afetividade.

O retorno ao local de origem, mesmo que após a morte, reflete o forte vínculo emocional e cultural entre o migrante e seus familiares, sua terra natal. Esse aspecto é evidenciado pelas campanhas realizadas por familiares, que consideram o retorno como parte essencial do ciclo migratório. Em contextos como o do caso relatado, o retorno não é apenas uma questão logística, mas também simbólica, representando um reencontro com as raízes e com a comunidade de origem.

Embora muitos migrantes planejem seu retorno em vida, nem sempre o projeto migratório se desenrola conforme idealizado. As condições de trabalho, a precariedade e as vulnerabilidades enfrentadas durante o processo migratório podem alterar significativamente os planos iniciais. A notícia de Kroslys Ferreira da Silva exemplifica esse desfecho trágico, em que o migrante não retorna em vida, mas sua família se empenha em garantir que ele seja levado de volta ao seu lugar de origem.

As campanhas solidárias para traslado de corpos, frequentemente relatadas em mídias regionais, como o GP1, mostram como o ciclo migratório também mobiliza uma relação emocional. A solidariedade das comunidades, tanto no local de destino quanto na terra natal, reflete uma tentativa de ressignificar a perda e garantir que o ciclo migratório se encerre de maneira digna. Essa prática reforça o sentido de pertencimento e de identidade compartilhada entre migrantes e suas famílias.

O retorno, como um desfecho do ciclo migratório, é moldado por fatores econômicos, sociais e culturais. A análise do caso específico de Kroslys revela, não apenas as dificuldades enfrentadas pelos migrantes em grandes centros urbanos, mas também a precariedade das condições de vida que podem resultar em desfechos trágicos. Essa realidade contrasta com a ideia romântica do retorno, e acaba expondo as desigualdades estruturais que permeiam as trajetórias migratórias.

A análise do retorno no contexto migratório revela camadas de significado que vão além da mera logística ou do encerramento físico de uma jornada, se trata de um processo intrinsecamente conectado a questões de pertencimento, memória e identidade. Este aspecto destaca a importância de compreender o retorno como uma dimensão essencial da migração, com implicações emocionais e culturais profundas, tanto para os migrantes quanto para as comunidades envolvidas.

Independente de expectativa de retorno, o que gostaríamos de ressaltar é que a ligação com a terra natal é muito forte para os migrantes em geral. Mesmo para aqueles que estão há 20/30 anos afastados de sua origem, é frequentemente a volta para passear, momento em que se reforçam os laços de amizade e parentesco, mantendo viva, na sua memória, a cultura de sua terra (Menezes, S.P., J. S., H. J., 1990, p. 9).

Menezes *et al.* (1990) destacam a profunda conexão que os migrantes mantêm com sua terra natal, independentemente de qualquer expectativa concreta de retorno definitivo. Essa ligação é manifestada não apenas através do desejo de visitar o local de origem, mas também pela manutenção de laços de amizade e parentesco, e pela preservação da cultura local em suas memórias e práticas cotidianas. Essa perspectiva é amplamente corroborada pelas leituras e

análises realizadas ao longo desta dissertação, que investigam as experiências de migrantes de Cocal de Telha e a forma como o retorno, seja físico ou simbólico, desempenha um papel central em suas vidas.

No contexto dos trabalhadores migrantes estudados, observamos que mesmo após décadas vivendo em outros estados, como São Paulo, os indivíduos mantêm uma relação estreita com sua terra de origem. Essa relação se manifesta em visitas periódicas, durante as quais reforçam os vínculos afetivos e culturais, participam de eventos comunitários, nos quais estão a todo momento querendo se atualizar sobre as transformações ocorridas na região. Essas práticas não apenas fortalecem a identidade individual e coletiva dos migrantes, mas também contribuem para a continuidade de tradições e valores culturais que poderiam ser diluídos pela distância temporal e espacial.

A forte ligação com a terra natal pode ser compreendida à luz das dinâmicas emocionais e sociais que permeiam a experiência migratória. Conforme discutido em tópicos anteriores, a migração não implica necessariamente um rompimento total com o local de origem, muito pelo contrário, muitos migrantes mantêm uma relação ambígua entre o desejo de construir uma vida melhor no destino e a saudade da terra natal. Esse sentimento é alimentado pelas memórias, pelas narrativas compartilhadas com familiares e amigos, e pelas expectativas de retorno, mesmo que temporário.

A análise das entrevistas com os trabalhadores de Cocal de Telha revela que o retorno à terra natal é frequentemente idealizado como um momento de reconexão e reafirmação de pertencimento. As visitas são oportunidades para participar de celebrações, como festas religiosas e eventos familiares, que reforçam os laços comunitários e permitem aos migrantes reviver aspectos culturais significativos. Além disso, essas visitas servem como um meio de avaliar as possibilidades de retorno definitivo, considerando aspectos como oportunidades de trabalho e qualidade de vida, destacando a influência das relações familiares.

Entretanto, o retorno não está isento de desafios, os migrantes constantemente enfrentam mudanças significativas no contexto de origem, como transformações socioeconômicas, alterações nas dinâmicas familiares e até mesmo a perda de referências culturais. Essas mudanças podem gerar sentimentos de estranhamento ou desencanto, levando alguns migrantes a reconsiderarem a possibilidade de um retorno permanente. Apesar disso, a terra natal permanece como um elemento central na construção da identidade dos migrantes, servindo como fonte de apoio emocional e sentido de continuidade histórica.

A manutenção dos laços com a terra de origem também pode ser interpretada como uma forma de resistência às dificuldades enfrentadas nos locais de destino. Conforme discutido

anteriormente, os migrantes frequentemente lidam com condições precárias de trabalho, moradia e inserção social. Nesse cenário, a conexão com a terra natal oferece um contraponto positivo, reforçando o sentimento de pertencimento e identidade que são fundamentais para a resiliência diante das adversidades.

A dinâmica do retorno, mesmo que seja temporário, influencia as relações sociais e econômicas tanto no local de origem quanto no de destino. Os migrantes atuam como agentes de intercâmbio cultural e econômico, trazendo novas experiências, conhecimentos e recursos que podem impactar positivamente suas comunidades de origem. Ao mesmo tempo, essas interações reforçam redes de solidariedade e apoio mútuo, essenciais para a sustentação das estratégias migratórias.

Em síntese, a discussão de Menezes *et al.* (1990) evidencia aspectos cruciais das experiências migratórias, a permanência dos laços com a terra natal e a importância do retorno como elemento simbólico e prático na vida dos migrantes. Essa perspectiva é confirmada pelas análises realizadas nesta dissertação, as quais demonstram como os trabalhadores de Cocal de Telha mantêm vivas suas conexões com o local de origem, influenciando suas identidades, relações sociais e perspectivas de futuro. A compreensão dessa dinâmica é fundamental para uma análise abrangente dos processos migratórios e das estratégias de vida adotadas pelos migrantes em contextos de mobilidade.

Através dos relatos orais se identifica a luta desses trabalhadores para permanecerem e as estratégias que eles utilizaram para garantir a permanência no seu local de origem no período estudado. Permanecer no local de origem é o desejo do coração de cada migrante. Durante os anos de pesquisa da temática, sempre ao entrevistarmos essas pessoas todos dizem da sua grande vontade de não precisar migrar, de simplesmente ter como sobreviver e conquistar seus bens desejados em sua terra natal. Como vimos no decorrer do texto, logo ao completarem a maior idade esses homens e mulheres viajam com suas malas carregadas de expectativas e sonhos.

Ao longo da pesquisa falamos sobre as expectativas criadas, das redes familiares e do retorno seja ele definitivo ou temporário. Outro ponto importante que percebemos ao escutarmos sobre as experiências de vida desses sujeitos é quando falam suas estratégias para permanecer no local de origem. Os entrevistados Wanderson, Roquelme, Gilciê, Josean, Arimatéia e Raimundo voltaram para o local de origem e criaram uma estratégia para garantir sua permanência. Ao escutá-los percebemos que, na verdade, não há uma garantia de permanência e sim tentativas de permanência.

O entrevistado Gilciê revela que viajou algumas vezes e logo depois decidiu montar um bar, Wanderson viajou algumas vezes e montou uma lava-jato. Josean viajou uma única vez e montou uma loja de roupas, Raimundo viajou e quando retornou, passou a trabalhar na roça, mas todos deixam aberta a possibilidade de retornar a migrar.

A migração é na vida dessas pessoas a garantia de existência de seus projetos de vida. Ela sempre estará pronta para acolhê-los - como uma mãe que espera seu filho - de braços abertos. Alias, é um pouco pretensioso da nossa parte fazer essa comparação, porque a migração na verdade pode parecer esse refúgio, salvação e ponto de conforto, mas nos no decorrer desta pesquisa sabemos que está mais para um labirinto, cheio de armadilhas e caminhos porosos, pois cada história e projeto dependerá das relações e estratégias que se estabelecerão ao longo de suas trajetórias.

Retornar para a cidade natal e utilizar de estratégias para sua permanência é o que mantém essas pessoas motivadas a continuar. Essas estratégias são formas que esses trabalhadores encontraram para garantir seu sustento e permanecer no local de origem, evitando assim a necessidade de migrar. Mesmo sabendo das dificuldades e incertezas que envolvem a permanência, eles buscam alternativas e oportunidades para se estabelecerem e prosperarem em suas comunidades de origem perto de suas famílias.

É importante ressaltar que a decisão de permanecer no local de origem não é fácil, pois muitas vezes as condições econômicas e sociais não favorecem o desenvolvimento e a estabilidade dos trabalhadores. No entanto, através do empenho, da dedicação e da busca por oportunidades, eles conseguem criar meios de sustento e continuar lutando para construir uma vida digna em suas terras natais.

Portanto, a identificação das estratégias utilizadas por esses trabalhadores para permanecer no local de origem é fundamental para compreender as dinâmicas e os desafios enfrentados por eles nesse processo. Através dos relatos orais, é possível reconhecer a resiliência e a determinação desses indivíduos em construir um futuro melhor em suas comunidades de origem, mesmo diante das adversidades que enfrentam. Considerando além dos recursos econômicos, também destaca-se as relações com o seu local, sobretudo com sua família. A família dentro do contexto das experiências de vida estudados é o motor que desenvolve toda dinâmica do migrar.

4. NOTAS DE CONCLUSÃO

O mestrado me possibilitou ver além do óbvio, no início não conseguia me ver em um mestrado, não conseguia me ver em uma qualificação profissional almejada por tantos profissionais. Fiz a seleção e passei, incentivada pelo meu orientador da graduação que compreendia a importância desta qualificação. Acostumada a trabalhar em trabalhos informais, com baixa remuneração para me sustentar eu não compreendia o processo árduo que o caminho do estudo pode ser. A condição social nos obriga a sermos imediatistas, ou é assim que eu conseguia ver. Desde criança sempre tive problemas emocionais, transtorno de ansiedade, insegurança e nunca me dispus a enfrentar estes transtornos buscando ajuda de um profissional, sempre vivi de maneira a não considerar minhas condições emocionais, o que me prejudicou muito minha vida.

Recordo que no início do mestrado escutei uma frase “é démodé adoecer fazendo mestrado”, uma pessoa que já estava adoecida estava a escutar que não podia adoecer porque estava fora de moda, poderia ser um estímulo para procurar um profissional, porque o que diziam é que você tem que estar bem emocionalmente para viver bem os 2 anos de mestrado, e hoje a partir da minha experiência, concordo plenamente, mas eu fui teimosa, e vivi esses anos entre a cruz e a espada, tentei viver como havia feito por toda minha vida, seguir trabalhando, estudando, sem preocupar aqueles que amo, sem procurar ajuda. Nos anos do mestrado tive pessoas que amo doentes e até vindo a óbito, enquanto negligenciava meu emocional, até que cheguei a um colapso, viver com os que amo passou a não ter qualidade, primeiro porque eu não estava conseguindo lidar com meus transtornos e queria agir naturalmente, segundo porque o processo de me conhecer e me fortalecer foi árduo, e em meio a isso tudo eu tinha que compreender ideias de autores, pesquisar, e fazer uma dissertação, uma dissertação impregnada de sentido.

Pensei em desistir muitas vezes, mas sempre me lembrava que eu nunca tinha desistido de nada, e aqui estou, concluindo a dissertação (desabafo). Falar do processo de escrita da dissertação sem falar deste programa de pós-graduação é como não dar sentido a uma memória, como no livro “Memórias e sociedade: lembranças de velho” Bosi (1987), que aborda o sentido que damos as memórias daqueles que escutamos, dos fragmentos das nossas memórias e daquilo que reproduzimos das memórias. O PPGSC representa - na minha vida - a luz da compreensão, a partir das leituras, das reflexões compreendo melhor o meio onde estou inserida, consigo perceber que sou merecedora, e que mesmo com todos os desafios eu ocupei este espaço da maneira que pude estar, o programa me deu condições de permanência, tanto

financeira como suporte da minha orientadora, que sempre esteve ao meu lado neste processo, tentando conscientizar-me sobre como este processo pode mudar minha vida, como é valioso estar neste Programa.

Este trabalho buscou compreender as experiências de vida de trabalhadores migrantes de Cocal de Telha, no Piauí, que se deslocaram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Ao dar centralidade às narrativas e memórias desses sujeitos, a pesquisa não apenas evidenciou os desafios enfrentados ao longo do percurso migratório, mas também revelou estratégias de resistência, adaptação e pertencimento que atravessam gerações.

A análise demonstrou que, embora as motivações para a migração estejam frequentemente associadas à busca por trabalho e estabilidade econômica, as dinâmicas do deslocamento envolvem dimensões que vão além do aspecto material. Os laços familiares, as redes de apoio e as construções identitárias desempenham um papel fundamental na forma como os migrantes lidam com as adversidades e reconstróem suas vidas em novos territórios. Assim, o ato de migrar não pode ser reduzido a uma simples resposta às condições econômicas desfavoráveis por se tratar de um processo que carrega significados culturais, emocionais e históricos profundos.

Os resultados deste estudo visam contribuir para ampliar os debates sobre a migração nordestina, ao destacar que os trabalhadores migrantes de Cocal de Telha não são agentes passivos de um sistema desigual, mas protagonistas que, ao longo de suas trajetórias, moldam e ressignificam suas experiências. Suas narrativas trazem à tona a complexidade do fenômeno migratório, que é permeado por contradições, enquanto a migração oferece oportunidades, ela também expõe os sujeitos a precariedades, discriminações e desafios de integração.

No primeiro capítulo, foi evidenciada a relação entre a falta de acesso à terra e os períodos de seca no semiárido nordestino, que constituem fatores estruturais que impulsionam a migração. Essas condições, associadas à exploração histórica dos trabalhadores rurais por elites econômicas e políticas, contribuíram para a formação de um cenário de exclusão social dessas pessoas que acabou moldando as trajetórias migratórias. Nesse contexto, a migração se apresenta como uma alternativa de sobrevivência diante das condições adversas no meio rural.

No segundo capítulo, foram analisadas as dualidades presentes no ato de migrar. Embora a migração seja frequentemente idealizada como uma oportunidade de transformação de vida, as experiências cotidianas dos trabalhadores nos revelam o esfacelamento de sonhos diante de condições precárias de moradia, exploração no ambiente de trabalho e até situações de trabalho análogas à escravidão. A precariedade das relações de trabalho e a insegurança

habitacional enfrentadas em Cubatão, São Paulo, apresentam as dificuldades em concretizar as expectativas que motivaram o deslocamento. Por outro lado, os relatos também apontaram para estratégias de resiliência e esperanças de retorno, frequentemente representadas pela aquisição de bens como motos ou pequenas propriedades na terra natal, traduzindo um desejo de terem dignidade e segurança.

Para além da análise acadêmica, este trabalho também aponta para a necessidade de políticas públicas que atendam às demandas específicas dos migrantes. Garantir direitos trabalhistas, acesso à moradia digna, à educação e à saúde são passos fundamentais para minimizar os impactos negativos da migração. Além disso, é essencial desenvolver estratégias que valorizem a memória e as práticas culturais desses homens e mulheres, promovendo assim um sentido de pertencimento, tanto nos locais de origem quanto nos destinos.

Portanto, a dissertação conclui que a migração, longe de ser um processo homogêneo ou linear, está profundamente marcada por tensões, contradições, e características múltiplas. As vivências dos migrantes cocatelhenses revelam tanto a luta contra condições estruturais de desigualdade, como a busca por autonomia e melhores condições de vida. A conclusão deste trabalho é também um convite a futuras pesquisas que possam dar continuidade a essa investigação.

REFERÊNCIAS

Fontes:

ALVES DE OLIVEIRA, Josiel. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 14 jul. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Previdência. **Combate ao Trabalho em Condições Análogas às de Escravo**. Brasília, DF: Ministério do Trabalho e Previdência, 01 nov.2022. Disponível em: Combate ao Trabalho em Condições Análogas às de Escravo — Português (Brasil) (www.gov.br). Acesso em: 10 out. 2022.

CANTUÁRIO, Raimundo Antônio. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 29 dez. 2018.

DA COSTA, João. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 29 out.. 2023.

DA COSTA, Cícero Mauro. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 26 out.. 2023.

EXAME. **Construção civil lidera casos de trabalho análogo a escravidão**. Disponível em: <https://exame.com/brasil/construcao-lidera-casos-de-trabalho-analogo-a-escravidao/> Acesso em: 10 out. 2022.

GLOBO RURAL. Trabalho escravo na construção civil lidera com casos com 452 registros. **Globo Rural**. Disponível em: <https://globorural.globo.com/Noticias/noticia/2015/05/trabalho-escravo-construcao-civil-lidera-casos-com-452-resgates.html> Acesso em: 10 out. 2022.

GOMES, Liberato da Silva. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 29 dez. 2018.

JUSBRASIL. **MPF/MG: empreiteiro da construção civil é denunciado por trabalho escravo**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/mpf-mg-empreiteiro-da-construcao-civil-e-denunciado-por-trabalho-escravo/150630012> Acesso em: 10 out. 2022.

LAVRADOR. Jornal “**Lavrador**”, março-abril de 1981. Local de guarda: Comissão Pastoral de Terra, Piauí.

LOPES, Nayara Cantuário. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 26 out.. 2023.

MACÊDO SILVA, Gilciê. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 04 fev. 2019.

MORAES, Jeyson. Família pede ajuda para fazer traslado do corpo de piauiense morto em SP. **GP1**. Disponível em Família pede ajuda para fazer traslado do corpo de piauiense morto em SP - GP1 Acesso em: 10 out. 2022.

NOVO MILÊNIO. **Novo Milênio**: Histórias e Lendas de Cubatão. Disponível em: novomilenio.inf.br Acesso em: 10 out. 2022.

O ESTADO. Jornal “**O Estado**”, 1980. Local de guarda: Arquivo Público do Piauí “Casa Anísio Brito”.

OJEDA, Igor. A Lava Jato e o trabalho escravo: quem paga pela corrupção na construção civil. **Reporter Brasil**. Disponível em <https://reporterbrasil.org.br/2015/10/a-lava-jato-e-o-trabalho-escravo-quem-paga-pela-corruptao-na-construcao-civil/> Acesso em: 10 out. 2022.

OLIVEIRA, Jaime José de. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 14 mar. 2019.

OLIVEIRA, Joelson José de. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 29 ago.. 2024.

OLIVEIRA, Wanderson de Sousa. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 04 fev. 2019.

OLIVEIRA, Maria dos Remédios Alves de. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 29 ago.. 2024.

PIAUÍ. Secretaria do Planejamento do Estado do Piauí. **Mapa de potencialidades 2022**: territórios de desenvolvimento. Teresina: SEPLAN, 2022.

RODRIGUES, Jaisson Antônio da Silva. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 04 fev. 2019.

RODRIGUES, Jaisson Antônio da Silva. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 26 out.. 2023.

RODRIGUES, José de Arimatéia. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 12 mar. 2019.

SANTOS, G1. [Jovem morre com suspeita de leptospirose após ficar nove dias internado em Cubatão, SP, Santos e Região, G1](https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/02/13/jovem-morre-com-suspeita-de-leptospirose-apos-ficar-nove-dias-internado-em-cubatao-sp.ghml). Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/02/13/jovem-morre-com-suspeita-de-leptospirose-apos-ficar-nove-dias-internado-em-cubatao-sp.ghml> Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Maria do Socorro. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 30 nov.. 2024.

SILVA, Roquelme Martins da. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 12 mar. 2019.

SOUZA, Antônio Gomes de. **Entrevista concedida a Natalia dos Santos Gomes**. Cocal de Telha-PI, 30 nov.. 2024.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. O Nordeste das travessias. **Diário do Nordeste**, cidade, 28, dezembro 2021. Seção (caso exista). Disponível em: O Nordeste das travessias - Durval Muniz de Albuquerque Jr - Diário do Nordeste (verdesmares.com.br). Acesso em: 06/12/2022.

ARANTES, Antônio A. **Paisagens Paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

BACELLAR, Olavo Ivanhoé de B. **Crescimento populacional e dimensão migratória piauiense**. Teresina, Fundação CEPRO, 1987.

BAPTISTA, Emerson Augusto; CAMPOS, Jarvis; RIGOTTI, José Irineu Rangel. **Migração de Retorno**, 2017.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Lucas Ramyro Gomes. Camponeses na fronteira: as frentes de emergência e outras ações governamentais no combate aos efeitos da seca no Piauí (décadas 1970-1980). In: Cristiana Costa Da Rocha; Francivaldo Alves Nunes; Marcia Milena Galdez Ferreira. (Org.). **Brasis**: terra, trabalho e natureza. 01ed. TERESINA: EDUESPI, 2023, v. 481, p. 337-362.

BRITO, Lucas Ramyro Gomes. De Camponeses a operários: trabalho e cotidiano nas frentes de emergência de combate à seca no Piauí (1979-1983). In: Márcia Milena Galdez Ferreira E Cristiana Costa Da Rocha. (Org.). **O rural no meio norte** [recurso eletrônico]: terra, trabalho e cultura / – São Luís: Editora UEMA, 2022.v.496, p.394-423.

BRUNO, Regina. O Estatuto da Terra: entre a conciliação e o confronto. **Revista Sociedade e Agricultura**. V. 2, n. 2, 1995, p. 5-31.

CANDIDO, Antônio. A vida caipira tradicional. In: CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço.8.ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2008.

CASTRO, Lara de. Jornadas da fome: a rotina degradante dos trabalhadores-cassacos nas obras públicas durante as secas. **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 12, p. 1-24.

DAMIÃO DE SOUSA, Antônio. O homem e a terra: Ditadura Militar e latifundiários contra os camponeses. In: **Inscrito Memorialístico**. Campo Maior-PI, 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves: **História oral**: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 135p.

FERREIRA, Cesar Cunha; TORRES, Francisco Rodrigues, BORGES; Welington Ribeiro. **Cubatão**: Caminhos da história. Cubatão, SP : Ed. do Autor, 2007.

GALDEZ FERREIRA. Márcia Milena. Configurando o Espaço Social no Vale do Mearim: Terra, trabalho e migração. In: Márcia Milena Galdez Ferreira; Norberto O. Ferreras; Cristiana Costa da Rocha (Org.) **Histórias Sociais do Trabalho**: usos da terra, controle e resistência. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro, 2011.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MENDONÇA, J. H. (2011). **A mudança**: análise da ideologia de um grupo de migrantes. In: MENESES, Cláudia. **Ciência & Trópico**, 8(2). Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/248> Acesso em: 11 de set. 2023.

MENESES, Marilda Aparecida de. **Redes e enredos nos brilhos nas trilhas dos migrantes**: um estudo dos familiares de camponeses-migrantes. Relume Dumará Editora, 2002.

MENEZES, M. A. de, Pereira, S., Soares, J., & José, H. (1990). O retorno para a festa. **TRAVESSIA - Revista Do Migrante**, 3(7), 9–12. Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.i7.170> Acesso em: 11 de set. 2023.

PIAUÍ. Ministério Público do Trabalho. **Operação Resgate III**: no Piauí, trabalhadores são flagrados comendo tamanduás, MPT-PI.

PORTELLI Alessandro. O que faz a história oral diferente. IN: **Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 14, 1997.

RIBEIRO, Glaucy Meyre de Oliveira. Escravidão Moderna: **O trabalho escravo no setor da construção civil**, 2017.101 f.

ROCHA, Cristiana C. Os limites entre a exploração e a escravidão no Ciclo da Cera da Carnaúba. **Rev. Fac. Direito UFMG**, Belo Horizonte, n. 77, pp. 87-103, jul./dez. 2020.

ROCHA, Cristiana Costa da. **A vida da Lei, A Lei da Vida**: conflitos pela terra, família e trabalho escravo no tempo presente. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

ROCHA, Cristiana Costa da. **Memória migrante**: a experiência do trabalho escravo no tempo presente (Barras Piauí) 2010.184f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE).

SAYAD, A. **O retorno**: elemento constitutivo da condição do migrante. Travessia, São Paulo, Revista do Centro de Estudos da Migração, São Paulo, número especial, 21 p., jan. 2000.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Muracho-São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHIMITZ, A. **A migração como expressão da questão social**: um estudo a partir da população atendida no núcleo de apoio à família – rodoviário. (Trabalho de conclusão de Curso) Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: Microsoft Word - TCC Alice Schmitz.doc Acesso em: 11 de set. 2023.

SCOTT, James C. Formas Cotidianas de resistências Camponesas. IN: **Raízes**, v.21.n01, jan-jun. 2002.

SHANIN, Teodor. Lições Camponesas. In: Eliane Tomiasi Paulino, João Edmilion Fabrini. (Org.). Campesinato e territórios em disputa. 1ªed. **Editora Expressão Popular**. São Paulo, 2008, v.496, p. 23 a 47.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SILVA, S. R. A.; MENEZES, M. A. de. Memórias de infância e juventude de migrantes de retorno de São Paulo a Pernambuco. Resgate: **Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 20, n. 2, p. 25–35, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645743>. Acesso em: 11 de set. 2023.

SOUSA, Ramsés Eduardo Pinheiro de Morais. **Tempo de esperança**: camponeses no Piauí entre as décadas de 1950 e 1960. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015. Disponível em: *manual_cadeia_produtiva_da_carnauba.pdf (acaatinga.org.br) Acesso em: 11 de set. 2023.

THOMPSON J, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 35-51,1990.

WOORTMANN, Klaas."Casa e família operária". Anuário Antropológico/80. Fortaleza/Rio de Janeiro, UFC/TB, **Tempo Brasileiro**, 1982, p. 119-150.